



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA – PCL**

**A CLÍNICA DO ADOLESCENTE: VICISSITUDES DA ANGÚSTIA
E DA TRANSFERÊNCIA NO AGIR VIOLENTO**

LAÍS MACÊDO VILAS BOAS

Brasília – DF
2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA – PCL**

**A CLÍNICA DO ADOLESCENTE: VICISSITUDES DA ANGÚSTIA
E DA TRANSFERÊNCIA NO AGIR VIOLENTO**

LAÍS MACÊDO VILAS BOAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPsicc) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Deise Matos do Amparo

Brasília – DF
2013

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo.

Aprovada por:

Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo (Universidade de Brasília - UnB)
Presidente

Prof^a. Dr^a Luciana Gageiro Coutinho (Universidade Federal Fluminense - UFF)
Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Daniela Scheinkman Chatelard (Universidade de Brasília - UnB)
Membro Interno

Prof. Dr. Eliana Rigotto Lazzarini (Universidade de Brasília - UnB)
Membro Suplente

Tempo Perdido

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo

Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder

Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E Selvagem! Selvagem! Selvagem!
[...]

Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes
Acesas agora
O que foi escondido
É o que se escondeu
E o que foi prometido
Ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens

Tão Jovens! Tão Jovens!
(Renato Russo – Legião Urbana)

AGRADECIMENTOS

À Deise Matos do Amparo pela orientação, sensibilidade clínica, firmeza e acolhimento.

A todos os membros da banca, Daniela, Luciana e Eliana, pela atenta leitura e ricas contribuições.

A meu pai por me ensinar sobre a determinação, pelo seu pensar profundo e pela singular sensibilidade. A minha mãe, com a qual sempre me senti acompanhada, por me ensinar a viver com alegria e a astúcia necessária para se fazer uma pesquisa. A minha irmã que me ensinou sobre o amor e a ousadia e que me aguentou nos momentos de mau humor. A minha vó com quem aprendi a medida da minha força e a andar pelos tortuosos caminhos da vida.

Ao Rafael Gabriel Assis pela presença, pelas discussões teóricas, pela atenção carinhosa e por saber e aguentar todas as minhas loucuras.

Agradeço toda a minha família - avós, tias, tios, primos e primas - pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim até mesmo nos momentos em que eu não acreditei. Especialmente a minha prima Ana Maria pelo trabalho técnico de correção e principalmente por enriquecer meus pensamentos desde o dia que nasci. A minha tia Deni, a meu tio Lincoln e, novamente, a minha mãe, por me apresentarem a psicanálise e apostarem tão alto em mim.

À amizade de Ana Rosa, Carol Braga, Carol França, Cristina, Glenda, Larissa e Sheila pela escuta, pela disponibilidade, por me abrir novos horizontes, pelo divertimento e por fazerem parte da minha vida.

À Rosângela pela escuta psicanalítica.

À Michele Candiani pelo apoio teórico e clínico.

Ao pesquisador François Marty pelas valiosas contribuições.

À CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

Vilas Boas, L. M. (2013). *A Clínica do Adolescente: Vicissitudes da Angústia e da Transferência no Agir Violento*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Este estudo teve por objetivo fazer uma análise do agir violento com adolescentes. A partir da metapsicologia, através do estudo da concepção de adolescência, ato, angústia e agressividade; bem como da técnica psicanalítica, sob o ângulo da função do analista, por meio do trabalho com a demanda e o manejo transferencial. A adolescência é compreendida como um tempo lógico que é marcado pela reedição do Complexo de Édipo, por uma fragilização narcísica e pelo encontro com a não complementaridade dos sexos. No destino da angústia e da pulsão alguns adolescentes encontram uma saída pela via do ato de violência e pelos caminhos complexos da delinquência. O método utilizado foi o da construção de caso. Os sujeitos foram jovens em conflito com a lei em condição de internação e de liberdade assistida. Foram atendidos três adolescentes, sendo um deles, chamado de Tiago, apreciado de modo detalhado. Percebeu-se que o ato violento possui uma significação imersa no complexo edípico e na relação primordial com a mãe. Tiago aposta em ser o falo imaginário que tamponará o desejo do Outro. A delinquência é delineada por um encontro incestuoso com a mãe. O que caracteriza a delinquência como um ato incestuoso é também o que traz como consequência a exigência da presença de uma autoridade real, o pai. O crime mostra a precariedade de recursos simbólicos que exige do sujeito um ato que simbolize o Édipo. Por fim, é proposto que a angústia anuncia a redução do sujeito a um objeto e que a agressividade é uma defesa contra ser objeto. No eixo da técnica psicanalítica, aponta-se que o trabalho com o desamparo do sujeito pode ser um elemento norteador para fazer com que ele se mantenha em análise. Nesse sentido, compreendeu-se que o “tempo de espera” de um sujeito no espaço analítico permite um momento de elaboração e abre espaço para o manejo transferencial.

Palavras-chave: Adolescência, ato, agressividade, violência, angústia, transferência e demanda.

ABSTRACT

Vilas Boas, L. M. (2013).). *Clinical Adolescent Psychology: Vicissitudes of Anguish and Transference in Violent Actions*. Masters Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

The objective of this study was to analyze violent actions of adolescents, from a standpoint of metapsychology, through the study of the concepts of adolescence, actions, anguish and aggressiveness. Other objective is about the psychoanalytic technique, under the view of the analyst's function, through work with the demand and the management of transference. Adolescence is understood, under this perspective, as a logical period that is marked by the reediting of the Oedipus complex, narcissistic fragility and meeting the non-complementarity of sexes. In the destiny of anguish and drive, some adolescents find a way out through violent actions and the complex path of delinquency. The method used was the construction of case studies of youth in conflict with the law in the condition of inmates or under probation. Three adolescents were in treatment, but one of them, here called Tiago, was described in more detail. It was perceived that violent actions have meaning immersed in the Oedipus complex and the primordial relationship with the mother. The adolescent invests in being the imaginary phallus that will buffer the Other's desires. Tiago's delinquency is outlined by an incestuous encounter with the mother. What characterizes his delinquency as an incestuous act is also what brings the consequence of demanding the presence of a real authority, the father. The crime shows the precariousness of symbolic resources that demands from the subject an act that symbolizes the Oedipus. Finally, it is proposed that anguish announces the subject as reduced to an object and that aggressiveness is a defense to being an object. In the axis of the psychoanalytical technique it is pointed that working with the subject's distress may be a guiding element that will maintain him under analysis. Thus, it is understood that the subject's "waiting period" in the analytic environment allows for a moment of elaboration and makes room for transference management.

Key words: Adolescence, act, aggressiveness, anguish, transference and demand.

Sumário

Apresentação	9
Capítulo I Adolescência: A Trama da Sexualidade e o Drama Edípico	12
1.1 Freud: A Reedição do Édipo na Busca pelo Objeto.....	12
1.2 Gutton e o Golpe Pubertário: Genitalização, Fantasmas Incestuosos e Parricidas	27
1.3 Lacan: O (des)Encontro com o Feminino e a Vacilação da Imagem.....	30
1.4 Em Síntese	38
Capítulo II Estatuto do Ato e a Relação com a Angústia.....	40
2.1 O Estatuto do Ato em Psicanálise	40
2.2 Freud: Angústia, Afeto e Ato.....	45
2.3 Lacan e a Angústia: Eu, Objeto?.....	50
Capítulo III Construções Psicanalíticas sobre o Agir Violento/Agressivo	58
3.1 Freud: Da Violência Originária à Agressividade Atuada.....	58
3.2 Bergeret e a Violência Fundamental	64
3.3 Winnicott e a Tendência Antissocial.....	65
3.4 Lacan e o Ato Criminoso	67
3.5 O Delinquente na Redução Angustiante de um Corpo.....	72
Capítulo IV Do Método à Técnica Psicanalítica: A Construção do Caso Clínico	73
4.1 O Método Psicanalítico	73
4.1.1 O método da construção de caso	75
4.2 A Construção de Caso	79
4.2.1 O sujeito e o método	79
4.3 A Técnica Psicanalítica e seus Impasses no Atendimento Clínico de Adolescentes em Conflito com a Lei.....	81
4.3.1 O que Freud nos ensina?.....	81
4.3.2 A posição do analista: o manejo clínico da transferência negativa	86
Capítulo V Sobre uma Clínica Possível da Adolescência.....	98
5.1 O Trabalho sobre a Demanda	98
5.2. O Caso Tiago: A Angústia do Encontro com o Materno e o Pai como Escudo Possível.....	101
5.3 Um Encontro Incestuoso com o Objeto.....	104
5.4 Pai, não vê?.....	111
5.5 Crime, Angústia e a Agressividade	116
5.5.1 <i>Acting out</i> e passagem ao ato	120
5.6 Demanda e Transferência: Atualização da Cena	122
5.7 <i>Erwartung</i> como um Caminho para a Elaboração	127
5.8 Os Níveis da Transferência.....	131
Conclusão	133
Referências	137

Apresentação

A civilização nos mostra que para habitar o mundo é preciso que o sujeito se defronte com perdas marcadas pela impossibilidade de completude. Se os laços sociais são marcados por um buraco que impede o gozo pleno, a castração vai ser sempre um impeditivo para a satisfação completa dos desejos. Nessa dissertação iremos ressaltar que a adolescência, enquanto um tempo da constituição psíquica, é um momento essencial para tal angustiante constatação.

A investigação psicanalítica da adolescência é realizada de modo extenso, especialmente por não se vincular a uma faixa etária ou apenas as mudanças corporais (Pinheiro, 2001). A adolescência é pensada através de sua subjetivação, ou seja, das repercussões psíquicas geradas pelo encontro do sujeito com o pubertário. A aquisição de um novo corpo e os remanejamentos relativos ao narcisismo e a trama edípica comportam ressonâncias pulsionais. A maturidade adolescente revela um corpo apto à relação sexual, o que clarifica aquilo que estava borrado no período de latência, ou seja, uma repetição da vivência do Complexo de Édipo (Saviotto & Cardoso, 2006).

Desse modo, a adolescência é marcada por um excesso pulsional, em que, através da primazia das zonas genitais, a libido do objeto irá se reordenar. Porém, o encontro com o objeto é marcado pela impossibilidade da complementaridade. Coutinho (2004) propõe que a adolescência seja um encontro crucial do sujeito com o pulsional e o traumático. Nesse sentido, a angústia se sobrevém nesse tempo lógico da constituição psíquica.

A clínica convoca o analista a pensar em um trabalho com esse sujeito que se defronta com a angústia de um modo tão radical. Nessa pesquisa, buscamos um quadrante ainda mais específico, a dos adolescentes que abordam esse encontro por meio do ato delinquente, ressaltando sempre que a clínica com esses jovens é perpassada pelos mesmos elementos de qualquer processo adolescente. A proposta

dessa dissertação é analisar como se entrelaçam adolescência, angústia e precipitação ao ato no resultado final que é a agressividade; através de um estudo metapsicológico e essencialmente perpassado pelo atendimento clínico. Por isso, nos capítulos destinados à clínica, discutimos uma concepção tão crucial para o desenvolvimento da psicanálise, a saber, a transferência. Esse tema irá fornecer o sentido da clínica nesse trabalho, pois será o veículo utilizado para discutirmos sobre o tema da angústia nos adolescentes que comentem atos violentos, bem como analisar a peculiaridade dessa clínica.

A questão ampla que está no horizonte dessa dissertação é: Quais os entremeios do caminho que um adolescente em conflito com a lei opera em seu impacto pulsional e na invasão da angústia? O objetivo é analisar, a partir da construção de caso, o papel que o agir violento possui no funcionamento psíquico do sujeito adolescente, a partir das concepções de angústia e agressividade/violência, além da investigação do trabalho com a demanda e com o manejo da transferência.

O Capítulo I - Adolescência: A trama da sexualidade e o drama edípico - busca responder uma pergunta: qual o estatuto da adolescência para a psicanálise? Primeiro, foi realizada uma leitura atenta da obra freudiana com o intuito, não só de mostrar suas viradas e avanços teóricos, mas também de ratificar que são os casos clínicos que permitem a formulação das teorias freudianas ao mesmo tempo em que dão indicações sobre o estatuto da adolescência para a psicanálise. Essa dissertação, como um todo, visa esse entrelaçamento entre a prática clínica e a metapsicologia. Autores pós-freudianos também foram estudados principalmente no sentido de analisar dois pontos ressaltados por Freud, a saber, o destino pulsional, a partir dos moldes edípiacos, na adolescência e a certeza da não complementaridade dos sexos.

No Capítulo II, intitulado Estatuto do ato e a relação com a angústia, buscou-se as várias dimensões das concepções de ato, agir e ação na obra de Freud. O estudo das obras de Freud e Lacan apontou que a angústia é um dos eixos norteadores para o

estudo do agir delincente. Ao esmiuçar a relação entre ato e angústia desejávamos ter uma pista de como a agressividade e o agir podem ser relacionados.

No Capítulo III – Construções psicanalíticas sobre o agir agressivo – foi realizado um tímido mapeamento das concepções freudianas e pós-freudianas da agressividade e da violência para indicar o acento dado a um tempo primitivo, pré-édipiano. Ao mesmo tempo em que encontra um destino com Complexo de Édipo que não pode ser esquecido nos estudos com os sujeitos aqui em questão.

O Capítulo IV, chamado Do método à técnica psicanalítica: a construção do caso clínico, iremos analisar o método de pesquisa utilizado pelo Freud em suas elaborações. Para, em seguida, abordar o método utilizado nessa dissertação, a construção de caso. Partiremos da confrontação que a psicanálise é um saber em movimento, em eterna transformação. Esse capítulo aborda também a técnica psicanalítica especialmente a partir de dois eixos, a construção da demanda e o manejo da transferência. Estes foram elementos trazidos pela prática clínica, em que adolescentes em conflito com a lei dificilmente permaneciam no tratamento ou/e mantinham uma atitude hostil que, por vezes, levava o analista a abandonar a análise desses jovens.

O último Capítulo, que foi dado o título de Uma clínica possível, visa, a partir da explanação de casos clínicos, dar conta dos objetivos dessa pesquisa e principalmente abrir novas questões. Buscou-se uma resposta para o entrelaçamento entre angústia, agressividade e ato. Do mesmo modo que, esboçar um norte para a atuação do analista com adolescentes que, por vezes, são muito difíceis.

Capítulo I

Adolescência: A Trama da Sexualidade e o Drama Edípico

O estudo sobre a adolescência ocupa cada vez mais espaço nas pesquisas empreendidas pelos psicanalistas contemporâneos, que configuram esse tempo como um momento importante da organização da vida psíquica. O termo *adolescência*, no entanto, é, por várias vezes, sobreposto a *puberdade*, indicando que para tratar dos aspectos psíquicos o único elemento importante estivesse nas transformações corporais. É evidente que Freud não se dedicou a estudar a adolescência como um conceito ou como uma especificidade da psicanálise como o fez em relação ao infantil, porém em sua obra é possível encontrar algumas palavras que se remetem a essa fase da vida, como *puberdade*, *juventude* e até mesmo, *adolescente*. Na maioria de seus escritos é o termo *puberdade* que será utilizado quando se procura delimitar o campo da adolescência (Alberti, 2009). Diante dessas imprecisões, como poderíamos demarcar e conceituar a adolescência na psicanálise? Como parte do método intrínseco a essa perspectiva teórica, o resgate da história e da clínica é fundamental, uma vez que uma teorização possível da adolescência coincide com o próprio evento da psicanálise.

1.1 Freud: A Reedição do Édipo na Busca pelo Objeto

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895) se vê às voltas com o entendimento da Psicologia a partir de um paradigma científico-naturalista. Uma ampla gama de conceitos freudianos é esquematizada no *Projeto*, os quais receberam, nos futuros trabalhos, com o desenvolvimento da teoria e da técnica psicanalítica, diferentes abordagens. Dentre eles está a concepção de puberdade, que apesar de não possuir um tratamento sistemático na obra freudiana, encontra um papel relevante na teoria,

principalmente no que se refere à sua relação com a concepção de genitalidade e ao desligamento da autoridade parental.

Freud, no *Projeto*, aborda o tema puberdade a partir da clínica quando está explorando o Caso Emma, no qual mostra a formação do trauma em dois tempos, estando entre eles a condição da puberdade. Trata-se de uma jovem que o procurara para tratamento por não conseguir entrar em lojas quando estava sozinha. Neste caso, duas cenas que se passam em temporalidades diferentes são importantes. A Cena I refere-se a uma lembrança do momento em que Emma, com doze anos, pouco depois da puberdade, entrava em uma loja para comprar algo e dois vendedores riam dela, especificamente de suas roupas. Dentre eles, recorda que um a havia agradado sexualmente. No decorrer da investigação, surge nos relatos de Emma a Cena II. Quando ela contara oito anos, em uma confeitaria, o proprietário agarrou, por cima da roupa, suas partes genitais, rindo durante o ato. Mesmo assim, ela retornou à confeitaria e se censurou bastante por isso.

A hipótese freudiana é de que a Cena II despertou uma sexualidade que só pôde ser liberada após a entrada na puberdade, quando ocorrera a Cena I, mas que se transformou em angústia no sintoma de Emma. O que permanece inconsciente em Emma é o despertar de uma sexualidade (Cena II) que conseguiu ser liberada *só depois* (Cena I), momento em que a paciente estava passando pela puberdade.

Freud se depara com a explicação da defesa histérica, em que se recalca uma lembrança que só ganha seu valor traumático através de uma *ação retardada*, devido ao impacto da sexualidade pubertária: “Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não pôde suscitar quando ocorreu como experiência, porque, nesse entretempo, as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que era lembrado” (1895, p.410). A cadeia associativa explorada através da recordação mostra que há uma relação entre a sexualidade

pubertária e a infância. Uma lembrança é recalçada e, com o efeito do *a posteriori* da puberdade, ela se torna um trauma.

A puberdade está na etiologia das neuroses, na medida em que a alteração ocorrida no segundo momento pubertário faz com que as experiências vividas remontem às marcas infantis, de modo que seja reprimida uma lembrança que só com efeito retardado tornou-se trauma. A maturação orgânica é fundamental para que o segundo tempo ocorra. Este remete à lembrança anterior, delineando uma conjuntura que produz o caráter traumático do primeiro registro. A investigação das origens da neurose – histérica, no caso Emma – revela a puberdade como seu momento de eclosão a partir de uma visão lógica, e não cronológica, na relação do sujeito com o sexo. Este modelo não é exclusivo dos casos conhecidos como patológicos. Freud sustenta no mesmo texto que “Cada indivíduo adolescente porta traços de memória que só podem ser compreendidas com a manifestação de suas próprias sensações sexuais, todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria” (1895, p.411). Desde o *Projeto*, Freud já pensava no funcionamento psíquico a partir de uma dupla temporalidade através da concepção de uma *ação retardada*.

Em 1896, no estudo sobre *A Etiologia da Histeria*, a concepção de puberdade é igualada ao surgimento da sexualidade no indivíduo. A infância é denominada como um período pré-sexual, em que ocorreria o trauma a partir de uma experiência de irritação real dos órgãos sexuais, numa atividade semelhante à copulação. É só em um tempo posterior à puberdade, e permitido pela eclosão sexual pubertária, que tais excitações impelem um retorno dos traços mnêmicos traumáticos infantis, em uma busca pela descarga afetiva que prepara o terreno para a histeria.

O caso Katharina (Breuer & Freud, 1893-1895) mostra a convicção freudiana sobre a origem da histeria. Trata-se do encontro de Freud, durante suas férias de verão, com uma jovem de 18 anos que pede sua ajuda para tratar de um problema nos nervos. O sintoma foi percebido como uma crise de angústia, afinal ela era tomada por uma

falta de ar, acompanhada da sensação de que iria morrer e a convicção de que alguém chegaria atrás dela e a agarraria. Freud já possuía a suposição de que tais crises em jovens “virginais” eram consequência do primeiro encontro com a sexualidade. É com essa hipótese em mente que as intervenções são realizadas. Aos 16 anos, Katharina viu uma cena que, apesar de não compreender, causou nela reações físicas parecidas com as de seu sintoma: deparou-se com seu tio deitado em cima de uma moça. Ela recordou-se ainda de um momento anterior a essa primeira cena: o mesmo tio havia investido sexualmente sobre Katharina, o que a fez tomar um susto e rechaçá-lo. Novamente, ela não percebeu o cunho sexual deste evento. Katharina possuía dois blocos de experiências que permaneciam incompreendidas em seu caráter sexual, mas que, para Freud, mantinham uma evidente ligação. O sentimento de repulsa, mostrado no corpo a partir do sintoma – crise de angústia –, era decorrente do despertar da primeira cena aqui relatada. Ao ver uma cena sexual do tio com uma moça, ela se recordara das suas investidas e de sentir o corpo dele.

Na discussão do caso, Freud mantém sua conclusão acerca da origem da histeria. Ele afirma que a neurose histérica está baseada em um trauma sexual porque, apesar de não produzir um efeito na criança – fase pré-sexual –, ela ganha o caráter traumático no momento em que a mulher pode compreender a vida sexual. Para Freud, um aspecto fundamental da neurose é a inaptidão do jovem para lidar com uma exigência erótica. As lembranças trazidas por Katharina não envolvem sua infância, mas sim um período da adolescência em que ela ainda estava em uma fase pré-sexual¹. Tal separação leva a divisão dos elementos psíquicos entre eventos: os que podem e os que não podem possuir a compreensão do cunho sexual envolvido. Tal processo é “normal no desenvolvimento do adolescente” (p.159), acarretando perturbações psíquicas quando o

¹ Nesse caso clínico, Freud propõe que a fase pré-sexual, em que não há o entendimento da sexualidade, pode ser prolongada até a mulher se casar.

ego recepciona a percepção da sexualidade devido a uma nova experiência, a um evento que anteriormente era inocente.

Nesse momento, Freud, lança uma questão importante para a elaboração da sua teoria sexual posterior. Pergunta-se se a divisão dos conjuntos psíquicos (com e sem a compreensão do sexual) é consequência de uma ignorância, ou seja, de uma falta de conhecimento sexual por parte do adolescente, ou se é efeito de uma rejeição consciente. Nesse momento Freud começa a supor que talvez os adolescentes, que ainda estariam numa fase pré-sexual, conheçam mais sobre a sexualidade do que ele pensara.

Em meados de 1900, a preocupação com a elaboração da teoria da sexualidade fica adormecida, e em seu lugar a grande preocupação freudiana se volta para os sonhos. Percebe-se esse momento quando se pondera sobre o texto *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905), em que Freud relata o atendimento, realizado em 1900 e cuja duração foi de três meses, de uma jovem de dezoito anos. Este, no entanto, foi publicado somente em 1905 e ficou conhecido pelo pseudônimo dado por Freud, o Caso Dora. O trabalho evidencia esse momento de busca por demonstrar, a partir de um caso clínico, sua teoria dos sonhos e como esta poderia ser aplicada à cura da neurose, ao mesmo tempo em que basculava suas concepções sobre a sexualidade. Não à toa, o título original seria “Sonhos e histeria”, apontando para o principal eixo, a interpretação de dois sonhos.

Vamos trazer um resumo do caso para, em seguida, trabalharmos a concepção de sexualidade nele. Dora tinha dezoito anos, um irmão mais velho, mãe e pai. O pai decidiu buscar por um tratamento após encontrar na escrivãzinha da filha uma carta que parecia de suicídio, em que Dora afirmava não suportar mais viver. Além disso, ela se relacionava muito mal com sua mãe e seu pai.

Os pais da jovem mantinham uma forte relação com um casal, chamados de Sr. K e Sra. K. Ao passar uma temporada na casa dos K, Dora recebe uma proposta amorosa do Sr. K, em um passeio no lago. Ele diz à moça: “Sabe, não tenho nada com

minha mulher” (p.97), e ela reage dando-lhe uma bofetada no rosto. Como consequência disso, ela pede para retornar para casa com seu pai antes do previsto e conta o acontecido para sua mãe. O Sr. K afirma que o relato da moça fora resultado de sua imaginação e sua leitura de livros proibidos – de conteúdo sexual. A menina insiste no rompimento do relacionamento com a família K, mas o pai afirma ser impossível, pois eles possuem com a Sra. K um estreito laço de amizade.

Em seus relatos, Dora fala de outra cena anterior a esta, de quando tinha quatorze anos, essencial pelo seu caráter traumático e prazeroso. O Sr. K marca um encontro com ela e procede de tal modo que eles ficam sozinhos. Ele força um beijo e a moça foge sentindo repulsa. Os dois guardam o acontecimento em segredo e mantêm o relacionamento normalmente. Tal cena “é a única conhecida durante o período pré-sexual.” (p.40). Para a moça era evidente que o pai e a Sra. K mantinham uma ligação amorosa, mas ninguém parecia se incomodar com isso. Ao mesmo tempo, o Sr. K via o caminho livre para cortejar Dora e, desse modo, ela se percebia como uma moeda de troca de um acordo entre os homens.

A tosse é fortemente investigada por Freud na ligação com o pai. Em uma troca de palavras que ganha sentido somente no alemão, ao dizer que seu pai era um homem de posses, Dora oferece o sentido contrário, afirmando que ele é impotente sexualmente. Então, o relacionamento com a Sra. K só poderia ser baseado em outras áreas erógenas. Assim, a tosse de Dora se relaciona com a satisfação do pai enquanto uma fantasia de prazer com o sexo oral. A impossibilidade de perdoar o pai coloca a Sra. K como uma grande rival, e tal posição edípica de Dora é encoberta pela repressão do amor pelo Sr. K. Posteriormente, Freud reconhece a tendência homossexual de Dora tanto pelos elogios que a menina destina à Sra. K quanto pelo sentimento de traição que a acomete quando a sua leitura de livros proibidos é revelada por ela. O ciúme que sentia era da Sra. K.

A pretensão de Freud é que este caso clínico funcione como uma continuação de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), mas também é possível perceber implicitamente uma ligação com os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905a) a partir de noções e concepção sobre a sexualidade. A rede das identificações na histeria possibilitou a Freud o reconhecimento da corrente homossexual nas neuroses (Franco, 2000). A sexualidade atravessa todo o caso, como na tosse que trata da oralidade em relação a seu pai, a repugnância com relação aos homens expressando sua sexualidade e todos os elementos que tratam do órgão sexual feminino.

Despontar na teoria freudiana a concepção de que elementos da vida infantil influenciam na sexualidade desvela uma noção de sexualidade que difere da conhecida fase pré-sexual. Há sexualidade no infantil, por exemplo, na fantasia de felação de Dora (Celes, 1995). Afinal, Freud conclui que a fantasia perversa da sucção do pênis tem a mais inocente origem que é a sucção do peito da mãe.

A teoria da sexualidade não é a preocupação principal de Freud, pois, apesar de possuir características que aproximam Dora dos *Três Ensaios*, como a relação entre perversão e neurose na fantasia de felação, ainda existem elementos que se baseiam na concepção de puberdade enquanto apresentação da sexualidade no indivíduo. Por exemplo, a utilização do termo *pré-sexual* e a afirmação nas notas preliminares de que a explanação do caso visa também fundamentar e pormenorizar a patogênese dos sintomas histéricos elaborado nos *Estudos Sobre a Histeria* (1893-1895).

Nos *Três Ensaios Sobre a Sexualidade* (1905a), a sexualidade infantil ganha um novo e revolucionário estatuto para a teoria psicanalítica. Este é o texto em que Freud decide ir contra a noção da época – e também sua em textos anteriores – de que a puberdade dava início à sexualidade. Freud reviu a tese do lugar da puberdade na constituição psíquica. A puberdade leva a vida sexual infantil à sua conformação definitiva a partir do primado das zonas genitais e da escolha objetal, ambas prefiguradas na vida infantil. Ela reordena todas as zonas e permite que o sujeito realize

escolhas objetais fora de seu próprio corpo, saindo do autoerotismo. É o incremento da pulsão sexual com a primazia da zona genital.

Então, retira-se da puberdade a função de apresentar ao ser humano aquilo que é da ordem da sua sexualidade. Mas, por outro lado, não é negada a novidade pulsional da puberdade nem a sua característica de segundo tempo. Na terceira seção deste texto, intitulada “*As Transformações da Puberdade*” (p.196), Freud se dedica a sustentar que a puberdade possui um alicerce biológico ao colocar um grande peso sobre os fatores constitucionais quando trata das correspondências orgânicas para eventos psíquicos, da química e das glândulas na deflagração da puberdade, talvez em uma tentativa de garantir a universalidade da teoria psicanalítica da sexualidade (Matheus, 2007).

Todas as pulsões parciais se prendem ao mesmo jugo, ao primado das zonas genitais. A tensão sexual faz a exigência de um aumento de prazer, e só a puberdade faz emergir o aparato para um prazer final – diferente do pré-prazer infantil – e novo. Em outras palavras, a genitália, mediante uma excitação externa ou interna, está preparada para o ato sexual. Se a fisiologia parece tão clara a Freud, o processo de desenvolvimento da puberdade ainda carece de elucidação, afinal estas “transições intermediárias ainda nos são obscuras em muitos aspectos” (Freud, 1905a, p.197). Na exigência de um prazer maior, a libido do ego começa a ser investida psiquicamente em objetos sexuais e converte-se em *libido do objeto*. Na busca por um objeto, para levar a cabo sua capacidade fisiológica de reprodução, o indivíduo depara-se com a diferença sexual, além de as transformações fisiológicas pubertárias propiciarem o momento em que as características masculinas e femininas demarcam uma nítida separação.

Os *Três Ensaios* (1905a) proporcionam uma virada no que se refere à pulsão sexual infantil, porém a puberdade não perde seu valor de segundo tempo na constituição do trauma a partir da origem infantil. Na teoria freudiana o trauma ainda aparece enquanto um efeito do *a posteriori* mediante as transformações pubertárias em

um sujeito que já vivenciou o Complexo de Édipo e de castração, elementos que se passam em uma infância que não é mais desprovida de sexualidade.

Posteriormente, Freud (1923), em um trabalho chamado *A Organização Genital Infantil*, faz uma análise sobre a genitalidade na infância e na puberdade. A insatisfação freudiana com o postulado de que a vida sexual infantil não efetuaria de modo completo, ou por vezes de modo algum, a primazia dos órgãos sexuais, levou-o a afirmar que:

[...] mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. (p.158)

Então, a genitalidade não é a novidade da puberdade, mas de qualquer modo entre esses dois tempos, a infância e a adolescência, existe uma enorme diferença. Freud conclui que a organização genital infantil² considera somente o órgão genital masculino, há uma primazia do *falo*. Na infância a antítese “é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado” (Freud, 1923, p.161). A oposição entre masculino e feminino só é posta no momento em que o indivíduo vai escolher um objeto, ou seja, na puberdade. “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade” (p.161).

Mesmo na sexualidade infantil da menina, é o paradigma masculino que entra em consideração – é o clitóris que envolve a atividade fálica. Nesse sentido, Freud (1923) afirma que a sexualidade da mulher na puberdade tem um elemento a mais, é preciso que ela troque de zona genital, do clitóris para a vagina. O clitóris seria o análogo ao órgão sexual masculino, tendo em vista que a vagina, na infância, potencialmente não existe. É na puberdade que esse órgão começa a produzir sensações,

² A aposta na genitalidade anterior à puberdade se dá pela constatação de uma curiosidade sexual, do temor à castração e da primazia fálica.

que o caráter feminino, a vagina, entra em questão. Esse complicador, o feminino, que faz a certeza fálica bascular, não é só para as mulheres, pois os homens também tem que se haver com esse encontro.

A conceituação do que seria o feminino na obra de Freud é um tanto obscura e contraditória. Em 1905, Freud afirma que a libido possui uma única essência masculina e que a diferença sexual seria baseada em um falicismo. Em outras palavras, nesse início fica evidente que a própria teoria se baseava no paradigma masculino.

Apesar de várias vezes fazer uma equivalência com a passividade, em 1932-1933, Freud afirma: “A distinção [entre masculino e feminino] não é uma distinção psicológica; quando dizem ‘masculino’, os senhores geralmente querem significar ‘ativo’, e quando dizem feminino, geralmente querem dizer ‘passivo’. Ora, é verdade que não existe uma relação desse tipo” (p.115). Se partirmos do Complexo de Édipo da menina algumas indicações sobre a feminilidade podem ser retiradas a partir do texto *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (Freud, 1925). Primeiro, o complexo de castração precede ao Complexo de Édipo e a prepara para a entrada neste. Segundo, a menina desenvolve a inveja do pênis, que possui consequências que, sem dúvida, fazem parte de uma ordem fálica/masculina, a saber, o sentimento de inferioridade, o ciúme e atividades masturbatórias do clitóris. Para o desenvolvimento da feminilidade é preciso que ela abandone aquilo que é operado através do falicismo, como a descoberta da vagina – no lugar da fixação no clitóris – e o deslizamento de objetos, saindo da inveja do pênis para o desejo de ter um filho. No reconhecimento de dois sexos masculino/feminino – no lugar do masculino/castrado –, Freud intuiu que há uma especificidade da sexualidade feminina, mas qual seria? Neri (2005) acredita que “Freud mostra que a construção do feminino se revela particularmente difícil e complexa, apresentando-se como um destino enigmático e incerto, um tornar-se ou não mulher.” (p.183).

Porém, podemos fazer uma leitura da *Sexualidade Feminina* (1931), em que a feminilidade decorre do reconhecimento da castração, não como um infortúnio da própria menina, mas enquanto uma característica do humano, o que permite um deslizamento de objetos. O feminino está em ambos os sexos, enquanto uma operação que está para além da lógica da castração/fálica. Um dos desdobramentos sobre o feminino na psicanálise continuará a ser trabalhado posteriormente neste capítulo.

Nesse momento, vamos retomar a busca do objeto para Freud para lembrarmos que ele afirma que esta é, na verdade, um reencontro. Apesar de não tratar, nos *Três ensaios*, explicitamente do Complexo de Édipo, Freud aproxima-se desse tema ao trabalhar a dimensão incestuosa do reencontro com a imagem mnêmica da mãe no rapaz, na relação entre os vínculos infantis e na eleição de objetos. É no campo das fantasias e das escolhas objetais que o sujeito põe em ato seu desejo de reencontro. A eleição de novos objetos é realizada a partir das marcas infantis.

A escolha objetal acontece em dois tempos, um antes e outro depois da latência. Sua dupla temporalidade, trabalhada desde o *Projeto* na obra de Freud, é marcada pelos rastros da “pré-genitalidade”, caracterizando a sexualidade humana e a constituição do aparelho psíquico. Matheus (2007) afirma que Freud reserva esse lugar à puberdade, é o momento da segunda ativação sexual, já anunciada em 1905 quando Freud diz de *um prazer novo* decorrente de uma *diferença de natureza* e uma satisfação de maior intensidade. Há uma reordenação direcionada pela função sexual, é na puberdade que a imagem mnêmica da mãe é perseguida em novos enlances.

A barreira do incesto é relacionada à impossibilidade física da concretização incestuosa, ou seja, ao retardo da maturação sexual. Matheus (2007) comenta que esse cotejo denota que a interdição infantil se sustenta numa incapacidade física concreta, mais do que simbólica ou subjetiva. Se a interdição se baseia na desproporção maturacional, a puberdade representa uma forte ameaça pela possibilidade de concretização das fantasias incestuosas.

A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo Numa Mulher, publicado por Freud em 1920a, trabalha a complexidade da escolha objetal e seu enlaçamento com o Complexo de Édipo. Trata-se do caso clínico conhecido como “A jovem homossexual”, relatando uma moça de dezoito anos caracterizada como inteligente, bonita e pertencente a uma família respeitada de Viena. Ela, porém, começou a preocupar seus pais a partir de uma adoração por uma dama mais velha. Apesar de ser dotada de bom senso vienense, ela confirmava que, por vezes, estava em companhia dessa dama que pouco se importava com os bons costumes. As tendências homossexuais da filha despertaram fúria em seu pai. Certo dia ele a encontrou caminhando com essa dama e as direcionou um olhar cheio de ira, e imediatamente a paciente se atirou em direção à linha do trem.

É sobre a escolha do objeto que a explanação desse caso nos servirá agora. Essa questão ganha foco desde o início quando Freud se questiona sobre o possível trabalho de análise a ser realizado. A demanda por tratamento inicialmente era da família, que estava incomodada com a atração sexual da filha por uma senhora. De fato, a própria jovem não se queixava de sua homossexualidade, e mesmo afirmando ser incapaz de se enamorar de outra maneira, decidiu ajudar no tratamento por causar desgosto aos pais. Freud se depara com a dificuldade de convencer – a pedido dos pais – a jovem de que sua homossexualidade não era aceita socialmente e fazê-la poder abrir caminhos para outro objeto de prazer. Afinal, a escolha de objeto em sua complexidade não depende da capacidade de convencimento do analista.

Nesse sentido, Freud se centra sobre a origem da homossexualidade. Desde o início do seu trabalho já afirma que “o que certamente tem importância maior é a jovem, em seu comportamento para com seu objeto amoroso, haver assumido inteiramente o papel masculino [...]” (Freud, 1920a, p. 165). Tal atitude masculinizada é caracterizada como a humildade, valorização do objeto sexual e a preferência por ser o amante, no lugar do amado.

A explicação encontrada trata dos caminhos da puberdade para a reatualização do Complexo de Édipo infantil. Foi nessa fase, em que o desejo de ter um filho de seu pai encontrava espaço em seu inconsciente, que sua maior rival, a mãe, engravidou e teve um filho do marido. Ressentida e com desejo de vingança, ela se afasta totalmente dos homens, rechaça sua feminilidade e procura novos caminhos para escoar sua libido. Ao perceber que a atitude homossexual deixava o pai furioso a jovem encontrou um modo de vingança. Enfim, parte da discussão freudiana está em compreender o *hermafroditismo mental* (atitude masculina e feminina), desvelando os entremeios da revivescência do Complexo de Édipo, no período da puberdade, enquanto fundamental para a escolha de objeto.

Sobre esse aspecto da escolha sexual do objeto, Winnicott (1975) coloca que está incluída na imaturidade adolescente e na maturidade adulta. Se a primeira possui sua marca de tensão na sexualidade adolescente, a segunda está caracterizada pela aceitação da “escolha de objeto, a constância objetal, a satisfação sexual e o entrelaçamento sexual” (p.200). Ao mesmo tempo em que a imaturidade é considerada por Winnicott a maior vantagem da adolescência pela sua “liberdade de ter ideias e de agir segundo seu impulso” (p.202), também é processual e demanda tempo para a realização da escolha sexual.

Outro fator essencial, apontado por Freud já em 1905, é o desligamento da autoridade dos pais, entendido como o evento mais significativo e doloroso da puberdade. Este vem a demarcar a diferença de gerações. Sem dúvida, há uma forte ligação entre a desistência de realização das fantasias incestuosas e o desligamento da autoridade parental.

Sobre o distanciamento dos pais, no texto *Romances Familiares*, Freud (1908a) toma a puberdade como referência. Não em seu aspecto da imposição biológica de uma nova escolha de objeto, mas em relação ao objetivo *erótico e ambicioso* da fantasia no desligamento com a autoridade. A criança pequena toma seus pais como fonte de todo o

conhecimento, porém em seu desenvolvimento conhece outras famílias e começa a “pôr em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuía” (p.219). O indivíduo elabora o seu romance familiar neurótico, que pode incluir as mais variadas fantasias, desde a substituição por pais melhores até a infidelidade materna. A atividade de fantasiar, ambiciosamente, busca certa autonomia frente aos progenitores, tomando-os como modelo parental inscrito na primeira infância, ao mesmo tempo em que busca por outros exemplos a ser equacionado na constituição dos ideais (Matheus, 2007).

Em *Algumas Reflexões Sobre a Psicologia do Escolar*, Freud (1914) trabalha o desligamento dos pais na juventude e as outras relações no mesmo período da vida, atravessado pelas marcas do Complexo de Édipo. Já no fim da infância o menino mantém contato com várias pessoas fora do núcleo familiar e não pode deixar de perceber o quão elevado era o seu primeiro ideal paterno. Assim, ele se apressa em desligar-se desse ideal infantil e começa a criticar e avaliar comportamentos dos pais. É nessa fase em que o jovem entra em contato com outras figuras de autoridade, porém em seus relacionamentos o menino não é uma folha em branco, ele traz seus traços infantis e edipianos e investe nos substitutos parentais as ambivalências de sentimentos que experimenta em relação aos seus pais.

Ao percorrer o caminho freudiano sobre a adolescência, percebe-se que em um primeiro momento a puberdade é igualada ao início da vida sexual. Depois, a sexualidade infantil e as concepções que permeiam o Complexo de Édipo alteram radicalmente esse lugar dado às transformações pubertárias. Enquanto um segundo momento da sexualidade, a puberdade, fica como pano de fundo, mas mantém sua importância para a constituição do aparelho psíquico.

O texto dos *Três Ensaio*s é um tratado privilegiado para analisar as transformações pubertárias pela sua associação com as fantasias incestuosas, com o desligamento da autoridade parental e com a configuração definitiva da vida sexual (Matheus, 2007). Coutinho (2009) retoma esse mesmo texto de Freud e, a partir do

redescobrimto do objeto em um rearranjo pulsional, afirma que: “[...] o reencontro com o objeto, típico da puberdade, implica uma retomada das fantasias edípicas após a latência, de modo que se recoloca o problema da interdição e da reelaboração narcísica necessária a torna-la operante no plano psíquico” (p.98). As transformações pubertárias, no entanto, enquanto orgânicas, não podem ser excluídas do estudo de Freud, porém não conseguem sustentar uma causalidade linear da adolescência. É preciso estar atento às várias formulações freudianas com relação à primazia da zona genital proporcionada pela puberdade. Pois essa genitalidade refere-se ao encontro com a feminilidade e à saída da primazia da ordem fálica, em que somente o paradigma masculino estava em questão.

Marty (1996) propõe uma leitura para compreender a relação entre puberdade e adolescência em Freud. Afirma que a teoria da adolescência freudiana possui sua marca no descentramento na nova concepção de puberdade. Ao colocar em evidência a importância da precocidade da atividade sexual na infância, a puberdade é redimensionada. Nesse sentido, é redefinida como um momento particular de revivescência da atividade libidinal, a partir de suas bases edípicas, biológicas e psicológicas. A puberdade faz ocasião para a expressão daquilo que a sexualidade infantil recalçou – a partir, evidentemente, de novas regras, conjunturas e impossibilidades.

Enfim, o que está em jogo na adolescência? Há um movimento na teoria psicanalítica de buscar uma definição para a adolescência que não seja a de puberdade. Além disso, o próprio conceito de puberdade na psicanálise ganha conotações diferentes para além das transformações corporais fisiológicas. Então, qual o lugar da puberdade no tempo adolescente e como esse aspecto é teorizado nas construções psicanalíticas posteriores?

1.2 Gutton e o Golpe Pubertário: Genitalização, Fantasmas Incestuosos e Parricidas

O impacto da puberdade na adolescência apontado por Freud toma uma dimensão conceitual nos trabalhos de Philippe Gutton. As transformações corporais violentas do corpo púbere levam a uma genitalização corporal e psíquica do adolescente (Gutton, 1990). Freud já afirmara que a puberdade é o momento do primado das zonas genitais e de investir em objetos externos. Tal novidade impõe a necessidade de uma reorganização da identidade do corpo, sexual e psicológica, constituída na infância. Gutton formaliza o termo pubertário, afirmando que se refere à vida psíquica, enquanto puberdade trata de um processo corporal.

Gutton (2002) afirma que não existe coisa alguma na infância que a prepare para a sexualidade pubertária. Bordejado pela genitalidade, o destino da criança púbere é fazer advir o sujeito de sua genitalidade. O autor retoma a posição freudiana de que a genitalidade infantil que perpassa o Complexo de Édipo é fálica, enquanto a genitalidade pubertária propõe uma novidade no encontro com a (não) complementaridade dos sexos. Esta demarca novidade bissexual psíquica entre masculino e feminino.

O que caracteriza a prova originária pubertária é a ilusão de que a complementaridade entre os sexos se dá no encontro com o objeto. O pubertário possui uma força pulsional que busca adequação no encontro com o objeto após a trajetória da criança edipiana e da fase de latência. A busca por esse objeto de satisfação está baseada em um funcionamento de complementaridade ideal do bebê em sua unidade narcísica originária.

Outro elemento essencial que caracteriza a turbulência pubertária é o real biológico e as zonas genitais. O real biológico proporciona à puberdade um momento privilegiado e qualitativamente novo. Uma transformação corporal percebida pela

criança nos fenômenos endócrinos primários e secundários, que coloca o organismo como uma categoria de prazer e aponta para a potencialidade de uma fecundação. Desse modo, o sujeito pode pressupor uma relação sexual entre homens e mulheres. No entanto, a passagem de um real biológico (de reprodução para autoconservação da espécie) para o pulsional deverá ser gerada corretamente pelo apoio pulsional aplicado às pulsões genitais.

A zona erógena genital e o investimento no objeto complementar trazem à tona o que Gutton chamou de unidade “narcísica originária do pubertário³” (1990, p.33). A primeira unidade narcísica está no modelo da mãe com o bebê, que busca prolongar a simbiose vivida na gravidez. Em uma nova unidade narcísica originária na puberdade, a complementaridade possível não é mais entre mãe e bebê, mas se constrói entre zona erógena e objeto, que põe fim à predominância do autoerotismo. Na verdade, trata-se de uma potencialidade de unidade narcísica pubertária resultante da intuição de que o outro sexo será capaz de compensar a falta. Ao apostar em um encontro capaz de dar tudo, a posição do pubertário, busca renovar o apelo narcísico do casal primordial.

Este tempo explosivo visa dar conta do real biológico da puberdade, tendo em vista a pressão que faz à barreira do incesto, estabelecida no Complexo de Édipo. Sem dúvida, a prova pubertária complexifica o destino do Édipo. O púbere ainda acredita poder desmistificar os símbolos enigmáticos da sexualidade adulta, pré-formados em sua infância. No entanto, os laços identitários do Édipo não anunciam um destino e o inconsciente continua a não responder às questões sobre a identidade sexual, além de lançar novos enigmas.

Gutton (1990) trabalha também o encontro com o objeto como acesso à genitalidade do Édipo. Já apontamos que o outro sexo alucinado pelo púbere se dá sob os moldes do seio para o bebê, ou seja, ele busca seu objeto na pessoa do par incestuoso. O que o autor ressalta é que a violência das moções pubertárias não é

³ Esta é uma tradução livre para: Unité Narcissique Originnaire Pubertaire

somente uma mais valia somática, mas a interpretação edípiana da prova púbere que oferece seu caráter violento.

A puberdade é o inverso do movimento de separação, sendo este um trabalho do adolescente. O corpo púbere é definitivamente vinculado ao destino infeliz do Édipo, que impõe ao sujeito uma reativação do conflito que coloca em crise as organizações edípianas (como o supereu). O pubertário é um destino que dramatiza as leis do Complexo de Édipo. Gutton chama de cenas na puberdade exatamente essa linha que faz ressurgir o conflito edípico. O conjunto das figurações cênicas compreende o corpo erógeno da criança centrado sobre seus órgãos sexuais em estado de excitação, o incestuoso, o objeto do parricídio. Essa cena oferece uma organização primária do pubertário. A cena pubertária se desenvolve de modo a abrir a história dos significantes tecidos ao longo da infância, estruturando-se de modo incestuoso e parricida.

O pubertário ainda não pertence ao sujeito, é imposto a ele como uma força centrípeta, vinda de fora, como um evento incontornável. A pressão da realidade interna, a partir da temática edípiana, reposiciona o sujeito da infância na medida em que o pubertário, como considerado por Gutton, é uma força violenta pulsional genital que abusa o corpo e a psique. O sujeito constituído através da lógica imaginária fálica encontra um real genital que afirma que nada pode ser como antes. A experiência sensual não diz somente que o corpo genital é de uma natureza diferente da infantil, mas que ele anima uma parte do corpo que não é integrada ao eu-sujeito, ele sente coisas desconhecidas, estrangeiro do corpo e do psiquismo. Por isso, o pubertário, por definição, abusa, violenta.

A violência pubertária submete o sujeito a um trabalho de familiarização com a posição edípiana para elaborar uma abertura na busca de um objeto. Porém, a cena pubertária é uma força de deslocamento da cena primitiva que se apoia sob a referência na permanência parental. A cena infantil seria reconstruída e genitalizada pelo pubertário. Tudo se encaixa de modo a constituir uma cena pubertária quase conforme

aos modos infantis, porém com sua recomposição, cuja potencialidade do ato incestuoso confere ao adolescente o papel principal na cena.

Jeammet e Corcos (2005) pensam, junto com Gutton, que a adolescência é “uma mudança induzida pelo processo da puberdade” (p.38). As transformações corporais escapam ao domínio do Eu e mostram a impotência do adolescente frente às mudanças pubertárias. O corpo “é parte integrante da representação de si, mas percebido pela psique como corpo estranho na medida em que escapa a seu controle e a [psique] mergulha numa situação de passividade” (p. 42).

Os autores sustentam que existe uma crise na adolescência pela sua exigência de mudança a partir da puberdade e suas consequências psicossociais, ou seja, pressões internas e externas ao aparelho psíquico que acarretam um trabalho de remanejamento do funcionamento do sujeito. Assim, a adolescência faz uma exigência de trabalho psíquico que pode induzir comportamentos conturbados, mostrando a vulnerabilidade desse momento e não uma patologia. Colocar a adolescência como uma crise teria a função de não patologizar essa fase, em que as condutas mais atípicas poderiam ser o “preço da crise, assimilada a uma desorganização temporária, no momento em que o jovem adolescente abandona os amparos da infância, sem ter ainda encontrado os da idade adulta” (Jeammet e Corcos, 2005, p.30).

1.3 Lacan: O (des)Encontro com o Feminino e a Vacilação da Imagem

A adolescência escrita sob uma trama edípica e o acento dado à não complementaridade dos sexos também é trabalhado por Lacan. Para endossar nossa análise, trabalharemos as propostas de Lacan sobre o estatuto do feminino e o estudo do corpo através do estágio do espelho.

O trabalho da genitalidade, fase central para o estudo da adolescência em Freud, é retomado por Lacan, no Seminário IV (1956-57), a partir de outra perspectiva, a do

desencontro que a relação sexual provoca. Em um primeiro momento, Lacan relembra a posição de Freud com relação ao objeto, em que o objeto que liga as primeiras satisfações da criança não poderá ser reencontrado, é sempre um objeto perdido. Há um desencontro entre o objeto buscado e o reencontrado, o que “marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo” (p.13). Nesse sentido, Lacan reenvia à posição freudiana de que no encontro com o objeto haverá sempre a marca da incompletude, “por sua natureza, a repetição se opõe à reminiscência” (p.14). Ao partir da demarcação realizada por Freud, de que a genitalidade da adolescência fala do feminino e da certeza do desencontro com o objeto, Lacan postula que a experiência entre um homem e uma mulher, que é uma das questões da puberdade, contradiz a possibilidade de encontro com um objeto harmônico.

Na fase fálica, que não deixa de ter a marca da genitalidade, o que está em jogo é o falo, e o sujeito fica como um pêndulo entre a “imagem viril ou a castração” (p.49). Apesar de o falo ser trabalhado no Seminário IV enquanto imaginário, ele introduz, no nível da genitalidade, o dom simbólico. O que está em jogo é a presença ou ausência do falo que imerge o sujeito numa dialética simbólica. Se pensarmos com Freud, trata-se da fase fálica com o seu referencial masculino. A genitalidade na adolescência introduz algo de outra ordem, que escapa à ordem simbólica. A fantasia do falo não possui sua correspondência na relação sexual. A maturação genital comportaria a ilusão de uma harmonia entre homens e mulheres, no entanto essa complexa relação “não passa de um perpétuo fracasso” (p.384). A puberdade é marcada pelo encontro com a feminilidade, que, diferente do par de opostos do falo, não encontra na linguagem um lugar. Lacan (1958a) retoma o conceito de falo para ressaltar a posição freudiana de que a diferença entre os sexos não se baseia na anatomia. Afirmou que “o falo é um significante” (p.697), e um significante é algo como uma letra, um traço ou uma palavra simbólica que não possui uma significação determinante, mas age enquanto função para o discurso

de um sujeito (Roudinesco & Plon, 1998). Seu jogo simbólico é marcado por deslocamentos e condensações que só podem aparecer através daquilo que ele encobre.

Lacan reitera a afirmação freudiana de que o falo tem a ver com a identificação realizada com o tipo ideal de cada sexo, justamente pela sua função significante, pois a diferença entre os sexos aparece em um ter ou não ter, ser ou não ser. Dor (1991) mostra como o significante fálico é ordenador através do Complexo de Édipo. Em um primeiro tempo o sujeito está alienado à dialética do ser ou não o falo da mãe. No segundo tempo a metáfora paterna irá introduzir a castração, colocando em jogo a lógica do ter ou não ter o falo. O último tempo, que marca o declínio do Édipo, é o da negociação do ter, onde ambos os sexos renunciam a ser o falo materno, porém o menino se identifica com o pai, o qual ele supõe ter o falo, e a menina, com a mãe, a qual ela acredita não ter o falo. A menina se situa pelo lado do não ter, mas o feminino é outra coisa, é uma falta que não pode ser dita, não pode ser simbolizada, um real inominável.

É a partir disso que podemos pensar o feminino, pois é por não ter que o sujeito mascara sua falta. “É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (Lacan, 1958a, p.701). O feminino se refere à falta e ao vazio: “Dessa maneira, se a mulher representa a comédia do falo, não é tanto porque ela o deseje possuir da mesma forma que o homem, pela inveja do pênis, é sobretudo pelo que ela não é que ela quer ser desejada.” (Neri, 2005, p. 202).

Lacan propõe uma vasta abertura para se pensar a mulher, mas, em termos de feminino, o que nos interessa para esse trabalho é que, na lógica fálica, no que tange à diferença sexual, homens e mulheres se relacionam com o falo. O feminino encontrado na adolescência escancara a diferença entre os sexos que escapa à dialética masculina e impõe a exigência de abertura à diferença do Outro⁴. Não há complementaridade, mas uma abertura ao infinito.

⁴ O Outro em Lacan é situado enquanto a outra cena inconsciente proposta por Freud. Designa um lugar simbólico (da lei, da linguagem e do inconsciente) que determina o sujeito em sua relação com o desejo (Roudinesco & Plon,1998).

Ouvry (2010) retoma proposições freudianas para dizer, com Lacan, que a novidade da puberdade é o feminino. Apesar de a concepção de genitalidade comportar uma mudança radical entre 1905 e 1923, desde os *Três Ensaio*s, Freud já aponta para a natureza masculina da libido e a fixação da menina no clitóris enquanto zona erógena. Tais elementos são retomados na *Organização Genital Infantil* a partir da perspectiva fálica e do feminino. Se na infância a referência para os dois sexos é a mesma – o falo –, o órgão genital feminino não possui referência nesta fase. A estrutura da linguagem só comporta um sexo, enquanto ausência ou presença, mas o real pubertário vem escancarar uma diferença. É dado o nome de real por não encontrar uma referência na linguagem.

Lacan, no Prefácio a *O Despertar da Primavera* (1974), aborda a dificuldade encontrada pelos jovens com o desejo e o ato de fazer amor com as moças, demarcando a impossibilidade da relação amorosa e a insuficiência do gozo⁵ fálico. Lacan diz que: “Justamente, de que o púbis só faça passar ao público, onde se exhibe como objeto de uma levantada de véu. Que o véu levantado não mostre nada, eis o princípio da iniciação (nas boas maneiras da sociedade, pelo menos)”. (p.558)

Alberti (2009) comenta o prefácio de Lacan, afirmando que o despertar da primavera na puberdade é o despertar das fantasias, que, segundo Freud, ficam adormecidas durante a latência. É somente a partir desse despertar que o ato sexual pode ocorrer, e o conseqüente choque com o real da não existência da relação sexual. Levantou-se o véu do gozo prometido e nada foi encontrado, postergou-se para a morte a possibilidade de gozo completo. O conceito de adolescência proposto por Melman (1999) assenta sobre essa vacilação do gozo. Seria uma crise psíquica, entendida como um não lugar, no momento em que o sujeito não sabe como se posicionar com relação ao seu gozo. Como um mal-estar devido à constatação de que o gozo é sempre

⁵ Inicialmente a concepção de gozo está ligada à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro. O gozo fálico é o gozo possível, limitado, ou seja, submetido à castração.

insatisfatório. Este lugar estremece por conta de o adolescente estar olhando a partir de um lugar ideal, ainda não castrado – mas sim privado, em que a promessa edipiana ainda não se constituiu como um logro.

Para Lesourd, no livro *A Construção Adolescente no Laço Social*, de 2004, a sexualidade genital púbere se lança em um modelo sexual constituído a partir dos moldes do infantil fálico. Para tratar desse tema, o autor traz a concepção freudiana de *das Ding*, que remete a um tempo da carne, que, em função da linguagem, foi irremediavelmente perdido pelo sujeito. *Das Ding* ou *a Coisa*, é o objeto-carne fonte do gozo originário, da excitação da satisfação primária. O pubertário faz retorno a esse gozo para sempre perdido e afastado pelo significante. O gozo genital prometido e enquadrado na infância pela promessa edipiana perde sua garantia. Para a criança, a completude possível está no mundo adulto. O adolescente se depara com o mal-estar da castração simbólica especialmente no encontro da inadequação da carne com o corpo no ato sexual.

A adolescência é o encontro com a posição feminina para todo sujeito, no confronto com o não todo, com a descrença fálica. O feminino é entendido por Lesourd, como um dos nomes do real, aquilo que resiste psiquicamente à sexualidade libidinal fálica. A conceituação do Outro sexo, independentemente do sexo biológico do sujeito, é com o feminino. A concepção de adolescência envolve o trabalho psíquico, em um segundo tempo, que deve ser realizado frente à invasão pubertária, ou seja, à descoberta da ilusão do véu fálico e do significante da falta no Outro. Esse trabalho envolve a reconstrução dos véus fállicos a partir dos elementos preestabelecidos na construção subjetiva infantil.

O encontro com o outro sexo leva o corpo púbere à busca de novos objetos e ao desligamento da autoridade parental, revela o fracasso da promessa edipiana e faz com que o olhar do outro sobre esse corpo mude.

A imposição feita pela puberdade fisiológica perturba a imagem corporal construída na infância e, inevitavelmente, faz sobressair a diferença entre os sexos. O sujeito percorre o caminho do autoerotismo à escolha de objeto (Rassial, 1999). Para Matheus (2007) a puberdade, do ponto de vista da sexualidade, é o encontro com a faceta impossível da relação amorosa e com a sua dimensão enigmática. O acesso à sexualidade do púbere, marcado pelo excesso do corpo, vira inevitavelmente uma reivindicação. Afinal, o adolescente identifica em seu próprio corpo os objetos parciais atribuídos ao genitor do mesmo sexo, o que sustenta a interrogação sobre a sua própria posição quanto à sexuação.

O engodo da reedição do Complexo de Édipo é apontado por Freud em 1905: na adolescência existe uma maturação física que permite que aquilo que estava somente na fantasia edipiana agora se torne possível. Não é possível, porém, uma realização sexual nos moldes da primeira infância. Quando o corpo infantil se iguala ao corpo adulto, a promessa do Édipo se mostra enganadora (Rassial, 1997). Melman (1999) afirma que a enganação constatada na adolescência está no movimento de saída do registro da privação para o da castração. A criança aceita a promessa do Édipo porque ela está, no momento, privada, e não castrada, do instrumento necessário (o corpo crescido) para a satisfação sexual. Porém, quando seu corpo se desenvolver ela o terá! Descobre-se que não basta um instrumento para que tudo se resolva.

O acesso à sexualidade é mais complexo e não traz a completude esperada. A criança só aceita a renúncia que perpassa a metáfora paterna (interdição de incesto e assassinato), ou seja, do gozo do Outro – materno – e o limite imposto pelo Nome-do-Pai⁶, por ela conter uma promessa. O acesso ao prazer final citado por Freud em 1905 é o juramento de que a adolescência permite o acesso a esse gozo quando o sujeito crescer. O sujeito descobre que o gozo genital é também parcial, e não garante nenhuma

⁶ Nome-do-pai é o significante da função paterna. A função simbólica do pai, encarnando a lei, priva a criança da mãe, permite uma nomeação e a aquisição de uma identidade.

relação sexual possível, com o outro, nos moldes que poderia ter sido a relação com a mãe. Acontece o primeiro encontro com a constatação de que qualquer promessa de um gozo outro é sempre postergada ao futuro, ou seja, promete somente a morte (Rassial, 1999; 1997a). Todo gozo possível é parcial. Portanto, a questão do acesso à genitalidade púbere não é só o seu excesso, mas também a inaptidão para relação sexual. No ato sexual aparece a incompetência do significante fálico e, portanto, da pulsão genital para fundar uma relação sexual.

De acordo com Rassial (1999), a mudança do estatuto do corpo ocorre porque a genitalidade passa a ocupar uma posição dominante no sujeito. A puberdade muda o valor do corpo, agora genitalmente maduro, e coloca o olhar do semelhante – não dos pais – em jogo no desejo. Nesse sentido, Rassial sustenta que há uma centralidade das questões da identidade na adolescência, utilizando a perspectiva lacaniana do estágio do espelho para trabalhar esse tema.

O estágio do espelho elaborado por Lacan (1949) demonstra a formação do primeiro delineamento do eu por meio de uma imagem virtual. O bebê ainda imaturo no campo motor e imerso no autoerotismo é pego de surpresa pelo júbilo de uma imagem refletida no espelho. A vivência de um corpo unificado e da imagem como totalidade é confirmada pelo olhar do Outro. Trata-se de uma “identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p.97). O estágio do espelho é responsável pela constituição do eu ao mesmo tempo em que é alienante. O bebê parte de uma imagem despedaçada do corpo para uma identidade alienante de uma totalidade corporal que não condiz com a realidade. Nesse momento, as vertentes da imagem especular e do Outro se unem na estruturação do sujeito enquanto clivado pelo significante. O Outro dirá, marcando a identificação: “este é você”. Tal imagem é o reduto do ideal narcísico e, sem dúvida, representa o sujeito de modo falacioso, afinal existe algo de não especularizável, pois

nem toda libido passa pela imagem especular. Voltaremos a esse ponto no capítulo seguinte, quando tratarmos de ato e angústia.

É sob esse olhar do Outro que o sujeito adolescente, em um *só depois* do estágio do espelho, vai realizar o trabalho de se reapropriar de uma imagem do corpo transformada. Há uma repetição das primeiras identificações em um segundo tempo, mas não é somente uma realização (identificar-se com o genitor do mesmo sexo), é também uma confrontação com as fixações (buscar novas identificações). A autonomia alcançada pela criança só ocorre às custas de um Outro, a mãe primordial que agora se tornara imaginária e deixa atrás de si alguns restos. Ora, o corpo acabado, produto do estágio do espelho, não passa de uma arrumação imaginária. A puberdade faz a imagem do corpo infantil bascular, exigindo uma reconstrução genitalizada (Rassial, 1997a).

A vacilação da imagem especular traz como consequência o desmoronamento da consistência parental imaginária do Outro (Rassial, 1999). Para embasar essa posição o autor utiliza outro conceito, o de Nome-do-Pai. É preciso que a mãe tenha sustentado o lugar imaginário do pai, permitindo o funcionamento da metáfora paterna e a atribuição de um saber e um poder ao pai. Assim, o sujeito se introduz na lógica edípica e possibilita que, depois de um Nome-do-Pai fundador, outros nomes-do-pai se inscrevam simbolicamente na sua história. Rassial (1997) escolhe usar os nomes-do-pai no plural para sustentar a ideia de que, na relação com o semelhante do Outro sexo, os significantes possam deslizar para além da metáfora paterna. É um trabalho da adolescência realizar uma “operação inventiva em que o sujeito deverá autorizar-se a si mesmo” (p.42).

Nesse sentido, a adolescência é um momento de um novo trabalho psíquico, marcado pela insuficiência do Nome-do-Pai e das identificações. Para se desligar da família de origem e realizar suas próprias escolhas o adolescente se esforça para questionar a autoridade parental e fundar outro laço social (deslocamentos do pai). Trata-se de inventar um novo lugar fora da família, tendo em vista que o Nome-do-Pai,

sustentado – imaginariamente – pela família na infância, mostra-se escasso na adolescência. Enfim, Rassial (1997a) propõe conceituar a adolescência através do conceito de *breakdown*, de pane. Como falamos anteriormente, é a “pane na consistência imaginária do Outro” que faz com que os pais do adolescente despenquem de uma posição ideal. É um momento definitivo, em que se renovam, no *a posteriori*, as marcas da experiência infantil em função de objetos que vão ter um estatuto diferente na economia do sujeito (Melman, 1999). O trabalho adolescente se centra na produção de novos significantes, reconhecendo a filiação, mas desenlaçada da continuidade imaginária.

1.4 Em Síntese

Ao serem abordados alguns autores com perspectiva teóricas diferentes sobre o tema da adolescência e psicanálise, constata-se que a adolescência é compreendida como um trabalho psíquico, um movimento de elaboração que não trata dos efeitos da natureza e dos hormônios, mas da subjetividade. A adolescência é um tempo lógico, um momento de ressignificação e reinvenção da infância, marcada essencialmente pelas mudanças corporais pubertárias e pelo desligamento das autoridades parentais. Nesse encontro com o feminino e com a incompletude da sexualidade, o adolescente é intimado a buscar no mundo novos investimentos libidinais e a tomar uma posição no sexual. Ao ser convocado a ocupar esse novo lugar, é feito ao adolescente uma exigência de trabalho frente ao reencontro (que já fora encontrada, mas adiada com a promessa edipiana) com a incompletude.

O pubertário marca os moldes edipianos que o sujeito deverá encontrar num destino pulsional. Isto marca qualquer passagem adolescente, porém nesta pesquisa desejamos nos deter em uma específica: o processo adolescente de sujeitos que estão em conflito com a lei. Nos próximos capítulos será trabalhada a questão do ato e da

agressividade em adolescentes para que possamos lançar algumas questões sobre a clínica.

Capítulo II

Estatuto do Ato e a Relação com a Angústia

O objetivo deste capítulo é abordar o estatuto do ato tendo em vista a violência cometida por adolescentes. Em um primeiro momento serão trabalhadas as várias dimensões das concepções de ato, agir e ação na obra de Freud. Nesse ponto, o estudo das obras de Freud e Lacan indica que a angústia possui um papel essencial no estudo do ato. Para Freud, o sinal de perigo sentido como angústia anuncia a castração e a invasão do excesso pulsional. É frente à angústia que o sujeito toma o agir como sua medida mais radical. Lacan articula mais claramente a relação entre desamparo, angústia e agir, mostrando as duas principais saídas: *acting out* e passagem ao ato.

2.1 O Estatuto do Ato em Psicanálise

Alberti (2009) realiza uma pesquisa sobre o estatuto da concepção de ato na obra freudiana. A autora percebe que Freud não utiliza “ato” de uma maneira unívoca, mas sim por meio de cinco termos: *Aktion*, *Handlung*, *Akt*, *Tat* e *Agieren*. O primeiro, *Aktion*, refere-se especialmente à ação específica utilizada, desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), para designar uma intervenção no mundo exterior que busca a resolução de uma tensão interna cunhada pela necessidade (ex.: fome e sede). O bebê encontra-se em um desamparo fundamental, entregue às estimulações internas, o que o obriga a reconhecer o mundo externo e agir de modo específico de acordo com suas necessidades. O ato, neste caso, revela a relação entre o organismo – que, a serviço do princípio de inércia, realiza uma ação específica pela descarga de um excesso energético – e o exterior. O segundo termo, *Handlung*, trata de uma ação que passa pelo

juízo e pela consciência. Ainda nos meandros de uma ação que carece de um acúmulo de energia, trata-se de uma adaptação à realidade, ao princípio de realidade. Há um trabalho da capacidade de juízo do indivíduo para alcançar um objetivo específico. Diz respeito às funções do eu, do pensamento e da vontade. Por outro lado, *Akt*, é utilizado para determinar o ato sexual. É relativo à cena primária e à relação do sujeito com o seu gozo, onde atinge o máximo possível de prazer. Tal termo também é utilizado como repetição, por exemplo, no *Fort-da*. O *Akt*, em relação com o princípio de prazer, está na base da repetição em busca pela eternização do desejo. O penúltimo, *Tat*, é utilizado especialmente em *Totem e Tabu* (1913a) para falar do momento de fundação da cultura, ou seja, do assassinato do pai, ato que cria ou funda a própria repetição. O último termo, *Agieren*, é trazido por Freud quando ele fala sobre o tratamento, no que se refere a moções pulsionais que não passaram pela palavra, traduzido por *acting out*, o movimento do sujeito no sentido de seu inconsciente, em que ele age sem se recordar. É a repetição de algo do seu passado através da ação, caracterizada enquanto resistência à associação livre.

Freud (1914a), em *Recordar, Repetir e Elaborar*, utiliza o termo *Agieren*, traduzido por “atuação” ou “*acting out*”, ao falar do tratamento psicanalítico. O termo quer dizer que o sujeito repete em ato aquilo que não é possível ser rememorado; ele reproduz aquilo que é da ordem do recalcado sem ser nos moldes de uma lembrança, mas como ação. Repete-o sem, naturalmente, saber que o está repetindo. Freud se questiona o que exatamente o sujeito repete, e responde que ele “repete tudo o que já avançou a partir das fontes do reprimido para sua personalidade manifesta – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento” (p.167). Durante o tratamento o paciente irá recordar nos moldes de uma atuação. O *Agieren/Ato/Acting out* é um dos modos da repetição.

Podemos pensar que *Aktion* e *Tat* se ligam por tratarem da criação – o primeiro, na ação específica que age no exterior para manter a vida, e o segundo, no ato que funda a cultura. O *Handlung* é marcado pelo processo secundário e pelo princípio de realidade, afinal o sujeito age nos moldes de um compromisso com o mundo externo. Por outro lado, *Agieren* e *Akt* possuem como marca a repetição, manifestando em ato o conteúdo recalcado.

O termo “ação” é mais amplamente usado quando possui a marca da vontade e do pensamento. “Ato” é empregado quando se exclui a vontade consciente, irrompe o pensamento, diz do inconsciente e inclui o desejo. Dentre os termos utilizados por Freud dois se mostram essenciais nesse estudo, o *Agieren* e o *Tat*. Apesar de o primeiro aparecer quando se trabalha o fenômeno da repetição e tratar essencialmente disso, podemos também decantar de sua concepção a noção de que é um mecanismo em que o sujeito põe em prática pulsões, fantasias e desejos (Roudinesco & Plon, 1998). *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Freud, 1901) é um texto que parece revelar essa característica do ato. Freud irá agrupar alguns derivados do inconsciente no termo “ato falho”. Trata-se de uma substituição: no lugar da finalidade objetivada pelo indivíduo no ato (seja na linguagem, na memória, na ação etc.), surge algo completamente inesperado. Tal “falha” é atribuída à falta de atenção ou a coincidências. O ato considerado desprezioso carrega o peso do desejo inconsciente. Afinal, é uma solução de compromisso entre a intenção inconsciente e o recalcado, permitindo surgir algo da ordem do recalque, mas de modo acidental.

O outro termo fundamental para o nosso estudo é o *Tat*, que fala do ato bem sucedido e pode ser estudado através do texto de *Totem e Tabu* (1913a). Freud usa as palavras de Goethe, “no princípio foi o Ato” (p.162), para sustentar que existe um ato originário (o assassinato do pai) bem sucedido, e outro ato (a refeição totêmica) que possui um caráter de demonstração. Na verdade, é a partir do curioso evento da refeição

totêmica – trabalhado na quarta parte desse texto, “O retorno do totemismo na infância” – que Freud irá chegar ao mito da horda primitiva.

No estudo sobre o totemismo, Freud percebe que o totem é uma classe de objetos percebida de modo respeitoso e com superstição por um selvagem. A relação do totem com os membros do clã comporta uma dupla cumplicidade. Se, por um lado, o totem protege o homem, por outro, este também lhe deve respeito não o matando, colhendo-o ou o cortando. Além da proibição relacionada à morte do totem, sabe-se também que entre os membros do mesmo clã existe a premência da exogamia. Em outras palavras, um tabu que proíbe relações sexuais entre membros dentro do mesmo clã totêmico.

A refeição totêmica é uma cerimônia interessante por executar uma das proibições: trata-se do ritual sacrificial do animal totêmico. Freud aponta que, por ser um ato compartilhado por todos, não é considerado ilegal e todos assumem a responsabilidade por ele. A refeição dentro do sistema totêmico possui características intrigantes, porque a morte sacramental e a comilança comunal não se caracterizam enquanto um crime. Pelo contrário, a refeição é considerada um momento de fortificação dos laços com o totem, principalmente na busca de uma incorporação de seus atributos, através da alimentação e imitação do animal totêmico. A origem e o significado desse evento estudado por Freud levam-no a supor a existência de um mito da horda primitiva⁷. Esta comunhão totêmica representa o modelo de identificação primitiva em que a incorporação da força e poder paternos funda a culpabilidade dos filhos, materializando a identificação de cada um ao antepassado invejado e temido.

Freud defende que a refeição totêmica é uma revivescência do mito da horda primitiva enquanto comemoração de um ato criminoso. O mito é o ato inaugural que não pode ser desfeito e embasa as repetições. Para Freud, esse ato está no início das

⁷ Trata-se de uma horda primitiva dominada por um pai tirano e violento que reinava sobre os filhos e possuía o monopólio das mulheres. Os irmãos em uma forte cumplicidade se revoltam e matam o pai. Logo depois, realizam uma festa na qual o morto é comido.

organizações sociais e do sentimento de culpa, afinal as restrições e as normas morais são compreendidas como reação a esse ato criminoso. Ao chegar às origens das leis totêmicas Freud propõe que existe uma estreita relação entre o totem e o pai edipiano, pois ambos sustentam as duas grandes proibições, a saber, o parricídio e o incesto. Porém, se o homem primitivo ainda demonstrava o ato nas refeições totêmicas, nos neuróticos atendidos por Freud não se encontram mais os atos, somente impulsos e emoções. Diferente dos selvagens, que são desinibidos e cujos pensamentos se transformam diretamente em ação, o neurótico é inibido em seu ato. Conclui-se que o ato psíquico, enquanto pensamento, substitui a ação. Entretanto, em uma ordem mítica está o ato bem sucedido.

Dentre os vários elementos que os termos relativos à ação podem suscitar na obra freudiana, dois serão ressaltados para auxiliar no estudo dos atos delinquentes. O primeiro deles, incluído especificamente no termo *Agieren*, aponta que a ação de um sujeito pode ser o que coloca em ato fantasias e desejos. Assim sendo, que desejo um ato delinquente esconde? O segundo elemento, que aparece quando é usado o termo *Tat*, fala do ato que encontra sucesso em sua finalidade. Em *Totem e Tabu*, o que está em jogo é o parricídio, que acompanhará os sujeitos, mesmo fora do totemismo, enquanto fantasia. O ato possui a marca do originário e, em sua radicalidade – mesmo enquanto ato psíquico –, embasa a repetição e implica o inconsciente. Um ato violento poderia comportar o valor de um ato bem sucedido? Em meio a estas possibilidades, como poderemos pensar o agir agressivo que comportam alguns atos delinquentes?

Para dar continuidade a tais questões, iremos abordar o tema da angústia, uma vez que há na obra de Freud uma clara interface entre esta e o ato. Fazer este cotejo é fundamental exatamente por haver relação entre a angústia e o excesso pulsional traumático, que é característico da adolescência, e por ela ser qualificada como um afeto por Freud. Apesar de o autor não trazer uma definição clara sobre o que seria um afeto,

em sua obra fica evidente que tal concepção aparece intimamente ligada a descargas motoras.

No desenrolar teórico do capítulo I, apontamos qual o estatuto da adolescência para a psicanálise, e podemos pensar agora o que dela pode gerar angústia e, por vezes, conseqüentemente um ato. Aqui, na abordagem da delinquência, não se trata de qualquer ato: enfim, qual a relação possível entre angústia, ato e delinquência?

2.2 Freud: Angústia, Afeto e Ato

Em um artigo de 1895a, intitulado *Resposta às Críticas ao meu Artigo sobre a Neurose de Angústia*, Freud aborda a neurose de angústia, que é um conjunto de sintomas implantados no corpo físico, como a sensação de que o indivíduo irá morrer, dificuldade de respirar e batimento cardíaco acelerado. A etiologia é clara e concreta, trata-se de uma falha na vida sexual real do paciente, por exemplo, abstinência sexual e coito interrompido. Neste artigo Freud afirma que “a neurose de angústia é criada por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica, por tudo aquilo que interfere em sua elaboração psíquica” (p. 123). A questão quantitativa é central para a compreensão do primeiro modelo da angústia, sendo descrita como o excesso da libido insatisfeita, o que produz uma transformação dessa libido em angústia.

No artigo sobre o recalque de 1915, Freud, ratifica a posição proposta desde 1909 – no pequeno Hans - de que a angústia, enquanto fruto do recalque, pode ser explicada através da proposição de que a pulsão é composta de ideia e de uma quota de afeto. Somente a primeira é passível de recalque, enquanto o afeto, ao contrário, possui um fator quantitativo que não permite o recalque, mas o afeto vai ter que encontrar caminhos diferentes, tendo em vista que ele se desligou da ideia. São possíveis três saídas para a quota de afeto, a saber, a supressão, a alteração para algo qualitativamente

diferente (até mesmo oposto) e a sua transformação em angústia. Em certo sentido, o pensamento freudiano mantém a hipótese de que um excesso pulsional (do afeto) transformou-se em algo penoso, a angústia, sendo esta o fruto do recalque.

Na conferência intitulada *A Angústia* (traduzida por “ansiedade” na edição da Imago), de 1917, Freud trabalha outra relação entre angústia e recalque ao estudar a diferença entre angústia realística e neurótica. A primeira é descrita como racional, ou seja, o afeto da angústia é uma ação defensiva frente ao medo. Houve um primeiro momento em que a angústia foi sentida para poder ser realizado o recalque, e posteriormente o sinal de perigo ser emitido. O ato do nascimento aparece como uma possibilidade da origem da angústia, servindo de protótipo para a repetição. Assim, Freud conclui que o sinal que a angústia emite coloca o homem em um estado de preparação para o perigo, afirmando que a angústia é um afeto e, enquanto tal, é formada por descargas motoras e sentimentos. Ainda na conferência de 1917, Freud salienta que a angústia não considera o objeto⁸.

Em 1926a, no célebre texto *Inibições, sintomas e angústia* (traduzido por ansiedade na edição da imago), Freud elabora, contrariamente ao que pensara anteriormente, que é a angústia que provoca o recalque, excluindo assim o ponto de vista de que é possível uma transformação direta da libido em angústia. Posteriormente, a angústia aparece como sinal que cumpre a função de indicar um estado de perigo. Freud remonta os momentos em que esse perigo foi vivido: o trauma do nascimento, a separação da mãe e a castração na fase fálica.

Agora vamos nos deter ao texto de 1926a para realizarmos um cotejo entre angústia e ato. Nesse momento, o entendimento da angústia percorre os caminhos do trauma, da energia em excesso, desvinculando-a do binômio prazer-desprazer e da compulsão à repetição. O traumático, que excede pulsionalmente a capacidade de elaboração do sujeito, ressoa imediatamente em forma de angústia. Aqui Freud nos

⁸ Diferente do medo, que precisa de um objeto.

deixa uma pista de como a adolescência e o agir podem estar relacionados de uma forma mais consistente.

A adolescência, como trabalhada no capítulo I, caracteriza-se por um excesso pulsional em que a libido do objeto irá ordenar sua pressão pela primazia das zonas genitais com a marca da reedição do Complexo de Édipo. O encontro com o objeto, porém, é marcado pela impossibilidade do prazer total em um encontro harmonioso. Coutinho (2004) define a adolescência enquanto um encontro decisivo do sujeito com o pulsional e o traumático. Para sustentar essa posição, a autora utiliza o conceito de trauma abordado por Freud em *Além do Princípio de Prazer* (1920), caracterizado como um excesso pulsional oriundo do interior do organismo ou de estimulação externa, que está fora do princípio de prazer. Pela impossibilidade de ser absorvido pelo psiquismo, o trauma é um corpo estranho. Além disso, Freud apresenta a concepção de narcisismo, a partir do texto *Inibições, sintomas e angústia* (1926a), enquanto um primeiro momento mítico da ordenação de um corpo como uma unidade. O trauma é o que vem a perturbar o narcisismo, exigindo remanejamentos entre o eu e a pulsão. Desse modo, o transbordamento da pulsão na adolescência é traumático na medida em que demanda um rearranjo narcísico na imagem corporal, do eu e dos ideais. O excesso pulsional do adolescente exige que ele encontre novos destinos para o que há de traumático na pulsão.

Em 1926a, Freud articula angústia e perda de objeto, caracterizada enquanto um sinal frente a uma situação de perigo, seja um acontecimento externo ou moções pulsionais. Nesse sentido, a angústia noticia que algo capaz de deixar o eu sem recurso está rondando-o. O que perde um adolescente? Como pensar a aproximação desse perigo na adolescência?

Sobre a primeira questão, a adolescência pode ser tratada enquanto um momento de perda do corpo infantil, de desligamento dos pais, de exigência pulsional e de abandono dos objetos incestuosos. O adolescente passa por uma reedição do Estádio

do Espelho, é necessário que ele renuncie não somente ao corpo infantil, mas também a todas as certezas imaginárias. A invasão pubertária que se apresenta como um corpo estranho caracteriza como falsa a noção narcísica de um eu unificado. O excesso do corpo da sexualidade púbere faz uma exigência de trabalho, mas que não pode ser colocada em prática nos moldes das promessas infantis. A perda da idealização parental infantil é crucial na adolescência para que seja possível que o sujeito faça algo com a pulsão.

Sobre a segunda questão, que remete à situação de perigo na adolescência, sabe-se que o eu é a sede das angústias e este irá ativar, frente ao perigo, o binômio prazer-desprazer. Aquilo que é considerado perigo para um indivíduo depende de suas experiências traumáticas a partir das situações de desamparo e castração (perda de objeto). A angústia é ativada pelo perigo de se remontar à perda e à castração. Claro que o sujeito possui suas estratégias para lidar com isso. Freud ressalta, ainda no mesmo texto, o papel do sintoma na sua capacidade de afastar o eu de uma situação de perigo.

Então, retomaremos a relação entre angústia e o agir. A angústia é “algo que se sente. Denominamo-la de estado afetivo, embora ignoremos o que seja um afeto” (Freud, 1926a, p.131). Freud diz não saber o que é exatamente um afeto, mas em 1917 traz a definição que abrange: “em primeiro lugar, de determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, de certas sensações; que são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer” (p.396). A relação possível entre angústia e ato se dá pelo caminho do afeto. Em 1926, Freud traz uma relação direta entre angústia e atos de descarga, propondo que as inervações motoras possuem um papel no fenômeno da angústia. Ele conclui que os estados de angústia despontam a “existência de (1) um caráter específico de desprazer, (2) atos de descarga e (3) percepções desses atos” (p.131). Portanto, se o afeto engloba uma ação motora, e se a angústia é um afeto, há uma íntima relação entre angústia e descarga motora. Com a finalidade de se livrar do desprazer e do perigo em seu

horizonte, o sujeito age. Dentre as variações já citadas, frente à angústia adolescente, qual será a dimensão do agir que podemos pensar no caso de um ato delinquente? Mais adiante iremos analisar esse ponto através do Seminário X – *A Angústia* (1962-63), de Lacan.

Com essa trilha teórica já exposta podemos trabalhar a relação entre angústia e delinquência. Como já foi abordado, Coutinho (2004) conceitua a adolescência enquanto um evento traumático, nesse sentido afirmando que “[...] a tendência ao agir dos adolescentes contemporâneos, preservadas as particularidades de cada sujeito ou de cada estrutura, consiste, muitas vezes, numa descarga desesperada e desenfreada do pulsional traumático que os invade, gerando uma angústia insuportável ou ‘impensável’” (p.111). Desse modo, a autora sustenta que se o sujeito adolescente não possui recursos psíquicos para transformar essa experiência traumática em fantasia, por vezes, só lhes resta o ato. Ao longo deste capítulo voltaremos a essa questão.

Nesse sentido, Marty (2010) é categórico ao afirmar que “a violência é uma modalidade de expressão da angústia; o ato é seu tratamento” (p.45). A partir da compreensão da angústia enquanto aquela que acende um afluxo não dominável de excitações, é possível entender que, para jovens que estão nessa problemática do agir, ou seja, que possuem bases narcísicas frágeis, a angústia é gerida através do recurso ao ato. É um agir que trabalha pelas exigências pulsionais e evita um conflito interno na obtenção do prazer. Aqui o autor faz uma metáfora com a aranha: sua função digestiva é exterior ao seu corpo; por não possuir um espaço interno, ela joga suco gástrico para se alimentar somente do que for ingerível, sem resto algum. Do mesmo modo, os criminosos utilizam o espaço externo no agir por não conseguirem elaborar a angústia e o conflito interno, por não possuírem as trilhas para a elaboração devido a uma dificuldade no processo de subjetivação – o agir é um caminho para o apaziguamento.

2.3 Lacan e a Angústia: Eu, Objeto?

Para Freud a angústia surge frente à ameaça de perda de objeto. Por outro lado, Lacan (1962-63) acredita que é a presença do objeto que angustia o sujeito quando a falta fundamental é preenchida, ou seja: quando o desejo do Outro aparece, surge a angústia.

Nesse seminário, Lacan parte de Freud ao dizer que a angústia é um afeto e que a ação é sua parte intrínseca. Porém, quanto ao estatuto do objeto, algumas inovações são propostas: ele afirma que a angústia é um afeto que não é sem objeto. O autor não diz que há um objeto, mas sim que não é sem objeto – justamente por se tratar do objeto menos objetificável de todos, o objeto pequeno a ⁹. Ao tratar da dialética narcísica na obra freudiana, Lacan sustenta que é sempre do objeto a que Freud está falando quando se refere ao objeto próprio da angústia.

A passagem ao ato e o *acting out* – voltaremos a eles mais tarde – são consideradas formas de reação frente à angústia, que surge diante do encontro com o objeto, com o objeto a . É curioso que Freud coloque a noção de perigo enquanto fundamental para o entendimento na angústia e Lacan não deixe esse elemento escapar, principalmente quando fala do encontro com o objeto a . Enfim, que perigo é esse do objeto a ?

A relação entre a constituição do eu e angústia é fundamental. O eu é, com efeito, o lugar da angústia. Através da constatação de que o eu não satisfaz totalmente o Outro é que o lado do eu está marcado por uma falta. Frente ao enigmático desejo do Outro é como se o bebê se questionasse “o que me falta enquanto objeto de desejo?”. O objeto a é o que está no nível do que o Outro deseja. O objeto a não é visível,

⁹ O objeto a foi proposto por Lacan no Seminário da Angústia para tratar do objeto causa de desejo do sujeito, que sempre escapa por não ser representável. Torna-se um “resto” não simbolizável. É aquele que escapa ao status de objeto derivado da imagem especular.

especularizável – e que bom que os olhos não veem, pois o sujeito não consegue se suportar a partir do único reconhecimento possível do Outro: o de ser um objeto. A angústia aparece quando se aproxima do desejo do Outro, quando a falta vem a faltar. Esse é o perigo para o eu de que trata Lacan. Esse lugar que falta do desejo do Outro vai ser especificado a partir do conceito de objeto *a*, que está indiscutivelmente na dimensão do real (Lacan, 1962-63). Tudo que vem a ameaçar a falta constitutiva deflagra o afeto da angústia.

Para compreender a releitura feita por Lacan da obra freudiana bem como sua contribuição utilizaremos dois textos de Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e *O 'Estranho'* (1919a). Existe uma relação entre o desamparo, trabalhado por Freud no *Projeto*, e a concepção de angústia como sinal de perigo. O bebê entra no mundo quando ainda não possui capacidade para lidar com o turbilhão de estímulos que o ambiente lhe impõe. Ele precisa de outro que acalente suas necessidades e lhe dê suporte. O outro não é capaz de dar conta de todo o excesso pulsional que está no bebê, algo escapará à mediação do outro e à simbolização. Tal impossibilidade monta as condições para o desamparo originário, ou seja, o aparelho psíquico é ainda incipiente e lhe falta estrutura para responder ao excesso. Para Freud há o temor de que se crie novamente o momento traumático, por isso a angústia sinaliza uma situação de perigo enquanto trauma. O eu dá um sinal de desprazer que é sentido como angustiante.

Podemos ler com Freud que a angústia está na origem do desamparo, no trauma, e leva o sujeito à operação do recalçamento. Assim ela será reproduzida no futuro como um sinal, “como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente (1926a, p. 114)”. Percebe-se que em um primeiro momento está o trauma e o estado afetivo, inscrito como imagem mnêmica que está à disposição do eu para ser liberado. O sinal será disparado quando o eu se perceber em uma situação de perigo, que é encadeada por Freud desde o trauma do nascimento até as sucessivas perdas de objetos, levando-o a afirmar que o perigo é de castração. O perigo é de

reatualização do desamparo originário. Assim, está posta a relação entre imagem mnêmica de 1926 e desamparo do *Projeto*. A angústia é um sinal que precipita a experiência do trauma arcaico, compreendido enquanto um símbolo mnêmico, é uma reprodução de uma experiência primeira com elementos similares de desprazer, que fora inicialmente vivido enquanto uma não satisfação de necessidades.

O excesso pulsional de que sofre o bebê no desamparo originário é a invasão do desejo do Outro, que é marcado por uma imensa nuvem nebulosa. Diante da presença do Outro desejante, ele se pergunta: O que ele quer de mim? O bebê não sabe a resposta e percebe que o Outro é castrado, afinal, mesmo com tantos cuidados despendidos, todas as suas necessidades não são aliviadas. Lançado no desamparo desse encontro com o real, o bebê certifica o seu esvaziamento.

O que desse encontro com o Outro nebuloso e faltoso pode ser visto na adolescência? No capítulo I, vimos que a concepção de adolescência comporta esse encontro com o real e com o Outro que falta. A queda do ideal parental e a constatação de uma promessa que não pode ser cumprida estão permeadas por um esburacamento do Outro. A valência simbólica do falo revela o logro de sua função imaginária, ou seja, o falo enquanto um significante possui a faceta da falta no Outro. Na adolescência surge uma nova certeza de que o Outro é castrado. Para Alberti (2002), o adolescente deve ser pensado em referência à castração, pois é preciso se responsabilizar pelo desligamento dos pais na medida em que se (re) descobre que ele é barrado e castrado. Existe, assim, uma angústia inerente ao processo adolescente.

Nessa trilha teórica que trata também da constituição do sujeito, vamos retomar o texto de Freud intitulado *O 'Estranho'* (1919a) para, em seguida, dar continuidade às proposições de Lacan sobre a angústia e o agir. Nesse texto, Freud busca, através de uma análise semântica do nome *Unheimlich* em várias línguas, do relato de pacientes, da explanação de obras de arte e da própria experiência pessoal, trabalhar o estado afetivo da estranheza, tão comum na clínica. A investigação do que causaria

estranhamento em um sujeito caminha para a hipótese de que o estranho sempre sinaliza ou marca o retorno de algo infantil. Como o medo da castração, a realização do desejo na onipotência de pensamento e a própria compulsão a repetição causam estranheza. Então, “Pode ser verdade que o estranho [*unheimlich*] seja algo que é secretamente familiar [*heimlich-heimisch*], que foi submetido à repressão e depois voltou [...]” (p.262). Aborda-se ainda a concepção de duplo, que causa estranhamento e tem origem em tempos primitivos, mas parece falar de algo diferente do retorno do recaiado:

Essa invenção do duplicar como defesa contra a extinção tem sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação ou multiplicação de um símbolo genital. O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o ‘duplo’ inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. (Freud, 1919a, p.252).

O duplo remete a um tempo em que não era possível para o bebê diferenciar mundo interno e externo. Pois o que garantia para ele a sua imortalidade, imerso no narcisismo primário, possui uma outra faceta, enquanto duplo, anunciadora da morte. O que tinha um “aspecto mais amistoso” se transforma em um “objeto de terror” (p.254). O estranho pode ser compreendido como uma forma de angústia, como um emblema da perda, do desamparo e da castração, como um objeto que surge. Apesar de a topologia freudiana trabalhar com consciente/inconsciente, recaiado/retorno do recaiado, Lacan aponta para a existência do real, que engloba a concepção de estranho enquanto duplo. Do mesmo modo que o desamparo, trabalhado por Freud, fala de um excesso pulsional impossível de ser simbolizado. Assim, há uma categoria diferente do inconsciente: o real.

Freud busca o objeto de angústia, mas ele está no fenômeno do estranho, é algo do primitivo, impossível de simbolizar que retorna (Viola, 2009). Isso que para Lacan não encontra simbolização ou especularização é o lugar deixado pelo objeto *a*. E por que ele não pode deixar nada, senão uma falta? Primeiro, a busca sem fim que constitui o sujeito e o desejo depende de uma falta. Depois, se o objeto *a* deixasse sua imagem, o sujeito se veria alienado diante do Outro. Ser um mero objeto, não era isso o que a fantasia previa. A angústia anuncia – como no duplo a morte – a redução do sujeito a um objeto.

O estágio do espelho, descrito anteriormente, trata do rascunho inicial do eu mediante uma imagem ratificada pelo Outro como um corpo unificado. Esse momento lógico na constituição do sujeito revela o assujeitamento necessário deste ao Outro e à imagem especular. Tal imagem enquanto ideal narcísico é por um lado responsável pela constituição do eu, mas por outro lado é alienante e é uma imagem falaciosa que, de fato, não representa o sujeito¹⁰. Algo não especularizável nessa imagem é o que funciona como resto que a imagem tenta disfarçar.

O objeto *a* é algo que não está na imagem, mas é representado pela ausência e tem valor de estruturação para o sujeito. Quando este lugar que deve permanecer desocupado vem a ser representado por algo, quando a falta vem a faltar, resta o objeto *a* enquanto representante do real e a angústia como um afeto possível.

Quando a ausência fundamental da imagem é tamponada, o sujeito se percebe como objeto *a*, o que o elimina enquanto desejante e o coloca apenas como objeto do Outro. Vejamos, o bebê está em um estado de desamparo mediante a falta no Outro do significante, há uma incapacidade de nomear de modo fechado todas as suas necessidades. No entanto, o pequeno não sabe o que falta, então ele se coloca como objeto possível de tamponar o que há de faltoso e só assim pode tornar-se desejante. A

¹⁰ É somente com a alienação que pode haver uma separação, assim inevitavelmente o sujeito ficará preso à imagem, mas lhe serão ofertados os significantes que permitem a sua existência, ambos entregues pelo Outro.

angústia comparece no sujeito diante do desejo do Outro, onde ele se vê reduzido a um objeto.

Já sabemos o que angustia um sujeito, agora vamos tratar da relação entre angústia e ato na visão de Lacan. A dimensão do ato tratada nesse seminário é aquela relativa ao *Agieren*, enquanto aquilo que põe em prática as fantasias e desejos de um sujeito. A verdadeira constatação em relação à angústia é que ela não engana, não deixa nenhuma dúvida no sujeito e revela uma certeza assustadora, a saber, a de ser reduzido a um objeto. Na aula *O que não engana*, Lacan declara que o referencial da certeza é essencialmente a ação. Lacan (1962-63) sustenta que para realizar uma transferência da angústia só resta o agir para o sujeito, e afirma que talvez seja da angústia que a ação retira sua certeza. A angústia aponta para o surgimento do objeto *a* e o sujeito pode lidar com isso a partir do agir, que pode ocorrer a partir de dois eixos: *acting out* e passagem ao ato.

A compreensão da passagem ao ato se esclarece quando Lacan propõe, no mesmo seminário, a distinção entre cena e mundo. Ele afirma que o inconsciente freudiano é um lugar agora denominado como uma outra cena. A dimensão da cena, distinta radicalmente da dimensão do mundo, é o lugar onde as coisas vêm a se dizer. As coisas do mundo se colocam em cena sobre as leis do significante, é onde fazemos a montagem do mundo. O mundo é o lugar do real, a cena é onde, a partir de uma estrutura ficcional, o sujeito assume seu lugar enquanto falante. Lacan define a passagem ao ato desse modo:

O momento da passagem ao ato é o momento do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra, ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito, ele se precipita fora da cena. (1962-63, p. 129)

Um termo correlato à passagem ao ato é “deixar-se cair” ou “largar de mão”. Em uma identificação com o objeto *a*, que cai como resto na constituição do sujeito,

jogando-se para o vazio que há fora da cena, o sujeito sai dos domínios do significante e percorre a travessia da angústia, único caminho para evitar a sua invasão desenfreada. A única mensagem que fica é a de apagamento de uma abdicação do registro do simbólico, enredado numa concretização da ausência simbólica (Viola, 2009). O sujeito desaparece da cena como uma súbita saída do simbólico. É como um recomeço radical. O suicídio é o paradigma da passagem ao ato por ser o único ato bem sucedido. Nesse ponto, indicamos que a passagem ao ato em Lacan possui certa equivalência com o termo *Tat* em Freud, afinal é um ato que alcançou o sucesso.

Lacan (1962-63) sustenta uma clara diferença entre *acting out* e passagem ao ato. De modo radicalmente diferente, no *acting out* há um endereçamento ao Outro. Ele acontece pela via da mostraçã, da demonstraçã. De modo que, “O *acting-out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito” (1962-63, p. 137). Toda a ênfase é dada em uma orientaçã para o Outro. O inconsciente, em uma cena, ostenta uma demanda, endereçada ao Outro em forma de ato, de que a mensagem seja lida, tendo em vista que é impossível para o sujeito enunciá-la (Souza, 2008). O *acting out* desvela o desejo de mostrar-se como um outro, em um ensaio que busca uma forma de se designar, de encontrar um nome para si.

O Caso da Jovem Homossexual é utilizado por Lacan nesse seminário para trabalhar esses dois conceitos, de *acting out* e passagem ao ato. Lembremo-nos de que foi o nascimento do irmão que desencadeou uma decepçã enigmática na moça. Desde o início do tratamento, Freud percebera que o comportamento homossexual e viril visava uma provocaçã ao pai, afinal toda a sociedade sabia de sua ligaçã amorosa, o que o irritava bastante. O enlaçamento da jovem com uma mulher é compreendido como um *acting out*: ela demonstrava para o pai como um homem deve tratar uma dama. Fazer de sua virilidade aquilo que faltava no campo do Outro.

No encontro com o pai a moça fez uma tentativa de suicídio, compreendida como passagem ao ato. Quando ela está demonstrando ao pai como deve se tratar uma

mulher, ela encontra nas ruas o olhar furioso de seu pai. O olhar irritado do pai lança luz sobre a encenação, colocando-a em uma situação de grande embaraço. “Já que fui decepcionada em meu apego por ti, meu pai, e que eu mesma não posso ser tua mulher submissa nem teu objeto, é Ela que será minha Dama, e, quanto a mim, serei aquele(a) que sustenta, que cria a relação idealizada com o que foi repellido de mim mesma, com o que, de meu ser de mulher, é insuficiência”. (Lacan, 1962-63, p.124).

São duas as condições para haver uma passagem ao ato. A primeira é a identificação do sujeito com o objeto *a*, o que ocorre no encontro com o pai. Ela retorna a exclusão fundamental em que se sente. A segunda, o confronto entre desejo – pelo pai – e lei – presente através do olhar do pai. Nesse momento ela se encontra no nível máximo da dificuldade e, para evitar a angústia, deixa-se cair, em um salto da ponte, enquanto resto.

Exploramos até aqui as várias facetas do agir, agora vamos ramificar essa questão a partir da introdução de outro elemento, a agressividade.

Capítulo III

Construções Psicanalíticas sobre o Agir Violento/Agressivo

Trabalharemos essencialmente a posição de quatro autores sobre a agressividade e violência¹¹: Freud, Bergeret, Winnicott e Lacan. Em Freud poderemos ver como a violência é originária do sujeito (Complexo de Édipo) e da sociedade (Mito da horda primeva), além de ser um componente pulsional elementar – no masoquismo. Bergeret radicaliza a proposta de uma violência fundamental ligada a um tempo marcado pelo narcisismo. Winnicott também trabalha a agressividade, através do comportamento antissocial, mostrando a falha ambiental em um momento do desenvolvimento infantil ainda arcaico. Lacan mostra a relação necessária entre constituição subjetiva e agressividade e analisa que o ato criminoso é uma espécie de simbolismo do Complexo de Édipo.

Podemos perceber a recorrência nos estudos psicanalíticos de um apontamento para um tempo primitivo quando se trata da problemática da violência/agressividade e da delinquência. Tal trilha teórica nos levou a pensar que o ato delinquente encena do modo mais radical o incesto e o parricídio, ao mesmo tempo em que clama pela presença de um terceiro que o contenha.

3.1 Freud: Da Violência Originária à Agressividade Atuada

Para trabalhar a concepção de agressividade em Freud iremos percorrer os caminhos do sadismo e do masoquismo. Na primeira tópica, antes da formalização do conceito de pulsão de morte, o sadismo é colocado como primário e enquanto uma derivação da pulsão de vida. A segunda tópica traz uma reviravolta na metapsicologia

¹¹ Nossa proposta não é discutir a conceituação dos termos agressividade e violência em Psicanálise. Por isso, neste capítulo decidimos usar os termos de preferência de cada autor.

freudiana e exige que a agressividade seja repensada através da concepção de masoquismo erógeno e do entrelaçamento entre Eros e Tânetos.

Nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905a) trabalha o par de opostos sadismo-masoquismo a partir da tendência a conferir dor, humilhação ou sujeição ao objeto sexual, respectivamente, em suas formas ativa e passiva. A libido já possuiria de início um traço agressivo, que entrelaçaria de modo íntimo crueldade e pulsão sexual, o qual é chamado de sadismo. O masoquismo surgiria através de uma variação do sadismo, por se distanciar demasiadamente do alvo sexual normal.

Freud inova ao afirmar que o par de opostos não é encontrado unicamente na perversão, pois “o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual” (p.150), ou seja, as disposições sádicas e masoquistas fazem parte da sexualidade humana em seu desenvolvimento e satisfação.

Retomaremos *Totem e Tabu* (Freud, 1913a) para trabalhar a relação entre agressividade e Complexo de Édipo. A ambivalência emocional marca o sujeito, que sente o horror consciente e o desejo inconsciente relacionado aos dois tabus ligados ao totemismo e ao complexo de Édipo. A saber, o de não matar o animal totêmico/pai e o do incesto. Ambos englobam o par ódio e amor que foi alcançado em sua relação com o complexo-pai. Vejamos, o tabu envolve uma cena agressiva, o assassinato do pai, que é “repetida” na refeição totêmica e é proibido por poder acarretar a dissolução da comunidade. Freud não resolve o problema na agressividade, mas sustenta que o impulso hostil, que faz parte de uma ambivalência emocional, é adquirido na relação com o pai, seja nos tempos primitivos, seja no Complexo de Édipo.

Em *Os Instintos e suas Vicissitudes*, Freud (1915a) investiga os possíveis reveses pelos quais uma pulsão pode passar. Nesse momento, Freud ainda sustenta que o elemento primário da pulsão sexual é o sadismo, que “consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto” (p.133). O sadismo originário é ativo e investe em um objeto externo, mas pode sofrer duas inversões – a primeira, da

atividade do sujeito em passividade; a segunda, da agressividade contra um objeto externo em agressividade contra o eu¹². Entretanto, se anteriormente Freud propunha uma mudança direta do sadismo para o masoquismo, nesse texto as etapas são descritas com notável influência da teoria do narcisismo. É necessário um terceiro tempo, em que o masoquista encontra seu carrasco: “Também aqui a satisfação segue o caminho do sadismo original, voltando o ego passivo, em fantasia, ao seu papel inicial, que foi agora, de fato, assumido pelo sujeito estranho” (Freud, 1915a, p. 133).

Podemos situar o texto *Uma Criança é Espancada* (Freud, 1919) como essencial para demonstrar o papel da fantasia no sadismo/masoquismo. A partir da fantasia de que “bate-se numa criança”, encontrada em vários pacientes, Freud busca estudar suas bases sádicas e masoquistas. Nesse momento, o autor ainda mantém a primazia do sadismo, que será transformado em masoquismo em decorrência da incidência do sentimento de culpa enquanto efeito do recalque. Freud organiza seu pensamento através de fases¹³ que representam a posição do sujeito e do objeto na fantasia.

A fantasia é um substituto da relação sexual proibida e conota tanto prazer quanto sofrimento. A terceira fase clarifica o encontro incestuoso e desejo de exclusividade frente ao pai, afirmando que “O meu pai não ama essas crianças, está batendo nelas, ele ama apenas a mim”. Este enunciado revela o elemento sádico da fantasia e excitação sexual que circula nela.

O texto *Além do Princípio de Prazer* (Freud, 1920) demarca a virada da teoria freudiana, que caracteriza a segunda tópica com a concepção de pulsão de morte, esta caracterizada como uma força que busca o retorno ao inorgânico e aparece na

¹² Para que se transforme em masoquismo as duas vicissitudes da pulsão ocorrem, o retorno em direção ao eu, que agora é o novo objeto alvo e, em seguida, uma mudança de finalidade ao sair da atividade para a passividade.

¹³ Na primeira fase, bate-se em uma criança, porém se sabe que a autora da fantasia não está em cena, pois não é a criança espancada e aquele que bate é um adulto. O sujeito indeterminado que espanca acaba por ser reconhecido enquanto o pai da criança. A segunda fase engendra uma transformação essencial, em que a autora da fantasia se posiciona como a criança que apanha, sendo indiscutivelmente masoquista. O que marca esse momento é o alto grau de prazer. A terceira fase coloca a criança como observadora do espancamento, que agora não é dirigida somente a uma criança, mas a várias, além de conter cenas de castigo e humilhação.

compulsão à repetição. Aqui a agressividade aparece como destrutividade em um acordo com a pulsão de morte. Primeiro Freud afirma que não existe um componente sádico na pulsão sexual. A faceta destrutiva da pulsão de morte, sob jugo do narcisismo, não irá em direção ao eu, mas sim buscará objetos externos. Assim, é mencionada a possibilidade de haver um masoquismo primário.

É em *O Problema Econômico do Masoquismo*, escrito por Freud em 1924, que se formaliza a concepção do masoquismo primário ou erógeno enquanto elementar em relação à pulsão sádica. Ele está presente em todas as fases do desenvolvimento da libido e constitui as outras duas formas de manifestação – o masoquismo feminino e moral.

Em um embate entre pulsão de vida e pulsão de morte, a tarefa da primeira é neutralizar a pulsão destrutiva no sujeito. A libido deve tanger a pulsão de morte até objetos externos. Parte desse elemento desviado se liga à excitação sexual e é o que chamamos de sadismo. Porém, uma parte da pulsão de morte, o masoquismo primário, não ganha o caminho apontado pela libido e permanece presa no interior do organismo. Assim, apesar de uma parte conseguir se enlaçar com o mundo externo, outra parte ainda possui o eu como objeto. O masoquismo é compreendido enquanto primário e está na base do funcionamento interno da pulsão de morte.

No *Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930[1929]) mostra que a civilização exige uma renúncia pulsional. Dentre as manifestações pulsionais do homem não se pode esquecer de uma “poderosa quota de agressividade” (p.116) que está sempre à espera para entrar em cena. Nesse ponto, Freud localiza a destrutividade e a agressividade como desvios encontrados pela pulsão de morte, mas a serviço de Eros, pois o organismo destrói “alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (*self*)” (p.123). Então, Freud conclui que vida e morte estão sempre entrelaçadas e que é impossível encontrar a pulsão de morte em seu estado puro, mas que a agressividade é o derivado e o principal representante da pulsão de morte.

A agressividade é o resultado do encontro entre pulsão de vida e pulsão de morte, que visa ao desvio da destrutividade pulsional desordenada, e a atividade do aparelho motor muscular. Atos agressivos englobam uma extensa gama de comportamentos, desde os esperados e aceitos socialmente até aqueles considerados delinquentes ou transgressores. A teoria freudiana nos fornece alguns apontamentos para trabalharmos a agressividade dirigida a terceiros em situações consideradas fora da lei, como roubo, assassinato, estupro, entre outros.

Freud (1908) lança uma curiosa frase em seu texto *Moral Sexual ‘Civilizada’ e a Doença Nervosa Moderna*: “Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um ‘criminoso’, um ‘outlaw’, diante da sociedade – a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um ‘herói’” (p.173). Há um relativismo social em que a comunidade e o papel do sujeito nela irão rotular o que é a lei e quem está fora dela. A concepção daquilo que é considerado um crime depende da qualificação social.

Para além das questões sociológicas, o crime na teoria freudiana possui sua dimensão organizadora – do indivíduo e da cultura. Os tabus fundamentais do totemismo, onde se encontra o crime que origina a subjetividade e a estrutura social, são os mesmos dos desejos reprimidos do Complexo de Édipo. Na tensão entre desejo e proibição se dá o primeiro registro do sentimento de culpa, que se localiza no homem, no âmbito da realidade psíquica e não dos atos.

As proibições do Complexo de Édipo são estruturantes para um sujeito, como mostra a teoria do recalque (Freud, 1915), assim como o parricídio e o incesto dão origem à civilização, como pode ser visto em *Totem e Tabu* (Freud, 1913a). Não havendo acordos entre os irmãos após o assassinato do pai, tornou-se necessário instituir as leis. A passagem da horda primitiva para a cultura humana ocorre devido ao crime

primordial e sua conseqüente lei. Com o Complexo de Édipo, os crimes se reeditam em cada neurótico e a violência se inscreve na subjetividade de cada um.

O assassinato do pai traz como conseqüência o sentimento de culpa, que permite a instauração do laço social. Diferentemente dos indivíduos da horda primeva, o homem neurótico precisa somente da fantasia do parricídio e do incesto para que o sentimento de culpa se instale. A relação entre sentimento de culpa e crime ganha expressão no texto *Alguns Tipos de Caráter Encontrado no Trabalho Psicanalítico*, escrito por Freud em 1916, em uma parte dedicada a trabalhar os “Criminosos em conseqüência do sentimento de culpa” (p.347). Ali, Freud salienta que é, por muitas vezes, na juventude que alguns indivíduos praticam atos considerados delituosos, como pequenos furtos ou fraudes, em conseqüência de um sentimento de culpa de origem desconhecida que provocava nos autores um alívio mental. A culpa preexistia ao “crime”, como pôde mostrar o trabalho analítico, e provinha do Complexo de Édipo e de seus dois desejos criminosos fundamentais, a saber, o de matar o pai e o de ter relações sexuais com a mãe.

A agressividade mostra seu poder nos caminhos do sentimento de culpa no *Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1930[1929]). No início, a renúncia pulsional realizada pelo homem ocorre devido ao medo da agressividade de uma autoridade externa, ou ao seu equivalente, o medo de perda do amor. A agressividade do próprio homem que fora renunciada retorna contra o ego no formato de uma “consciência”, o supereu, que “está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos” (p.127). O desejo de agressão está dominado em uma operação que transforma a autoridade externa em um agente internalizado. A resignação das pulsões ocorre agora devido ao medo da própria consciência – e desta não podemos esconder nossos pensamentos. O sentimento de culpa e a necessidade de punição são desencadeados pela simples intenção ou fantasia. Assim, “a agressividade da consciência continua a agressividade da autoridade” (p.127).

A culpabilidade expressa um paradoxo: por um lado, constitui o laço social, barra o crime e regula os vínculos sociais; por outro lado, pode empurrar o sujeito ao crime. De qualquer modo, a concepção de supereu e de masoquismo primário desvela o prazer que o supereu sente no sofrimento do sujeito.

3.2 Bergeret e a Violência Fundamental

Bergeret (1996) faz uma clara distinção entre agressividade e violência, propondo o conceito de violência fundamental. Para tanto, utiliza a concepção de pulsão de dominação, de que trata Freud em 1905, ao estudar a crueldade nos primeiros anos de vida de uma criança. Caracteriza-a enquanto um componente da pulsão sexual que domina a fase pré-genital. O que está em jogo é a necessidade de dominação e não de produzir dor nos outros, afinal sentir ódio ou se compadecer dos demais só se desenvolvem mais tardiamente.

O autor utiliza também o texto de Freud de 1915a, *Os Instintos e Suas Vicissitudes*, para apontar a existência de uma agressividade, anterior ao amor, causada pelo mundo externo, que provoca movimentos de defesa do eu. Com o posterior advento da pulsão de morte na teoria freudiana, a agressividade só pode ser apreendida em sua união com a pulsão de vida. Há uma distinção com relação a tal violência em um estado mais puro e primitivo, pinçado por Bergeret nos textos de 1905 e 1915 de Freud. A agressividade possui um objeto sexual e edípico relativo a uma identificação secundária, visa a um objeto específico e tem relação com a pulsão de morte. Já a violência fundamental se liga à identificação primária narcísica e é um marco elementar e narcísico dos instintos de vida – de autoconservação – no sentido pré-genital. Trata-se de uma disposição natural em que o primeiro objeto é narcisista, ou seja, fundamentalmente um rival, que impõe ‘ou eu ou ele’. É de sobrevivência que se trata, um instinto nem bom nem mau, mas que expressa uma necessidade vital. O homem

seria levado a dominar, subjugar ou mesmo destruir o outro em busca de sua conservação.

A violência fundamental é um instinto de essência narcisista diferente da pulsão de morte e que está logicamente localizado em um período arcaico, podendo porém acompanhar a atividade das inscrições imaginárias edípicas. O instinto básico do Complexo de Édipo é exatamente a violência fundamental, pois Édipo matara seu pai para conseguir sobreviver, tendo em vista que seu pai já desejara e tentara matá-lo antes. Édipo ocupa o lugar de seu pai, assim a violência fundamental é genitalizada, canalizada ou “vetorializa”.

Bergeret aponta para uma angústia anterior à formação imaginária da castração e do Édipo. O autor relembra o texto de Freud (1926a), *Inibições, Sintomas e Angústia*, em que a angústia de castração é correlacionada a uma angústia anterior, do desamparo fundamental. Desse modo, a angústia primitiva da violência fundamental deve se ligar futuramente a angústia de castração.

3.3 Winnicott e a Tendência Antissocial

Winnicott (1939) afirma que a agressividade já existe em pleno vigor no bebê, e não se trata da pura expressão do instinto agressivo, mas sim do amor primitivo se manifestando, inicialmente, na atividade muscular. Para isso, é utilizado o conceito de voracidade, em uma fusão original entre amor e agressão, em que, por exemplo, o bebê mama em meio a comportamentos destrutivos, como morder e apertar o seio materno. Isso faz parte da expressão do amor instintivo, quando o bebê está excitado, com apetite, pois a capacidade de destruir, que caminha a todo vapor na fantasia, é acompanhada pela capacidade de proteger o outro amado de sua destruição. No âmbito das fantasias, Winnicott, aponta para a existência de forças destrutivas e de amor, onde o bebê – ou uma criança, adolescente ou adulto – deve fazer alguma coisa para salvar-se

da crueldade que ameaça tomar o controle interior. Por vezes, o sujeito precisa dramatizar seu mundo interno representando um papel destrutivo e exigindo a presença de uma autoridade externa para que o controle. Parte da agressividade pode ser utilizada a favor do estabelecimento de uma responsabilidade pessoal, no trabalho de reparação e da capacidade de envolvimento – em que o indivíduo se preocupa e se importa com o objeto destruído.

Ainda no mesmo texto, Winnicott, sustenta que agressividade e capacidade de construção se ligam de modo inexorável. Em condições ambientais favoráveis, a disposição para construir decorre da aceitação infantil e da responsabilização do elemento destrutivo que está em sua natureza. Com o processo de maturação, a mãe deverá ter paciência e sensibilidade para aguardar que o filho adote várias formas de lidar com um mundo não-eu, que independe de seu controle mágico. Assim, a criança poderá ser capaz de “ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar” (1939, p.109).

Outra possível direção da agressividade está na destrutividade contida na tendência antissocial, que engloba desde a enurese noturna, até as perversões, psicopatias e distúrbios de caráter (Winnicott, 1964). Dentre eles está o comportamento delinquente e para compreendermos o que está na origem deste devemos retomar o desenvolvimento emocional do bebê. “O amor primitivo tem um propósito destrutivo e a criança pequena ainda não aprendeu a tolerar e enfrentar os instintos” (p.130). Nesse momento, é necessária uma estabilidade externa que o permita viver isso sem sentir um medo demasiado do que ele mesmo é capaz de produzir, fazer, imaginar e pensar. Um ambiente saudável composto pela *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1956) deve assegurar a expressão desses impulsos, possibilitando ao bebê “explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio” (p.74). Sem esse quadro de referência externo, no momento em que o ego da criança

ainda não é capaz de responder de modo maduro, ocorre a *privação*, que está na origem da tendência antissocial.

Os sujeitos com comportamentos antissociais procuram externamente essa estabilidade e recorrem à sociedade, pois o sentimento de segurança surgiu na vida da criança a tempo de ser incorporado às suas crenças. Winnicott (1956a) alerta que se há delinquência é porque há esperança de que o mundo externo reestabeleça tal controle. Através de seu comportamento, o sujeito obriga o ambiente a cuidar dele. No mesmo texto, Winnicott salienta o aspecto positivo do “valor de incômodo” da tendência antissocial, ou seja, é uma característica favorável para o sujeito que ele queira recuperar a fusão perdida.

A teoria winnicottiana sustenta que o funcionamento subjetivo do delinquente juvenil encontra sua origem na concepção de *privação*, que põe em jogo a noção de ambiente e desenvolvimento emocional.

3.4 Lacan e o Ato Criminoso

Lacan (1948) situa a agressividade na base da constituição do eu, principalmente a partir da teorização do estágio do espelho e da concepção de narcisismo. A constituição primária do sujeito se dá quando a criança reconhece, em um momento de júbilo, sua imagem no espelho – imagem ratificada pelo Outro, que unifica o corpo despedaçado. Nesse sentido, o narcisismo é essa “antecipação imaginária de um corpo coordenado e funcional” (Simanke, 2002, p.269).

No momento da primeira inscrição psíquica pela imagem de materialidade virtual, surge o fenômeno do duplo. O mundo não é mais uma extensão do bebê, ele pode unificar o corpo, perceber-se cercado de objetos e dizer “eu sou”. Em um “complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, com os objetos que estejam em suas imediações” (Lacan, 1949,

p.97). Essa relação com o duplo, porém, não é sem conflito, pois o outro também é marcado enquanto rival.

O narcisismo é algo nebuloso para o sujeito, ele não sabe qual o papel do outro em sua constituição. O mesmo olhar que permite ao sujeito unificar uma totalidade narcísica, o lugar do eu, também é ameaçador pela sua alteridade. O estágio do espelho inicia uma rivalidade do sujeito com ele mesmo, o objeto de identificação é igualmente objeto de ódio e agressão (Benvenuto, 2001). O retorno a esse tempo é sempre uma ameaça que está na base da agressividade (Roudinesco & Plon, 1998). Afinal, desde o início a relação do sujeito com o outro possui a marca da agressividade em decorrência da fantasia de despedaçamento e da anulação da identidade subjetiva. Como vimos, o duplo anuncia a morte. É nesse emaranhado entre libido narcísica e a função alienante que Lacan (1948) situa o conceito de agressividade enquanto constitutivo da experiência formativa do eu: “essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu” (p.116).

A agressividade é elemento constituinte da subjetividade. Mais especificamente sobre o ato criminoso, Lacan faz algumas considerações: em 1950, no texto *Introdução teórica às funções de psicanálise em criminologia*, logo alerta que a identificação do que é um crime e um criminoso, as concepções de responsabilidade, de pena, de culpa e de castigo são relativas ao contexto cultural e a cada sociedade. O psicanalista deve se opor às classificações de comportamento delituoso e trabalhar com a verdade do sujeito.

Nesse momento, Lacan lança mão da concepção de assentimento subjetivo enquanto a resposta do sujeito frente ao ato delituoso que cometeu, ou seja, como ele se responsabiliza. Apesar de a lei dispor de um preço pelo crime, existe o modo como o sujeito se pune, garantindo a eficácia de uma tradição cultural mediante especialmente dispositivos simbólicos. Há uma normatividade, mas há também a capacidade subjetiva de instaurar normas para si mesmo (Mollo, 2009). O assentimento subjetivo liga a

responsabilidade do sujeito com a punição social. Desse modo, Lacan salienta que a psicanálise deve olhar para o crime e para o criminoso através da certeza de que esta é uma experiência irredutivelmente subjetiva, que deve ser analisada de sujeito a sujeito.

Lacan (1950) trabalhou os crimes do supereu, que provêm da ideia freudiana de crimes em decorrência de sentimento de culpa. Assim, a realidade de um crime pode ser captada pela psicanálise a partir da violência do supereu. Freud reconhece o supereu a partir da introjeção da lei do pai, herdeiro do Complexo de Édipo. No entanto, o supereu também exige satisfação proveniente do isso. A instância superegoica empurra o sujeito para o crime. Não somente pela necessidade de punição, afinal supereu também é exigência de gozo.

O crime é um ato cujas consequências ultrapassam o sujeito, ele atinge o Outro social, convocando respostas ao mal que ele provoca. O criminoso encontra com uma lei real que pode bloquear o gozo, ou seja, a lei jurídica mostra na realidade o que falhou na simbolização da lei edipiana. Há a presença do Outro a quem o sujeito se dirige. Por isso, Lacan considera que o crime realiza em ato aquilo que deveria ter sido simbolizado pelo Complexo de Édipo. O simbolismo presente no ato demonstra a significação social do edipianismo.

Lacan (1948) sustenta que o que desencadeia a agressividade é a quebra da imagem narcísica, imagem de si apreendida no Outro, de modo que “a agressividade, na experiência, nos é dada como intenção de agressão e como imagem de desmembramento corporal, e é nessas modalidades que se demonstra eficiente” (p. 106). Lacan continua, afirmando que “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característico do seu mundo” (p. 112). Nesse mesmo texto, propõe que a matriz da agressividade é a inveja, marcada por um ressentimento de ocupar um lugar na primeira infância marcado pela absorção especular.

O crime decorrente do supereu é uma manifestação individual ligada às condições sociais do Édipo. Em 1938 Lacan já trabalhara o declínio da imago paterna na sociedade atual. Sobre esse aspecto, Melman (1992) aponta que o modo de aquisição dos objetos – através da apreensão, do rapto ou da violação – pelo delinquente é o único recurso que o resta pela falta da tomada simbólica. A conduta do delinquente é simbólica de uma falta essencial em que o único acesso possível ao objeto se dá através do crime. Melman propõe que o sujeito se encontra forcluído do Nome-do-Pai, ou seja, ele “encontra-se em uma posição onde não pode ser reconhecido por ele, portanto não pode valer-se de sua filiação, de sua autoridade.” (p.45). A causa da delinquência está na falta de reconhecimento simbólico do Nome-do-Pai. Ao mesmo tempo em que, como consequência de seu ato, ele exige a presença do pai enquanto autoridade real; no ato em si o que está em jogo também é a anulação do terceiro, provando que “ali ele nada pode” (p.52). Esse aspecto caracteriza a delinquência como um ato incestuoso.

No capítulo anterior, vimos que os atos são uma forma de reação contra a angústia. Frente à angústia existem várias saídas e aquela utilizada pelo sujeito depende das possibilidades de simbolização. Especificamente nos atos delinquentes, o sujeito não encontra apoio no simbólico para inscrever a castração como falta – para entrar no circuito do desejo. Ele pode acabar por reproduzir a situação como encenação no caso do *acting out*; ou sucumbir ao encontro como na passagem ao ato. Se entendermos o *acting out* como um apelo ao Outro para que ele produza uma ordem, a maioria dos atos infracionais na adolescência estão postos a partir da perspectiva de *acting out* (Mollo, 2010; Salum, 2009). Entretanto, é preciso analisar cada caso em particular.

Lesourd (2004) trabalha vários elementos da relação entre adolescência e delinquência. O autor faz uma relação entre a deflação narcísica da adolescência e a necessidade de recriar os objetos. Há um abalo na base narcísica pela necessidade de desinvestir no amor infantil parental, pela dúvida do valor do próprio corpo e do objeto eu. O adolescente percebe no encontro com a realidade que jamais encontrará o objeto

adequado a uma satisfação total. A partir da perda do objeto psíquico de amor é iniciado um trabalho de busca de objetos reais que podem oferecer prazeres parciais. Os objetos do sujeito delinquente possuem sua particularidade, o objeto furtado faz do transgressor um sujeito valorizado. “O valor do objeto deve ser entendido então como valor narcísico da sua posse, na qual o objeto da realidade possuído tem como função reforçar o narcisismo do sujeito, reforçar o mérito do seu objeto eu” (p.103). O objeto ganha seu valor pela tomada de risco no ato do roubo, que assegura a potência do sujeito. Então, trata-se de um objeto fálico.

Lesourd trabalha a violência no adolescente delinquente como uma impossível separação da mãe arcaica. Na crença infantil, o pai, detentor do falo, pode satisfazer completamente seu primeiro objeto de amor, a mãe. A criança aceita a castração e a atribuição fálica paterna baseada em uma promessa: “quando for grande, eu terei a potência fálica”. Assim, por trás do pai edipiano se esconde a mãe arcaica. Quando a promessa se torna um logro e a castração persiste, a potência fálica cai na rede do impossível. O remanejamento adolescente inclui a descoberta do valor simbólico do falo. A reativação edipiana é somente uma parte do trabalho adolescente. A mãe arcaica, enquanto *das Ding*/Coisa, ainda exerce sua atração.

Lacan traz a frase “Agir é arrancar da angústia a própria certeza” (1962-63, p.98). O sujeito se angustia frente ao desejo do Outro, que o designa como objeto. A dimensão motora do fazer, o agir, marca uma separação entre sujeito e Outro. O agir traz a segurança da certeza narcísica de um ser diante da angústia, que traz a constatação aniquilante do desejo do Outro. A conduta delinquente é um caminho para o sujeito provar uma potência fálica.

Na delinquência é preciso estar atento para o âmbito do narcisismo primário, da constituição do eu e da separação infantil com a mãe arcaica. A criança é excluída do gozo do Outro arcaico e o pai toma seu lugar. Lesourd (2004) também utiliza (como Lacan) o conceito de inveja proposto por Denise Lachaud para compreender melhor

esse ponto. O que está em jogo é a necessidade de destruir o outro ou a si mesmo na busca por *reencontrar seu próprio lugar*. A inveja é indício de que o sujeito foi expulso da relação enquanto outro tomou seu lugar no gozo da carne. Nesse ponto, é ou ele ou eu. Por isso a ordem simbólica e a função paterna são também apaziguadoras. O que está em jogo é a existência do sujeito. Se a função paterna não ocupou suficientemente seu lugar, fica marcada a busca fusional de sobrevivência e existência, onde só é possível existir no reconhecimento pelo Outro. Não há limite entre o sujeito e o semelhante (no eixo imaginário), o reconhecimento e conseqüentemente sua sobrevivência só podem ocorrer através da violência.

3.5 O Delinquente na Redução Angustiante de um Corpo

O posicionamento de Freud sobre a violência demarca sua singularidade na medida em que a violência tem uma íntima relação com o pai. O parricídio do mito da horda primeva e sua marca em forma de fantasia e desejo no Complexo de Édipo demonstram isso de modo desconcertante. Podemos ver essa relação também nos vários autores que colocam a pobreza simbólica do sujeito que comete o ato, apontando-se para a falta de eficácia do Nome-do-Pai. Assim, para além da violência constituinte da psique, ela é um dos caminhos para se relacionar com o semelhante, um caminho que testa os limites da lei e questiona se os laços sociais podem ser mantidos. Assim, não se trata unicamente de uma pulsão de morte descomedida.

O desamparo vivido pelos adolescentes que cometem atos criminosos se dá, em certa medida, por não possuírem uma estruturação simbólica suficientemente eficaz que o permita fazer girar os véus fálicos no encontro com o feminino. O desamparo que se impõe os joga na angústia e os coloca em uma busca desenfreada por qualquer visibilidade social e pelo reconhecimento, aparecendo como a única via possível para suportar a dor do existir adolescente.

Capítulo IV

Do Método à Técnica Psicanalítica:

A Construção do Caso Clínico

Neste capítulo, pretendemos resgatar o método de pesquisa que possibilitou a invenção da psicanálise, a saber, dar voz aos sujeitos e permitir que eles falem livremente. Em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada nesta pesquisa, a construção de caso, tal como proposto por Pierre Fédida (1989, 1991a, 1991b). Cada caso clínico pode proporcionar enigmas à psicanálise, que não se oferece como um conhecimento acabado, mas em constante transformação. No cerne desse método está o postulado de que a psicanálise é o saber em movimento, ou seja, de que há uma íntima relação entre o ato de investigar e um saber que se oferece a transformação.

Em um segundo momento, neste capítulo, trataremos da técnica psicanalítica, especialmente no trabalho com a demanda e no manejo transferencial na clínica com adolescentes em conflito com a lei. Um ponto fundamental desse trabalho clínico parece considerar que o analista deve se recusar a reconhecer, no campo do imaginário, os comportamentos agressivos e a responder com hostilidade confrontativa na clínica. Trata-se de acolher esse adolescente como um sujeito de desejo, em uma busca pela reintegração simbólica da sua história.

4.1 O Método Psicanalítico

A metodologia de pesquisa em psicanálise é fundamentada por sua produção teórica e atuação clínica. Algumas concepções caras à psicanálise, como inconsciente e transferência, são fundamentais para o detalhamento do método que estrutura essa abordagem.

Ao se deparar com o poder do inconsciente, Freud (1916-17), afirma que o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa. Nesse sentido, a psicanálise introduz radicalmente o sujeito em sua cena discursiva, nomeando-o sujeito do inconsciente (Gianese, 2004). Ou seja, não há um controle consciente, o e funcionamento humano é tributário das leis inconscientes.

Independente do método escolhido, o objeto de estudo da psicanálise é um só: o inconsciente (Iribarry, 2003). Mais concretamente, suas manifestações, afinal, o inconsciente é um conceito metapsicológico, que constitui uma possibilidade de objeto a ser estudado (Gianese, 2004). Apesar de o inconsciente ser, em certa medida, inacessível, ele é passível de abordagem por meio do método psicanalítico da interpretação (Freud, 1900). Nesse sentido, a psicanálise trabalha com a suposição de um não saber que está na base do sujeito e de um saber não todo próprio ao inconsciente (Lacan, 1975).

O inconsciente jamais se revela por inteiro, a não ser por suas formações, como os sonhos, sintomas, chistes e atos falhos. Como nos alertou Freud (1900, p. 519), na pesquisa e na clínica, sempre vamos nos defrontar com o *umbigo do sonho*: “Então esse é o umbigo do sonho, o lugar em que ele se assenta no desconhecido”. Lacan (1969-1970, p. 116) concorda com essa concepção ao afirmar que é “indispensável para a vida que alguma coisa irreduzível não saiba”. Diante desses furos no saber, é na condição de uma defrontação com o real que se assenta o movimento da pesquisa em psicanálise. O saber psicanalítico é furado, e com isso não se quer falar dos limites de uma pesquisa, mas do elemento primordial para a estruturação do saber em psicanálise (André, 1999).

Ao tratar da pesquisa em psicanálise, seu objeto de estudo e seus métodos, Caon (1994, p.23) mostra a centralidade do inconsciente:

A característica essencial que singulariza o pesquisador psicanalítico é o campo, o objeto e o método de sua pesquisa. Este campo é o inconsciente. O objeto é o enfoque ou perspectiva a partir de uma posição em que é colocado o pesquisador psicanalítico, a

fim de aceder ao inconsciente. O método é o procedimento pelo qual ele se movimenta pelas vias ou perspectivas de acesso ao inconsciente.

O pesquisador que deseja utilizar a psicanálise como teoria de base para sua pesquisa precisa encontrar caminhos de acesso ao inconsciente. Talvez o mais comum seja a utilização de casos clínicos. Nesta pesquisa, escolhemos o método da construção de caso proposto por Pierre Fédida (1989, 1991a, 1991b) por considerarmos que este engloba as principais facetas do método psicanalítico. No momento de utilizar o caso clínico para fazer uma pesquisa e registrá-la por escrito, a Construção de caso sustenta que devemos utilizar o atendimento individual, a supervisão e uma produção metapsicológica. Os três eixos estão apoiados na concepção do inconsciente como não todo, que coloca a pesquisa psicanalítica em eterno movimento, ao mesmo tempo em que introduz a radicalidade do inconsciente do pesquisador.

4.1.1 O método da construção de caso

Freud (1923 [1922]) define o desenvolvimento da psicanálise em três campos: um método eficaz de tratamento da neurose, uma investigação dos processos psíquicos e a teoria dos processos psíquicos evidenciados através do tratamento. A psicanálise é inaugurada como um trabalho de tratamento das neuroses, ao passo que a pesquisa e a teoria produzidas estão em segundo plano. Em outras palavras, a clínica é o carro-chefe da psicanálise.

O método de pesquisa em psicanálise é tratado por Freud (1912b, p. 152) quando ele afirma que “uma das reivindicações que a psicanálise faz em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem”. Apesar de a psicanálise poder valer-se de variados modelos de pesquisa, talvez o mais paradigmático seja o da construção de caso. Tal método trata de transformar em

conhecimento, em saber, aquilo que ocorreu na clínica de um caso. Significa buscar além do relato de fatos históricos e de questões metapsicológicas, conceitos já trabalhados pela psicanálise, envolvendo a revisão e reconstrução de concepções e tomando como parâmetro a clínica e o que ela apresenta.

O trabalho de construção em análise é desenrolado a partir do despertar do infantil (Fédida, 1989). O termo *infantil* é de extrema importância e peculiar na concepção psicanalítica, não só porque a infância é preponderante no desenvolvimento psíquico, mas também por constituir o próprio funcionamento do inconsciente. Este não obedece às regras da racionalidade e da lógica, mas sim está relacionado com a dimensão traumática das experiências de uma criança (Tanis, 1995). O infantil mantém uma relação pertinente com a determinação do fenômeno transferencial, tendo em vista que esta é a reatualização em ato, no contexto de análise, de um ponto traumático do desenvolvimento. Ao pensar na relação do infantil com a construção de caso, Fédida (1989, p. 119-120) afirma:

A construção está diretamente relacionada com o que, no tratamento, tende a se repetir transferencialmente do infantil sob tal ou qual modalidade da comunicação. E se é verdade que o analista apreende rapidamente o infantil das modalidades de comunicação do paciente na transferência, ainda não dispõe do inédito das palavras que lhe permitiria a apresentação desta construção ao paciente. Tudo se dá como se somente o tempo de um tratamento tornasse possível a perlaboração desta primeira visão sobre o conteúdo da amnésia infantil e como se o tratamento fosse justamente o “lugar” deste tempo onde se recolocam em jogo ao se colocarem em jogo as modalidades de comunicação inerentes ao esclarecimento das construções.

A construção de caso, sustentada por Fédida (1989, 1991a, 1991b) em alguns de seus textos, parte de uma questão metapsicológica que pode ter diversas origens, como análise pessoal, prática clínica, discussão em supervisão e debates teóricos. É o tratamento psicanalítico que pode trabalhar tal questão, resultando em um ensaio

metapsicológico. De modo que, ao visar à produção metapsicológica, o caso clínico surge como uma ancoragem fundamental (Berlinck, 2000; Queiroz, 2002).

Não se trata de relatar casos clínicos ou fatos cronologicamente; na construção de caso, o que está em jogo é lançar mão de uma hipótese (Moura e Nikos, 2000). Fédida (1991b, p. 228) aponta que o método da construção de caso deve ser utilizado quando “há um desejo de se compreender como tal história, se não causou tal patologia, ao menos deu ensejo às condições favoráveis de sua manifestação”. Já é possível delinear duas principais finalidades do estudo de caso, que podem estar interligadas: dar conta de uma questão metapsicológica e pesquisar um caso que revela inquietações para o analista. Fédida (1991b, p. 230, grifo do autor) afirma que “nossa hipótese é a seguinte: na psicanálise, *o caso é uma teoria em gérmen, uma capacidade de transformação metapsicológica*. Portanto, ele é inerente a uma atividade de construção tal como a análise de supervisão seria capaz de constituir”.

Fédida (1991a) sustenta que o pesquisador/analista deve estar disposto a se surpreender com os enigmas que surgem ao longo do tratamento, sem se sustentar em uma pretensa onipotência, e estar atento à “psicopatologia da transferência”. No mesmo texto, o autor afirma: “Aquilo que designamos por ‘contratransferência’ não seria *também* a experiência – por assim dizer *transubjetiva* – que informa o analista sobre sua própria compulsão à repetição e que lhe designa *em negativo* o lugar de sua impossível resposta à fala do paciente?” (p. 218).

Aqui não está em jogo somente a transferência dirigida ao analista/pesquisador, mas também os elementos inconscientes do próprio pesquisador, que irão afetar seu trabalho clínico e o tratamento dos dados para a pesquisa. Para dar conta dessa implicação, é preciso insistir em uma alteridade na condução do método da construção de caso: a supervisão. “A análise de supervisão é instauradora e constitutiva daquilo que se pode chamar de um caso na psicanálise” (Fédida, 1991, p. 231). Nesse sentido, há a presença inevitável do inconsciente do pesquisador. Iribarry (2003) afirma que “dizer

que o pesquisador psicanalítico é o primeiro sujeito de sua pesquisa significa dizer que ele está também implicado como um participante importantíssimo na investigação realizada”. Safra (1993), por sua vez, sustenta que o psiquismo do pesquisador precisa ser incluído nas construções que realiza.

Evidentemente, o pesquisador deve se reportar à teoria já constituída como uma alteridade para a produção de conhecimento, e isso fica claro quando se afirma que é preciso uma hipótese metapsicológica para dar início à construção de caso. Ao longo da pesquisa e em sua publicação, o cotejo com os elementos teóricos disponíveis na literatura é fundamental. Narrar a experiência com o ensaio metapsicológico, construída também na análise de supervisão, é pôr à prova as elaborações em uma situação de interlocução com a comunidade científica (Fédida, 1989). O que esse método traz de novo é a necessidade de uma segunda alteridade, qual seja, a supervisão. Isso se dá pelo reconhecimento da implicação do infantil e da compulsão à repetição do pesquisador no momento de constituir um caso clínico.

Agora que já foi exposta a radicalidade da presença do pesquisador, devemos retornar à concepção de um ensaio metapsicológico. O ensaio pouco trata do que é observável e factual. Conta com as impressões do pesquisador, as elaborações que encontram encaixe não só com a teoria e com o inconsciente do pesquisador, mas também com seu infantil. Deixa que a associação livre também encarne no pesquisador – “é a ficção que lhe serve de sangue, buscando o domínio da invenção, da criatividade diante do já feito, já visto, e também do nunca tentado” (Iribarry, 2003, p.130).

Em síntese, a construção de caso em psicanálise se desenvolve essencialmente em quatro momentos. O primeiro é exatamente o enigma com que o pesquisador/analista se depara, quando a teoria não consegue dar conta de trabalhar alguns conceitos e elementos ou mesmo quando a prática clínica causa algum estranhamento. O segundo é o atendimento clínico, o terceiro é a supervisão, e o quarto, por fim, é a produção metapsicológica.

4.2 A Construção de Caso

A hipótese que buscamos averiguar é a de que o adolescente em conflito com lei tende a depositar no agir violento uma saída para a angústia vivida pelo encontro traumático com a genitalidade pubertária - o feminino. Por fazer parte do modo de funcionamento do adolescente a violência irá reaparecer no atendimento clínico. Os objetivos desta pesquisa envolvem a análise do lugar que o agir violento ocupa no funcionamento psíquico do sujeito adolescente, bem como a investigação do trabalho com a demanda e com o manejo do agir violento na transferência.

4.2.1 O sujeito e o método

Este trabalho de atendimento clínico foi realizado em unidades de internação para adolescentes em conflito com a lei em Brasília, Distrito Federal. Foram atendidos três adolescentes de ambos os sexos, entre 15 e 18 anos, que no momento se encontravam em situação de internação ou liberdade assistida. A demanda de atendimento havia sido feita em conversas anteriores dos adolescentes com as técnicas de referência¹⁴, que os encaminharam para atendimento clínico. Desses casos atendidos, o acompanhamento clínico de um adolescente que se prolongou por mais tempo será relatado no Capítulo V, com o nome fictício de Tiago. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília e todos os participantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), bem como seu representante legal, quando se tratava de menor de idade, para que o caso fosse relatado.

O atendimento clínico individual foi permeado pela existência de duas alteridades: a teoria já estabelecida e a supervisão. Assim, estavam em jogo duas

¹⁴ Todos os adolescentes internados contam com uma técnica de referência. Trata-se de uma profissional da carreira de assistência social, podendo ser uma psicóloga ou assistente social, que visa à reinserção social.

transferências, a analítica e a da supervisão. Iribarry (2003) sugere o uso de um diário clínico, em que constarão os relatos e as associações significantes que podem fluir, formando uma trama que registra a experiência. Essa sugestão foi adotada, e utilizaram-se os diários tanto nos momentos de atendimento clínico quanto nos de supervisão. O relato no diário ocorreu, necessariamente, depois da clínica e estava perpassado pelo inconsciente do analista, pelas travessuras de suas memórias, pelas questões surgidas da supervisão e pelo enigma que havia antecedido o início da coleta de dados. Enfim, no relato compareceram os elementos cujo encadeamento embasaria o ensaio metapsicológico, com atenção também ao que não fazia sentido, ao modo como o pesquisador se sentia, ao que ele pensava e a como reagia.

Para realizar a análise dos diários clínicos, foi tomada a proposição freudiana da associação livre como a principal regra do tratamento psicanalítico e da atenção flutuante. Isso quer dizer que não basta que o analisante se entregue ao inconsciente; o analista faz o mesmo ao lançar mão de uma escuta uniformemente flutuante – que, para Freud (1912a, p. 125), “consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ [...] em face de tudo o que se escuta”. A análise dos diários de campo deve ser feita a partir de uma escuta dirigida ao inconsciente, com base nas hipóteses estabelecidas pelo pesquisador, na produção da área e, principalmente, nas surpresas do inconsciente.

Iribarry (2003) propõe o termo *leitura dirigida pela escuta* como procedimento de análise de dados. Em um primeiro momento, é preciso produzir um texto relativo ao caso clínico, e em seguida lê-lo regido pela concepção de escuta psicanalítica. Lacan (1958c, p. 758) afirma que “a psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento e, portanto, a um sujeito que fala e que ouve. Fora desse caso, só pode tratar-se de método psicanalítico, aquele que procede à decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado”. É a partir da

escuta psicanalítica na decifração de significantes que podemos falar em análise dos diários.

4.3 A Técnica Psicanalítica e seus Impasses no Atendimento Clínico de Adolescentes em Conflito com a Lei

O estudo da técnica psicanalítica no atendimento de adolescentes em conflito com a lei será feito por meio de dois pontos, a demanda e o manejo da transferência. O que está em jogo, do lado do paciente, é a implicação na sua demanda; do lado do analista, está o trabalho de desidentificação com a demanda social, o manejo transferencial da agressividade e hostilidade, que logo aparecem. Analisaremos esses dois pontos para vislumbrar no horizonte o que um analista pode fazer.

4.3.1 O que Freud nos ensina?

No capítulo I, abordamos os quatro casos clínicos de Freud com adolescentes (Emma, Katharina, Dora e da jovem homossexual) a partir das reviravoltas teóricas relativas à sexualidade. É possível pinçar também desses casos reflexões sobre o manejo clínico no que diz respeito ao atendimento com adolescentes. Vamos utilizar os casos Dora e da jovem homossexual para trabalhar a construção de uma demanda e o manejo da transferência.

Para Freud (1926), o que se impõe como essencial ao início de uma análise é saber se o sintoma do sujeito pode ser trabalhado por meio de um processo analítico. O sintoma neurótico que causa sofrimento é a demanda legítima para a psicanálise. Não a toa, Freud (1913), no texto *Sobre o início do tratamento*, propôs que, antes de iniciar uma empreitada analítica, era preciso deixar o paciente, por volta de duas semanas, em

um tratamento de ensaio. Nesse tratamento seria possível indagar se o método psicanalítico de cura poderia fazer algo por aquele sujeito.

Ora, o que ocorre com Dora? Ela é uma histérica e o sintoma neurótico é a demanda ideal para a psicanálise. Porém, seu tratamento fracassa. Freud (1905, p.32) supõe que sua análise foi iniciada em razão de uma imposição familiar: “[...] ela só veio movida pela autoridade do pai”. Dora não se questiona sobre seu conflito e sintoma. Por isso, Freud pergunta à jovem qual a parte dela no sintoma de que se queixa. Ela tem uma demanda de sofrimento e de ajuda, mas não reconhece seu conflito, ou seja, não faz de seu sintoma um enigma.

Para discutirmos a demanda, o caso da jovem homossexual é paradigmático. Afinal, os pais procuram Freud por desejarem curar a homossexualidade da filha, característica que ela mesma não gostaria de mudar. No fim, Freud desiste de atendê-la e a encaminha para uma psicanalista. Sua justificativa se assenta sobre a afirmação de que a demanda da jovem não é uma situação ideal para análise:

Para um médico que fosse empreender o tratamento psicanalítico da jovem, havia muitos fundamentos para desconfiança. A situação que devia tratar não era a que a análise exige, na qual somente ela pode demonstrar sua eficácia. Sabe-se bem que a situação ideal para a análise é a circunstância de alguém que, sob outros aspectos, é seu próprio senhor, estar no momento sofrendo de um conflito interno, que é incapaz de resolver sozinho; assim leva seu problema ao analista e lhe pede auxílio. [...] Qualquer situação que dessa difira é, em maior ou menor grau, desfavorável para a psicanálise e acrescenta novas dificuldades às internas, já presentes.[...] Em suma, não é indiferente que alguém venha à psicanálise por sua própria vontade ou seja levado a ela, quando é ele próprio que deseja mudar, ou apenas os seus parentes que o amam (ou se supõe que o amem) (Freud, 1920, p. 188-9).

Em 1905 [1904], no texto *Sobre a Psicoterapia*, Freud é claro ao afirmar que a psicanálise não é aplicável a pessoas que se submeteram a ela unicamente devido à autoridade de seus familiares, e não por causa de seu sofrimento. É evidente que essa

premissa não é tão rígida, afinal, anos depois, em 1920, ele aceita como paciente a jovem homossexual. Porém, sem dúvida esse ponto demonstra um engodo para a teoria psicanalítica - como transformar uma demanda, seja ela por mandato de uma autoridade ou até mesmo de ajuda, em uma demanda de análise?

Rocha (2011) localiza nas entrevistas preliminares – termo dado por Lacan (1958b) no lugar de tratamento de ensaio – o trabalho de transformar um pedido de ajuda em uma demanda de análise. A concepção de demanda de análise envolve o momento em que o sujeito se reconhece em seu sofrimento, ou seja, reconhece sua participação no sintoma e pode fazer um enigma de sua queixa, construindo uma teia de respostas ao longo da análise. Nesse sentido, é fundamental realizar pequenas aberturas no inconsciente que levem o analisando a experienciar sua singularidade. A escuta do analista visa ao momento em que o sujeito pode se questionar sobre os motivos que o levaram à análise.

Enfim, Freud já apontara que uma análise não se sustenta quando a demanda não advém do próprio sujeito. Isso não significa que o analista não possa receber adolescentes que buscam ajuda por mandato. Então, não se trata somente de saber se é possível ser realizado na demanda um trabalho analítico; o que também está em jogo é a implicação do sujeito na sua demanda.

Nesse sentido, a psicanálise com adolescentes em conflito com a lei ganha um interessante delineamento. Para além de uma demanda dos familiares – que pode inclusive ser ausente por inúmeros motivos, às vezes por eles mesmos terem uma vida criminosa ou por não se importarem mais com o adolescente –, coloca-se em questão o mandato social por um tratamento psicológico que possua um eixo educativo e, muitas vezes, moralizante. Em situação de internação ou semiliberdade o adolescente está sempre se deparando com profissionais que representam o Estado, mas o tratamento psicanalítico não deve se misturar à imagem de um ditador da moral e dos bons costumes.

É preciso um trabalho de desidentificação com a demanda social e uma busca pela própria demanda. O analista pode indagar sobre o problema percebido pela sociedade, mas é fundamental que o analisante construa a própria versão (Coutinho, 2006). Em verdade, a aproximação excessiva do adolescente com o discurso social deve ser compreendida como um complicador. Afinal, quanto mais ele afirmar que precisa e deseja entrar em conformidade com o moral social, mais distante vai estar de falar sobre si próprio e hipotetizar sobre o sentido de sua delinquência. De modo geral, o analista deve fugir de um estilo distante e burocrático (Rassial, 1999) e, longe da posição de mestre, sustentar as questões e incertezas do sujeito para que ele possa construir suas respostas.

O psicanalista sabe que o valor da delinquência para o sujeito é diferente daquele impresso pelo social. Por isso, é preciso levar o adolescente a formular o sentido daquele comportamento para si mesmo. Portanto, não deve acentuar “o recalque para suprimir o sintoma, mas usando este sintoma na invenção possível de um discurso onde seu desejo não seja mais fechado por passagens ao ato, sempre decepcionantes em seus efeitos, quando não dramáticas” (Rassial, 1999, p.83).

Em conjunto com a transformação de um pedido de ajuda em uma demanda de análise, no caso de adolescentes internados, é preciso pensar no que chamaremos de transferência institucional. Para além de ocupar o lugar de missionário do Estado, o analista terá que se manter atento à disposição espacial, pois os muros da clínica são os mesmos da instituição de internação. Como fazer para que o analista não seja igualado com o lugar em que atende ou mesmo possibilitar que o espaço concreto seja alvo da criatividade do adolescente? Nesse momento, parece oportuno trazer a concepção de enquadre proposta por Roussillon (1995): trata-se daquilo que está em um espaço circunscrito, põe um limite e bordeja, ou seja, enquadra. A partir de um viés psicanalítico, essa concepção ganha um caráter dinâmico, pois pode assumir distintas funções para diferentes pacientes. Funciona como uma cena ou uma tela que ganha a

impressão de cada sujeito e pode ser repensada pelo analista em cada caso. Depende da história singular e da economia pulsional do sujeito naquele momento. Tal concepção é essencial para pensarmos que a atuação do analista não está unicamente no campo das palavras. Mas que deve tomar também o ambiente do atendimento e seu próprio corpo como uma tela para a transferência do analisante e como um veículo para as intervenções do analista.

A delinquência consiste no conflito de um sujeito com a lei, com a moral social. A psicanálise muito nos fala sobre o papel da moral no refreamento das pulsões. O conflito possui dois fluxos – por um lado, o desejo de caráter inconsciente e, por outro lado, a exigência civilizatória, o recalque e a moral consequente. Como fica o papel do analista se ele visa o desejo? Voltaremos a esse ponto posteriormente.

Antes de colocar em questão a delinquência do adolescente, buscando um discurso do sujeito sobre ele mesmo, existe a necessidade de estabelecer um

[...] laço com o adolescente, a instauração de um espaço de fala na transferência e de acolhimento ao desejo, o que, de certa forma, distancia-nos de um certo ideal presente na análise de adultos, quando os sintomas na maioria das vezes estão mais cristalizados e as interpretações visam sua transformação em enigma (Coutinho, 2004, p. 50).

O trabalho com a demanda não se resume a transformá-la em enigma, mas requer também acolher o desejo, receber o adolescente como um sujeito de desejo e reconhecê-lo para além do lugar do delinquente. Se retornarmos a Freud, veremos que o tratamento de ensaio proposto possui uma relação estreita com a demanda, na medida em que essa é uma das vertentes em que o analista pode operar em um trabalho inicial. Outra meta dessa fase é fazer a transferência, em outras palavras, atrelar o analisante ao seu tratamento e à pessoa do psicanalista.

Lacan (1958b) resgata o valor dessa fase que precede a experiência propriamente dita analítica e a nomeia de entrevistas preliminares. A relação entre transferência e demanda é íntima, pois é através da primeira que a segunda pode ser transformada em

demanda analítica, em um movimento em que “a queixa se transforme numa demanda endereçada àquele analista e que o sintoma passe de estatuto de resposta ao estatuto de questão para o sujeito, para que este seja instigado a decifrá-lo” (Quinet, 2002, p.16). O analista é um questionador que incita o sujeito a se decifrar, o que permite que a demanda seja endereçada ao analista por meio da transferência.

A entrevista preliminar, além de problematizar questões sobre a demanda e a transferência, permite ao analista pensar como irá se posicionar no manejo da transferência, isto é, assumir o lugar do analista com aquele analisando em particular. Vamos agora analisar o manejo transferencial e sua relação com a hostilidade dos pacientes. Tal questão tem suma importância, pois é um dos pontos que logo aparecem no tratamento de adolescentes violentos. Como trabalhar com um paciente que mostra sua hostilidade “a céu aberto”?

4.3.2 A posição do analista: o manejo clínico da transferência negativa

Em 1912, na *Dinâmica da Transferência*, Freud tratou a transferência como um *clichê estereotípico* que direciona a vida erótica do sujeito mediante a combinação de uma disposição inata e das vivências infantis. A transferência comporta um paradoxo: ao mesmo tempo em que é a resistência mais poderosa ao tratamento, é uma condição de sucesso do trabalho psicanalítico. Divide-se a transferência entre positiva e negativa – a primeira trata de sentimentos amistosos e afetuosos para com o analista, e a segunda refere-se a uma posição hostil, podendo se apresentar, por exemplo, com certa agressividade dirigida ao analista ou com a desqualificação de sua atuação. Ambas estão assentadas sobre pulsões eróticas primitivas e recalçadas que se tornam manifestas por meio da transferência.

A concepção de transferência traz a questão de o que o analista irá fazer com ela, qual deve ser o seu papel e como ele irá manejá-la. Para dizer o que faz um analista, por

várias vezes, Freud escreve para psicanalistas e fala da técnica. Nos *Artigos sobre a Técnica* (1911-1915[1914]), são trabalhados pressupostos básicos, procedimentos e situações clínicas. A regra de ouro da psicanálise, a associação livre, é o rigor sobre o qual se assenta o método psicanalítico. Se por um lado o paciente deve associar livremente, falando tudo que lhe vem à cabeça sem fazer qualquer restrição, por outro lado, o analista deve dar sua contrapartida, escutando aquilo que lhe é dito com uma atenção uniformemente flutuante (1912b). Na atenção flutuante está embutido certo manejo (contra) transferencial. A metáfora do telefone, ainda no mesmo artigo, é utilizada para demonstrar que, para identificar o conteúdo inconsciente do paciente é preciso que a censura do analista não atue em sua escuta:

Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente que determinou as associações livres do paciente (p.129).

A instrumentalização do inconsciente do analista reside na necessidade de que ele se livre de qualquer forma de resistência. Não basta ser “normal”, é preciso que “tenha passado por um processo de purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz.” (p. 129). Assim, a escuta psicanalítica depende da eliminação desse “ponto cego”.

Em 1910, Freud, trabalhou *As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica* e apontou que o progresso interno no conhecimento e na técnica analítica consistia no estudo da transferência e daquilo que pode ser dito pelo analista e elaborado pelo paciente. O que pode ser dito ou elaborado consiste no trabalho intelectual que busca superar as resistências. O médico infere o que está na base da doença e informa ao paciente como uma ideia antecipadora daquilo que já está no inconsciente reprimido.

Está em jogo, também, o uso que o analista faz da transferência. Nesse campo, parte das inovações técnicas se refere à “contratransferência”, que são os sentimentos inconscientes resultados da influência do paciente. Esta pode funcionar como resistência interna impossibilitando o avanço da análise.

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914a) é mais direto quanto ao que pensa sobre o manejo da transferência. O “trabalho terapêutico” do analista imerso na transferência, que é experimentada pelo paciente “como algo real e contemporâneo”, consiste em “remontá-lo ao passado” (p. 167). Há uma constante batalha para lançar no âmbito psíquico as pulsões que são colocadas na esfera motora. Se aquilo que o paciente deseja colocar em ação for trazido em forma de recordação, o analista terá sido eficaz em seu trabalho. É o manejo da transferência o principal caminho para reprimir a compulsão pela repetição, pois é nele que se trava uma batalha entre o intelecto do analista e a vida pulsional do analisante. O paciente não consegue recordar-se do passado por estar recalçado, mas expressa-o através da atuação. “Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (Freud, 1914a, p. 165).

A transferência entra como outro modo de obter a história de vida do paciente, que se produz perante o analista e, se fosse relatada, seria insuficiente (Freud, 1940 [1938]). Porém, quando o amor ou a hostilidade alcançam um alto grau, é preciso cuidar para que a análise não se torne impossível. Para isso, o analista deve fazer um manejo cuidadoso, que consiste em prestar atenção aos primeiros sinais de transferência, bem como “[...] esclarecer o paciente quanto à verdadeira natureza dos fenômenos da transferência [...]” (p. 191), ou seja, volver ao passado.

Foquemos na transferência negativa e no manejo do analista. A transferência negativa engloba certo clima de animosidade em que o sujeito pode silenciar ao sofrer “uma espécie de bloqueio; esquece o que ia dizer e, mesmo se esforçando, não consegue se lembrar” (Jorge e Ferreira, 2002). Ele pode rejeitar qualquer intervenção do

psicanalista e até mesmo se posicionar de modo agressivo e confrontar qualquer atitude do analista. Por vezes, desvia toda a atenção para o corpo do psicanalista com um olhar desafiador e uma postura corporal confrontativa, deixando-o em sua solidão para manejar essa investida pulsional tão intensa.

É trabalho do psicanalista lidar eticamente com a transferência, reposicioná-la ao seu devido lugar – o passado – e mostrar que se trata de uma fantasia. Porém, a transferência se oferta como alvo da canalização da libido, é preciso que o analista esteja preparado. Antes de chegar ao cerne do seu trabalho, ele deve se questionar como irá manejar a chamada transferência negativa. Afinal, sua atuação não é baseada unicamente na associação livre do paciente. Freud (1914a) afirma que o psicanalista deve ter coragem para receber o enlace da fantasia do paciente e, ao mesmo tempo, possuir habilidade para sair desse lugar quando se fizer necessário.

Vamos retornar aos dois casos de Freud para pensar tais questões. Com a jovem homossexual, Freud (1920a) propõe que a análise tenha duas fases, que podem ocorrer simultaneamente. Na primeira, o analista recolhe as informações do paciente, relaciona-as com os postulados psicanalíticos e “revela a construção da gênese de seu distúrbio” (p.163). Na segunda fase, o paciente se apropria desse material por meio da recordação. Como posicionar o manejo da transferência nessa descrição? Freud reconhece a transferência negativa dirigida a ele, como podemos ver:

Na realidade, ela me transferia o abrangente repúdio dos homens que a dominaram desde o desapontamento sofrido com o pai. O azedume contra os homens, via de regra, é fácil de ser gratificado com o médico; não precisa evocar quaisquer manifestações emocionais violentas, simplesmente expressa-se pelo tornar fúteis todos os esforços dele e pelo aferrar-se à doença (p. 175).

A agressividade que originalmente seria dirigida ao pai, por meio do *acting out*, em um trabalho analítico, é atualizada com Freud (Coutinho, 2004), do mesmo modo que o comportamento homossexual é um desafio ao pai. Apesar de deixar claro que

percebe que a reversão da homossexualidade não é uma questão explícita para a jovem, Freud não se recusa a atender a expectativas dos pais quanto a isso. Na transferência, ocupa o lugar do pai e não trabalha em análise a postura desafiante e enganadora apresentada pela paciente. Desse modo, ao perceber que a jovem homossexual só se manteria ali para provar que a análise seria inútil, Freud interrompe a análise e a encaminha para uma psicanalista mulher. Mas o que será que esconde uma postura desafiadora do adolescente?

Porém, Freud não estava desprevenido. Em 1905, outra adolescente, Dora, já havia lhe mostrado os entremeios da transferência. Percebeu que a moça vingou-se dele como queria fazer com todos os homens, por acreditar ser sempre enganada e abandonada. Dora interrompeu o tratamento e abandonou Freud, transferindo suas lembranças e fantasias. Freud sustenta, no posfácio desse texto, que, para a técnica psicanalítica, a transferência é indispensável. Se, por um lado, para as interpretações e a associação o paciente sempre fornece o texto a ser decifrado, por outro lado, a transferência deve ser apurada de modo independente.

Lacan (1951) salienta que o caso Dora é o primeiro em que Freud reconhece que o analista tem o seu papel. No Seminário I, Lacan (1953-54) deixa claro que a transferência negativa apresentada pela jovem mais parece uma resposta à contratransferência de Freud. A insistência freudiana em colocar a paixão pelo Sr. K como central na análise de Dora é fruto de um preconceito, justo aquele que falseia inicialmente a concepção do Complexo de Édipo, fazendo-o considerar como natural, e não como normativa, a primazia do personagem paterno: é o mesmo preconceito que se exprime com simplicidade no conhecido refrão: “Tal como o fio para a agulha é a menina para o menino” (Lacan, 1951, p. 222). A aceitação desse amor por parte da jovem era, para Freud, fonte de resistência. O que impedia Dora e, principalmente, Freud de perceber que o objeto de amor era a Sra. K. Assim, podemos entender a fala de

Lacan: “[...] não há outra resistência à análise senão a do próprio analista” (1958, p.

601). A posição de Freud está imbricada na agressividade de Dora. Disso Lacan depreende que a transferência orienta o analista ao mesmo tempo em que indica seus momentos de errância, o que dá uma nova ordem ao seu papel: a de um “não-agir positivo, com vistas à ortodramatização da subjetividade do paciente” (1951, p.225).

No Seminário VIII – A Transferência, Lacan (1960-61) marca uma posição quanto à concepção de contratransferência. Primeiro, afirma que esse é um termo impróprio, pois é a “implicação necessária do analista na situação de transferência” (p. 247). Nesse seminário, há um capítulo dedicado à *Crítica da Contratransferência* (p. 227), em que Lacan se pergunta o porquê de sentimentos de amor ou ódio desqualificarem o analista em sua função ou o porquê de ele dever abafar um pensamento hostil. Sem dúvida, aquilo que o analista experimenta é, em parte, determinado pela sua relação com o analisando. E, a despeito de não compreender vários desses sentimentos, “ele sente em si mesmo essas projeções como um objeto estranho, o que o coloca numa singular posição de lixeira” (p.241). A contratransferência, como um efeito da situação de transferência, deve ser utilizada como um instrumento para que o analista possa avaliar em que lugar o sujeito o coloca.

Lacan (1959-60) traz algumas contribuições para pensarmos a transferência e a posição do analista em seu trabalho sobre a ética. A concepção de ética trata da prática do psicanalista, entendida como suas palavras e atos na condução da análise. Vamos retomar um pouco de seu percurso teórico do Seminário VII – A Ética.

O primeiro ponto é compreender a concepção de desejo em Freud. Sabe-se que ele o delimitou por meio do estudo das primeiras satisfações do bebê. A noção de *identidade perceptiva* é esclarecedora, afinal, esse é o nome da imagem mnêmica da satisfação original. Todas as experiências posteriores terão conexão com a primeira, na medida em que o impulso psíquico investe na imagem mnêmica do traço do objeto, buscando reconstituir a cena da primeira satisfação. A concepção de desejo está justamente nesse reinvestimento na identidade perceptiva: “Uma moção dessa espécie é

o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização de desejo” (Freud, 1900-01, p. 595). O desejo é o movimento de busca do objeto perdido. Nesse sentido, os desejos que marcaram as primeiras experiências com a sexualidade permanecem indestrutíveis em um inconsciente atemporal.

Na obra de Freud, o desejo, para além da marca nostálgica que faz o homem se movimentar, aparece na ligação com o recalque, como na triangulação edípica e na moral civilizatória. A pulsão precisa ser limitada pelas molduras da cultura. A empreitada do recalque é sempre incompleta, afinal, as demandas pulsionais inconscientes nunca podem ser completamente satisfeitas pelos modos possíveis de acordo com a civilização. Tal descompasso entre pulsão e possibilidade de satisfação também imprime o movimento perene do desejo. Se o caminho do desejo se dá sob a cultura, a que o analista deve se apegar em sua prática nessa tortuosa relação entre desejo e moral? A evidente impossibilidade de eliminar o desejo em um sujeito, seu conflito decorrente e a expressão de seu mal-estar marcam a atuação do analista como um denunciador do inconsciente recusado.

O hiato entre o objeto e a marca infantil de satisfação é impossível de transpor. A partir disso, podemos afirmar que qualquer demanda de um sujeito é escassa para tamponar o desejo. Dessa dissimetria o analista se aproveita, afinal, em sua função, ele não responde à demanda do sujeito, mas se apoia no desejo.

Então, voltamos à questão: se o analista não é moralizante e não irá responder à demanda, qual deve ser a direção do tratamento? Lacan (1958, p. 592) afirma que “o psicanalista certamente dirige o tratamento”, porém, “não deve de modo algum dirigir o paciente”. Sua função é escutar o inconsciente do analisando, abordando a relação constituinte do sujeito com a falta. Nesse ponto, é fundamental inserir a concepção de desejo do analista como aquele que é causado por um “saber que não se sabe a si mesmo”, o que “denominemos *inconsciente*” (Cottet, 1993, p. 22). Cottet afirma que, em termos freudianos, o que o analista quer efetivamente é trazer à superfície da

consciência tudo o que nela foi recalçado para, em seguida, sustentar que o desejo do analista é o de suspender o recalque, ou seja, fazer emergir o sujeito do inconsciente.

Esse conceito é central na clínica psicanalítica, como podemos ver em Lacan: “O desejo do analista é o que, em último termo, opera na psicanálise” (1964, p. 868). O desejo do analista é o de ocupar o lugar de objeto causa de desejo do analisante. Isso leva o sujeito a querer saber do seu próprio inconsciente. Permite que o sujeito fale e a análise se desenvolva.

A abstinência do psicanalista trata de não responder à demanda do analisante. Desse modo, é possível que o sujeito determine um lugar ao analista como uma reprodução de seu lugar concernente ao desejo do Outro. É a implicação do analista como o Outro de seu analisante: “O sujeito, enquanto sujeitado ao desejo do analista, deseja enganá-lo quanto a essa sujeição, fazendo-se amar por ele, propondo por si mesmo essa falsidade essencial que é o amor” (Lacan, 1964a, p. 229). O desejo encarnado pelo psicanalista é o desejo do Outro e, por isso, é possível que ele vislumbre o desejo do sujeito. “Tudo se passa como se o desejo do analista fosse o de permitir ao paciente demarcar o objeto do desejo, para além das miragens do amor [...]” (Cottet, 1993, p.173).

Apesar de não responder à demanda, a abstinência exerce papel essencial na transferência, afinal, é pela deposição de um lugar e de um saber, via demanda, na figura do analista que a transferência está instalada. Então, podemos nos questionar: qual é a demanda de um adolescente com postura hostil? O analista ocupa um lugar sem sujeito, pois este se alimenta da possibilidade de ser qualquer coisa (Lacan, 1967), de ser aquilo que o analisante deseja. A diretriz ética propõe um lugar para o analista como objeto *a*, um lugar que não comporta decisões a partir de suas experiências e expectativas. Transvestir-se de objeto causa de desejo. Lacan (1958, p. 595) sustenta que, para ocupar sua função, “o analista tem que pagar”, “pagar com palavras” e “pagar também com a sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como

suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência”. Em sua função de analista, em sua ética, há que suportar esse lugar de semblante de um objeto em que pode encarnar qualquer coisa.

É através da demanda e do desejo do Outro que o sujeito enlaça o analista. Mas, no exercício de sua função, o analista não deve responder desse lugar imposto. Afinal, ele sabe que não há resposta que tampona tal demanda, então responde não como objeto possível, mas como causa de desejo. O desejo do analista é o desejo de analisar, ou seja, de reposicionar uma verdade inconsciente em seu devido lugar.

Parece que o que está no cerne da relação entre desejo do analista e demanda é que a segunda seja escutada, e não respondida, por meio da primeira. O que não pode ser eliminado da transferência é o fato de o sujeito falar a alguém e, “mesmo que não se saiba que eles estão ali para serem ouvidos, eles estão ali para serem ouvidos, e para serem ouvidos por um Outro” (1951, p.221). Nesse sentido, podemos pensar a partir de Lacan (1958) que é possível que, independente de a demanda do sujeito ser mesmo marcada por um mandato, a partir da oferta de escuta, cria-se a demanda de análise.

Ao fazer semblante de objeto *a* e se recusar a responder à demanda, o analista incide sobre o desejo. Afinal, “demandar: o sujeito nunca fez outra coisa”, e é por intermédio disso que “todo o passado se entreabre, até recônditos da primeira infância” (1958, p. 623). É através da demanda que transparece o desejo, por isso para o analista “todo o problema consiste em perceber a relação que liga o Outro ao qual se dirige a demanda de amor à aparição do desejo” (1951, p.215). A ética da psicanálise desemboca na responsabilização do sujeito de seu desejo e na construção de um saber que estava escondido sob os muros do recalque.

A clínica psicanalítica com adolescentes introduz uma questão no sujeito não para abafá-la, mas para implicá-lo na sua crise. O adolescente se desespera por vislumbrar o engodo da demanda, em que, não importam quantas se sobreponham, sempre vai existir um desejo insaciável no horizonte (Alberti, 2009). Para desvendar o

mistério que está na base de seu desejo, Rassial (1999) propõe que é o desejo do analista que autoriza o adolescente, ao relembrar que a genitalidade pubertária remete à impossibilidade de complementaridade da relação sexual.

Ao falar dos sujeitos em estado limite – que engloba a saída delinquente no processo adolescente –, Rassial (2000) afirma que, perante o desfalecimento do narcisismo, há uma fixação imaginária, em que o sujeito parece pouco aberto às intervenções terapêuticas. Quanto ao processo psicanalítico, mostram-se reativos e imobilizam a capacidade de pensar do analista. Assim, incitam uma extrema prudência que tangencia as resistências do analista, o que pode fazê-lo enredar por uma posição extremamente maternal e cuidadosa.

Lesourd (2004) propõe que, para a análise de adolescentes, especialmente aqueles marcados por comportamentos transgressores, o analista trabalhe no sentido de que o sujeito possa se autorizar pelos seus atos. Para tanto, o autor faz uma distinção entre agir e ato. Como já tratamos no capítulo II, o agir é o caminho para, diante da angústia, o sujeito ter certeza de sua existência – certeza narcísica que aliena ainda mais o Outro. Por outro lado, vimos que o ato (como em *Totem e Tabu*) marca o surgimento do sujeito e é uma enunciação subjetiva. A passagem de um para o outro envolve a inscrição do agir na ordem da palavra. A dimensão do ato envolve o reconhecimento da autoria do sujeito. É claro que o delinquente sabe que é o autor, mas o que o ato vem trazer é a marca de seu desejo. Para além do olhar alienante do Outro, o que o ato diz dele?

Porém, o trabalho de remeter ao simbólico é particularmente difícil na clínica onde há uma predominância do agir no sujeito. A atuação reaparece no processo psicanalítico de modo privilegiado como um impulso de rompimento da relação (Amparo, Gusmão & Vilas Boas, 2012). A angústia do processo adolescente remete a uma dificuldade de simbolizá-la. Porém, a preeminência do agir pode mostrar uma

dificuldade no manejo da pulsão; em outras palavras, uma restrição ao uso do recurso simbólico (Balier, 1996).

A proposta de Marty (2010), tratada no capítulo II, em que o recurso ao ato é um desvio do conflito interno na obtenção de prazer, aponta que, no trabalho analítico, é preciso buscar outra fonte de prazer: a elaboração, na ligação de afetos a representações e na ligação de representações atuais a traços mnésicos. Esse processo é muito difícil na adolescência, pois lembrar-se é fazer ressurgir o laço incestuoso e parricida do Édipo. “O ato toma lugar de um pensamento e mais precisamente de uma lembrança que não pode ser elaborada” (p.50). O fantasma incestuoso é traduzido na violência – na impossibilidade de dominar a angústia, o ato aparece como único recurso.

Para Amparo e Pereira (2010), o recurso à ação motora é uma forma de atualizar conteúdos inconscientes que aparecem na clínica revivida na transferência. Isso demanda a capacidade do analista de suportar tal confronto ao mesmo tempo em que solicita o uso da palavra. Nessa clínica, há uma dificuldade na capacidade de manejo da pulsão e uma restrição na habilidade de recorrer ao registro simbólico.

A ordem simbólica na dialética especular também possui uma função apaziguadora. Afinal, a lei, a proibição instaurada pelo pai, que é a ordem da linguagem, intervém na relação especular e introduz o ritmo simbólico (Lacan, 1953-54). Não à toa, adolescentes presos nessa posição narcísica se mostram por meio de uma violência inquietante. É a instauração da lei que, paradoxalmente, integra o sujeito à sexualidade; é o reconhecimento da posição sexual do sujeito, que está ligada ao sistema simbólico (Lacan, 1953). Então, não é de uma errância a partir do encontro com o pubertário, próprio da adolescência, que estamos tratando?

Resgatar por meio da dimensão da palavra é um dos desafios, pois a violência emudece a palavra. O analista deve trabalhar via potencialização da palavra para que o sujeito possa se apropriar dela e reconhecer o outro como seu semelhante. Trata-se de implicar o sujeito no que ele diz, na medida em que sabemos que possui um estatuto de

verdade. Esse movimento faz parte do que Lacan (1953-54) chamou de *reintegração simbólica da história do sujeito*, que busca a apropriação, pelo sujeito, de sua própria história, ou seja, a reescrita.

O analista deve se distanciar de qualquer demanda de reconhecer ou de rechaçar o sujeito, como ele parece solicitar por meio do comportamento narcisista e hostil. Ou seja, o analista não deve responder na ordem imaginária. Esse é um alerta importante, pois, diante de tantas desqualificações, ele pode ficar tentado a responder desse lugar. Afinal, é a partir da resposta do analista que algo vai poder acontecer. É preciso reconhecer os pacientes como sujeitos desejantes e apostar em suas palavras.

Capítulo V

Sobre uma Clínica Possível da Adolescência

*“[...] não se podia cortar a dor –
senão se sofreria o tempo todo”.*
Clarice Lispector

5.1 O Trabalho sobre a Demanda

A clínica psicanalítica com adolescentes em conflito com a lei, de entrada, impõe um complicador na prática; trabalhar a demanda inicial e dela fazer uma demanda analítica, pois esses jovens encontram no ato o principal recurso para lidar com a angústia. O trabalho sobre a demanda exige um tempo de espera que, por vezes, não é possível de ser suportado por esses sujeitos sem a precipitação do agir dentro do enquadre psicanalítico.

Iremos abordar dois casos clínicos para abrir essa questão: o de Bianca e o de Bruno. Bianca tinha dezesseis anos e havia traficado droga. Seu atual namorado havia sido preso e, ao tentar levar drogas para ele dentro da penitenciária, Bianca foi pega. Estava em condição de liberdade assistida, de modo que foi encaminhada de sua unidade de referência até a clínica-escola da Universidade de Brasília, o Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP/UnB).

Na primeira e única sessão, Bianca me contou sua triste história: fora abandonada pela mãe biológica e adotada por uma família em que o pai a abusava sexualmente. Aos treze anos, engravidou do namorado e deixou sua filha para ser criada pela sua família adotiva. Procurou a mãe biológica, que afirmou que a doou por ela ser negra, fato que faria com que ela fosse rejeitada por toda a família. Buscou incessantemente uma integração com a família biológica, que a rejeitava, tratando-a como uma empregada doméstica. Bianca era insistente: não cessava de tentar se juntar a eles, mesmo sabendo que sempre seria posta de lado. Relatava-me sua história, pedindo,

nas entrelinhas, que eu ficasse penalizada. No decorrer da sessão, contava histórias mais pesadas, principalmente quando não encontrava em minhas expressões sinal de pena. Eu, com o desejo inoportuno de lhe mostrar seu inconsciente, apontei de modo prematuro que ela havia repetido com a filha aquilo que acontecera com ela mesma. Percebi a fragilidade de minhas interlocuções e seus efeitos assim que fechei a boca. Ela me respondeu: “Você acha que eu não sinto culpa por isso? Eu não consigo me aproximar dela”.

Sem dúvida, foi uma interpretação selvagem que permitiu pensar sobre a clínica *a posteriori*. Bianca me contava de seu desamparo, melhor, da forma como insistia em reencontrar sua rejeição. Era preciso que, primeiro, ela se engajasse em um tratamento para que as intervenções pudessem ter efeitos. Eu poderia ter trabalhado a demanda, tendo como ponto de partida a angústia de ser rejeitada e colocar-se a ser rejeitada, sem situá-la em posição de vítima, mas sim a partir de sua condição de desamparo. A busca seria por apontar o desamparo mostrado pelo ato, não pelo reconhecimento dele. Bianca colocava o Outro no buraco, deixado pelo seu sofrimento, e dizia com seus atos: “ele me rejeita”. Não percebia que, mesmo colocando o Outro lá, vitimando-se, não havia tamponamento possível. Talvez assim Bianca aceitasse um tempo de espera sem precisar atuar, ou seja, sem ir embora e não mais voltar.

O segundo caso clínico, que chamarei de Bruno, era de um adolescente que estava internado em uma instituição devido ao tráfico de drogas. Houve somente uma sessão, pois o jovem evadiu no fim de semana seguinte durante um saidão¹⁵. Relatou-me um pouco de sua história: era filho único e morava com a mãe, mas agora eles não podiam se ver. Contava-me que iria fugir no fim de semana seguinte, que tinha sido preso ajudando a mãe e que, pelo mesmo motivo, precisava sair. Dizia: “Minha mãe precisa de mim. Olhe, doutora, eu gostaria muito de fazer essa psicologia com a

¹⁵ Saidão é quando os adolescentes podem sair da instituição por alguns dias e depois retornar. Os motivos são vários, como datas comemorativas, porém, o saidão também faz parte do processo de liberdade do adolescente. Antes de ser liberado definitivamente da instituição, ele ganha um saidão a cada quinze dias e depois semanalmente.

senhora. Eu vou voltar, mas agora eu vou ajudar minha mãe”. Apertava minha mão, falava como se tivéssemos nos despedindo de um grande encontro e me agradecia pela oportunidade. No momento, não compreendi o que significava a impossibilidade de se encontrar com a mãe. Porém, em uma conversa posterior com a técnica de referência de Bruno, fui informada de que ele traficava drogas a pedido da mãe. À época, já existia uma medida proibitiva de aproximação e contato da mãe com relação a Bruno. O jovem também se recusava a cumprir a medida e, sempre que fugia, voltava para a casa da genitora.

Bruno mostra a dificuldade de iniciar um trabalho psicanalítico no nível de um atendimento clínico individual, pois o paciente está sempre na iminência de agir – no caso dele, significava trabalhar para a mãe. O jovem me dizia que compreendia que a psicologia poderia ajudá-lo. Falou-me: “eu precisava falar com a senhora”. Porém, jogar-se nesse encontro materno era algo do qual ele não podia, ainda, escapar.

Cada nova relação era uma porta aberta para que aquilo que é da ordem do traumático se realizasse. Estar com o analista significava fazer algum tipo de enlace com ele, mas se na relação com o Outro o adolescente se sente à mercê de sua voracidade, como não agir, como não se defender? Por isso, o enquadre deve mostrar sua pertinência e credibilidade.

Em meio a tanta atuação do adolescente, qual é o lugar do analista? Qual o sentido do seu trabalho? Esses casos nos ensinam que um caminho possível para o trabalho inicial com a demanda do adolescente é dar um lugar especial de escuta ao desamparo. Em um primeiro momento, o sofrimento é o que deve estar em jogo para o sujeito se engajar em uma análise. Posteriormente, a demanda de ajuda deve se transformar em um enigma para o sujeito. Se fosse possível separar esses momentos da demanda, nas entrevistas preliminares, teríamos dois. O primeiro seria o de uma demanda que não é por mandato, mas onde o sujeito reconhece seu sofrimento. Conforme visto no capítulo anterior, Freud (1905; 1920a) afirma que uma análise não se

sustenta quando a demanda é do outro. O segundo momento seria a transformação do pedido de ajuda em uma demanda de análise, em que o paciente faz uma questão sobre o seu sintoma. Porém, a clínica com adolescentes, principalmente aqueles que priorizam o ato, parece encontrar dificuldades já nesse primeiro momento.

No momento inicial de acolhimento desses adolescentes, o analista deve se debruçar sobre o trabalho com o desamparo, com o sofrimento, seja ele reconhecido ou não pelo sujeito, antes de se precipitar em transformá-lo em uma questão para o paciente, em uma demanda de análise. Coutinho (2006) ressalta que a instauração de um espaço de fala, de acolhimento e de laço com o adolescente deve ser priorizada no tratamento. Acrescentamos que particularmente nesses casos, em função dos traumatismos e fragilidades psíquicas peculiares, isso se torna frequente.

No acolhimento, apostamos no vínculo analítico e na tentativa de convencer o sujeito a entrar na “boca do jacaré”, ou seja, de fazer que a relação entre angústia e ato não seja tão colada, e que haja um espaço de simbolização entre eles. Por vezes, o trabalho sobre o enquadre pode ser o que possibilita mesmo uma análise. Discutiremos mais profundamente o enquadre como possibilitador de enlaçamento no caso a seguir.

5.2. O Caso Tiago: A Angústia do Encontro com o Materno e o Pai como Escudo Possível

Tiago contava com 18 anos quando do início do acompanhamento clínico realizado em uma instituição de internação para adolescentes em conflito com a lei, em que ele estava internado há pouco mais de um ano. O atendimento durou 10 meses e foi realizado uma vez por semana.

Ele possui dois irmãos mais velhos: uma irmã com 25 anos e um irmão com 21 anos. Até os oito anos, seus pais eram casados. Tiago presenciou inúmeras cenas de violência doméstica. “Eu via meu pai batendo bêbado na minha mãe”. Para a análise do

caso, chamaremos a situação de violência doméstica de cena 1. Seu pai viveu em casa até quando Tiago tinha oito anos. Depois sumiu da cidade sem dar notícias. O pai retornou há um ano e vem visitá-lo. Três anos após a separação, sua mãe iniciou um namoro com um rapaz e está casada até hoje.

Nas sessões de atendimento, Tiago afirmava que a vida no crime era boa por lhe permitir sentir “adrenalina, o perigo”. Fazia assalto a mão armada de carros e casas. Com o dinheiro, ia ao shopping comprar roupas de marca. Ao ser questionado sobre essa adrenalina, dizia, batendo a mão no antebraço: “é adrenalina na veia”. Quando estava na cena do crime, pensava: “O que é que eu vou fazer se a polícia chegar?”. Dizia que o receio de a polícia chegar tornava tudo mais excitante.

Quanto às visitas à instituição, em geral era sua mãe quem as fazia, mas às vezes o pai vinha e ela não comparecia. Tiago dizia que não gostava das visitas do pai, mas as aceitava porque a mãe e a irmã pediam que tentasse se relacionar com ele. Mas Tiago não conversava, não perguntava nada. O sumiço do pai, quando Tiago tinha oito anos, havia sido repentino: ele passou alguns fins de semana sem ver o pai e sua mãe informou que ele havia sumido. Assim, Tiago aceitava as visitas do pai também por estar dando uma chance para ele falar sobre o que ele havia feito fora tanto tempo atrás. Não fazia perguntas diretamente para o pai sobre o sumiço, pois achava que, se ele o amasse, diria espontaneamente.

Essa postura de esperar que o outro faça algo por ele sem ele ter que pedir reaparece na relação de Tiago com as professoras e com a técnica. Sobre a escola, dizia que a professora “percebia” que ele tinha dificuldades, mas mesmo assim não o ajudava. Por sua vez, o paciente não pedia – afirmava ser óbvio que ele possuía dúvidas, portanto, ela que deveria se aproximar. Com a técnica, ocorreu algo na mesma ordem. Uma das funções dela é ampliar sua rede social e suas possibilidades de ser produtivo; assim, a instituição oferece alguns cursos, escolhidos de acordo com os gostos e as possibilidades dos adolescentes. Em sua primeira entrevista na instituição, que não foi

realizada pela técnica de referência, Tiago tinha dito que gostava muito de informática. Ele acreditava que sua técnica não o colocara para fazer esse curso porque não queria, pois ela já sabia, apesar de ele nunca ter pedido para ela, que ele gostaria de fazê-lo.

A ocasião que acarretou sua prisão, que chamaremos de cena 2, foi recontada praticamente todas as sessões, com diferenças e maiores detalhes. A primeira versão foi dada de forma resumida: foi assaltar um carro com um amigo e, sem que percebessem, havia uma senhora dentro, nesse momento apareceu um policial e atirou nele várias vezes. A última versão era a seguinte: Tiago dizia que já não queria mais fazer assaltos, que o tesão que ele sentia com isso estava cessando. Mas estava passando do lado de um carro e o amigo que queria fazer um assalto enquadrou uma senhora em um veículo. Tiago assumiu o papel que sempre tomava: sentou ao lado da vítima, colocou arma na cabeça dela, e o amigo foi dirigir o carro. Tiago fazia ameaças, mas a moça estava reagindo. Até que um policial da família da vítima apareceu e o amigo conseguiu fugir. Ele disse que, pelo fato de estar com a vítima, não poderia sair, ou ela revidaria. Então o policial atirou várias vezes e atingiu o jovem em duas delas. Não houve nenhum tiro disparado por ele contra a vítima, mas contra o policial. No contexto das sessões, perguntei qual era o papel dele nos assaltos. Ele dizia que era a pessoa que ficava com a arma apontada para a vítima, fazendo ameaças. Afirmou sentir prazer com o sofrimento do outro.

Ao longo do capítulo serão detalhados alguns momentos do tratamento¹⁶. O caso clínico foi marcado pela repetição dessas duas cenas, que são paradigmáticas com relação à história de Tiago e à trama de um adolescente em conflito com a lei. Ambas possuem três elementos que formaram o eixo principal da análise do caso: a cena 1 trata de uma situação vivida e repetida várias vezes na infância de Tiago e a cena 2 é a conjuntura que acarretou sua internação. Qual é a relação possível entre essas duas cenas que possuem um triângulo, tendo no horizonte que a adolescência é uma reedição

¹⁶ Ressalta-se que as frases em itálico são referentes às falas de Tiago

edípica? As transformações de posição chamam a atenção. Em um primeiro momento, Tiago está passivo assistindo à agressividade do pai contra a mãe. Em outro, o adolescente se coloca como o agressor com relação a uma vítima, que podemos cotejar com a posição da mãe, que faz surgir a figura de um terceiro – como era de se esperar, afinal, ele estava confrontando a lei.

5.3 Um Encontro Incestuoso com o Objeto

Na primeira sessão de Tiago, ao me contar sobre as repetidas vezes que viu o pai batendo na mãe, disse: *Deve ter sido por isso que entrei no mundo do crime*. Repeti a fala dele e, com certa chateação nas palavras, ele respondeu: *Você está doida, eu nem lembro mais do meu pai, ele não tem nada a ver com a minha vida*. Continuou sua história e relatou que, desde o desaparecimento do pai, quando tinha oito anos, dormia na cama com a mãe. Até que, quando ele tinha onze anos, ela iniciou um novo relacionamento e pediu para ele dormir em outro lugar. Foi exatamente nessa idade que ele começou a sair para as ruas e *aprontar*, ou seja, realizar pequenos furtos para comprar roupas de marca e armas. Tiago era enfático ao dizer que queria se destacar e se diferenciar.

Tiago fazia tudo que a mãe solicitava. Quando a mãe iniciou o namoro, ele e seu irmão *infernizavam* o casal, atrapalhando o relacionamento. A mãe pedia que eles parassem, e afirmou que, se o relacionamento chegasse ao fim, ela seria infeliz. Após a solicitação da mãe, eles pararam de *infernizar* o namoro. Outro pedido feito pela mãe era que Tiago aceitasse as visitas do pai, o que ele também aceitava. Por fim, ela pediu que ele voltasse de um saidão em que Tiago pretendia fugir, e ele voltou para a instituição no tempo certo. Ao mesmo tempo, a mãe mantinha uma relação de cumplicidade com a vida criminosa do filho, pois ao vê-lo com dinheiro, sem trabalhar e saindo muito à noite, ela perguntava se ele estava roubando e Tiago respondia que

não. Ela simplesmente acreditava e, curiosamente, não ia adiante nas investigações. A mãe de Tiago era idealizada: tudo que ela fazia era justificável, tudo que ela pedia era o que devia ser feito. Uma primeira questão poderia ser colocada aí. Como se separar desse ambiente materno onipotente que podia lhe ofertar os prazeres incestuosos, mas, ao mesmo tempo, ser voraz?

Segundo Tiago, o relacionamento com as outras mulheres era estritamente sexual. Justificava esse comportamento dizendo que sempre poderia haver outra mulher mais bonita, ou seja, havia no horizonte uma mulher idealizada e possível de ser achada. Ao mesmo tempo, esquivava-se de incluir no que é estritamente sexual algo da ordem de um relacionamento amoroso, por saber que não iria encontrar uma mulher para confiar e cuidar dele como sua mãe.

Ao tratar da depreciação feita pelo homem com relação ao seu objeto amoroso, Freud (1910a) aponta que a escolha sexual amorosa na puberdade se dá pela confluência de duas correntes, uma afetiva e outra sensual. A primeira é vivida nas primeiras experiências infantis voltadas para as funções de preservação da vida. Quando a sensualidade, a veia erótica, deve se encontrar no objeto da escolha pubertária, o sujeito se depara com a barreira ao incesto, que permanece como desejo inconsciente.

Tiago dedica somente sua potência sexual às outras mulheres, enquanto mantém com sua mãe a possibilidade de uma escolha de objeto afetiva. Na puberdade do jovem, parece que não houve uma integração dessas duas correntes. Apegado ao objeto primitivo – *Não quero namorar, nunca ia encontrar alguém igual à minha mãe* –, ele relega aos seus pares sexuais um estatuto desvalorizado: *Não aguentaria ficar com uma mulher só. E se eu achasse uma mais bonita? Quem tem todas* – Tiago se descrevia como um garanhão que transava com várias mulheres – não tem nenhuma, no sentido de um relacionamento sexual e afetivo e fica preso à mãe. Ao degradar as mulheres, ele mantém sua corrente afetiva ligada, de modo explícito, unicamente à mãe. Parece manter uma relação incestuosa, em uma dimensão imaginária, afinal, a única mulher

precisa ser a mãe. Nesse sentido, surge a hipótese: será que algo da interdição do incesto não foi, ou foi precariamente, simbolizado?

Ao ser colocado para fora da cama pela mãe, Tiago passou a roubar. Apostamos em uma relação com a mãe pautada em um incesto imaginário, pois no momento em que a mãe desfez a ilusão de que ele poderia estar com ela, Tiago recusou outra mulher para amar e encontrou um caminho ainda no nível imaginário: passou a buscar objetos (armas e roupas de marca) que o revestiriam de valorização – uma pele narcísica, em um movimento de inflação narcísica referido ao falo imaginário. O adolescente entrou numa busca desenfreada por algo que tamponasse aquela falta no Outro. A pergunta feita é: o que será que me faltava para a mãe me colocar para fora da cama e colocar outro no meu lugar? Ele conseguiu fazer um deslocamento na ordem do imaginário, mantendo no horizonte que o que importava era o que podia oferecer ao outro. Tiago apostou na existência de um falo imaginário no mundo dos objetos, porém, seus entremeios faziam parte de uma lógica perversa, ao exercer o papel de infligir sofrimento na vítima. Esse caminho de errância se dava por não saber que o que faltava não era um objeto.

Os objetos roubados ou comprados com dinheiro do crime encobriam Tiago de um imaginário de completude, imerso em um narcisismo de junção com a mãe. Sua realidade psíquica desejante se comprimia à realidade dos bens de consumo, que funcionava como anteparo à simbolização do interdito edipiano e, por fim, deixava o sujeito na luta com seu narcisismo e a manipulação perversa dos objetos (Lesourd, 2004). Inflacionar-se narcisicamente era uma leitura daquilo que a mulher – sua mãe – desejava.

A mãe aparece como mãe primordial e se torna um escudo à questão edipiana. O mecanismo imerso nesse tipo de falta de objeto parece ser a frustração, dialética que está imersa no Estádio do Espelho. A frustração é um tipo de relação com a falta de objeto trabalhada por Lacan no Seminário IV (1956-57). Já vimos, no capítulo II, que a

relação do sujeito com o objeto é marcada por uma hiância. Na relação imaginária fundamental, que é a relação mãe-criança, o objeto imaginário que se interpõe se chama falo. A frustração é um dano imaginário, causado pela mãe simbólica em um objeto real, que é a satisfação.

A noção de frustração está ligada ao período pré-edipiano e é considerada um conjunto de impressões vividas pelo sujeito num período de desenvolvimento em que a relação com o objeto real está centrada na imago do seio materno (objeto real). A periodicidade de ausência e presença, que torna a mãe simbólica, é o caminho para uma distinção entre eu e não eu. Em algum momento, a mãe irá parar de responder ao sujeito tão prontamente, e então se torna o que Lacan (1956-57) chamou de uma potência (pode ou não satisfazer). Esse é o começo da estruturação da realidade, em que a mãe dá o acesso aos objetos (de satisfação), mas pode não responder. Aqueles que eram simplesmente satisfação se tornam objeto de dom, pois o acesso ao objeto depende da potência materna, do dom do amor. O objeto testemunha o dom da potência materna ao mesmo tempo em que é a satisfação de uma necessidade.

Nesse momento, é a mãe que é onipotente, não a criança. Quando a imagem do falo para a mãe não é completamente cerrada à imagem do filho, começa a entrar em jogo quem é o detentor do falo imaginário. A criança cria uma imagem fálica de si mesma, que é a relação narcísica, pois reconhece que não é o objeto único da mãe e que o que interessa à mãe é o falo. Na frustração, a criança supõe que a mãe deseja nela sua imagem fálica e se posiciona como objeto de amor, como possível falo.

No caso de Tiago, o eu era o objeto tratado como falo imaginário, pois era valorizado pelos bens materiais. Comprar roupas e armas fazia com que o eu dele fosse tratado como objeto de amor. O valor do objeto de posse devia ser compreendido em seu valor narcísico de reforçar o mérito do objeto-eu (Lesourd, 2004).

Lacan, ainda no Seminário IV, afirma que não se trata somente de faltar o falo, mas de dar à mãe. O falo imaginário procurado é endereçado a ela. Na relação em que a

criança experimenta o falo como centro do desejo da mãe, a criança ocupa o lugar de “objeto enganador” (p.198) para satisfazê-lo.

Em uma balança entre a renúncia ao falo e a prevalência da relação narcísica, Tiago toma sua posição incestuosa no mundo do crime, colocando seu eu como objeto-falo imaginário. A renúncia ao falo e à lei do incesto só é permitida na relação com a função do pai, pois é na entrada do falo como simbólico que se institui a interdição. Essa questão edípica será discutida posteriormente. O que nos interessa neste momento é que a relação com o pai é, em certo sentido, apaziguadora, pois oferece uma valência simbólica. Na frustração, a criança está entregue a uma relação oscilante com a mãe onipotente, que pode dar seu dom, mas que pode também ser destrutiva.

No capítulo II, o narcisismo foi trabalhado como algo obscuro para o sujeito, pois, ao mesmo tempo em que o Outro permite ao sujeito unificar uma totalidade narcísica, ele também é ameaçador pela sua alteridade. Isso está na base da agressividade (Roudinesco & Plon, 1998). Afinal, desde o início a relação do sujeito com o outro possui a marca da agressividade em decorrência da fantasia de despedaçamento e da anulação da identidade subjetiva.

Ao tratarmos do processo adolescente, apontamos que o encontro com o feminino nessa fase leva ao reconhecimento de que o falo não vale para tudo nem para todos. Que a mãe deseja em outro lugar, e não em sua relação primordial, escancara-se para Tiago quando ela revela que prefere outro homem em sua cama. A não ordenação por uma lógica fálica é impossível aos olhos do adolescente, que insiste em tapear a mãe sendo o falo imaginário. A questão do conflito para Tiago está ligada ao narcisismo. Nesse tempo mais arcaico da constituição subjetiva, o que está em jogo para o sujeito é o seu ser. Ser o falo imaginário tem valor de existência para ele, ou poderá cair na voracidade materna.

A dialética da frustração diz respeito a algo que é desejado e não obtido, mas a mãe é dona desse algo e deve dá-lo ao sujeito. É o domínio da exigência desenfreada,

sem lei, e da reivindicação. Na delinquência, Tiago vai reivindicar sua posição de falo imaginário para receber da mãe o dom do amor. Não à toa, Lacan (1948) utiliza o termo “inveja” para falar da agressividade, que é retomado posteriormente por Lesourd (2004) para tratar especificamente do comportamento delinquente, ou seja, de um sujeito que deseja retomar seu próprio lugar. Winnicott (1956a) também nos fornece essa pista ao compreender o comportamento antissocial como um ato de apelo ao mundo no formato de uma reivindicação.

Lembremos que a adolescência é marcada por uma reedição do Édipo, pelo radical encontro com a diferença sexual e sua consequente impossibilidade da relação sexual completa. Ao nos apropriarmos dos textos de Gutton (1990; 2002), podemos dizer que, ao apostar em um encontro que é capaz de dar tudo, Tiago parece buscar renovar um narcisismo, apagando a impossibilidade da relação sexual harmônica e da diferença entre os sexos.

Tiago mantém uma postura de não perguntar ou pedir coisas que são de seu desejo a três figuras: o pai, as professoras e a técnica. É como se, se eles o amassem, prestassem atenção em suas dicas implícitas, na fala e no corpo, fariam o que ele deseja de modo espontâneo. Tiago espera que os outros realizem seu desejo, sem ter que pedir, como uma insígnia do amor. A não realização acarreta uma indignação de sua parte – *é óbvio que eu quero isso!* – e coloca o Outro numa posição de onipotência. Ele quer ser tratado como um bebê que ainda não consegue pôr em palavras o que deseja, mas ora, com a onipotência, como não saber? Se o Outro recusa, não é por não saber, mas por não conceder o dom. Trata-se de uma lógica da frustração, em que o que se recusa é uma insígnia do amor.

Nesse ponto, retomamos a cena 2 no quadrante específico da relação entre Tiago, o criminoso que ameaça inflacionado pelo poder de uma arma, e a vítima que sofre com suas agressões. Se sobrepusermos esse quadrante à cena 1, veremos que o

adolescente toma o lugar¹⁷ outrora ocupado pelo pai tirânico. Agora é ele que sente prazer com o sofrimento do outro, que goza com seu olhar de desespero e seu choro – *Olhos de medo pra mim*. Os olhos da mãe não miram mais a fúria do pai, mas a tirania de Tiago. Do mesmo modo que o pai batia na mãe sem motivos claros, Tiago não precisa ocupar esse lugar nos crimes, mas toma-o por gozo. A relação com a mãe na cena 1 não foi comentada por Tiago em análise, o que nos traz uma questão: será que esse olhar de medo tem referência à mãe ou a ele mesmo, que está na cena 1 como um observador? Talvez jamais saibamos essa resposta, mas por ora apostamos, a partir de uma sobreposição de cenas, que o lugar da mãe se assemelha ao da vítima.

Quando se referia à sensação vivenciada no ato criminoso, o jovem usava a expressão *tesão*, que possui uma conotação sexualizada. Ao escrever os diários com os relatos de sessões, cometi dois atos falhos importantes. Ao pensar escrever “ato criminoso”, por vezes, registrei “ato amoroso” e, ao relatar o “prazer” que ele sentia com o sofrimento do outro, escrevi “sofrimento” – como se no crime ele encontrasse algo que é da ordem do amor ao conceder o sofrimento ao outro, que é prazer para ambos, vítima e agressor. Esses significantes apontam para o caráter incestuoso da vida criminosa de Thiago.

No capítulo I, vimos que o processo adolescente com a assunção do pubertário desperta algo da ordem de uma satisfação plena, a Coisa (*das Ding*), que só pode existir como um narcisismo. Os desfiladeiros do crime e da violência podem aparecer como um caminho, regressivo, para esse retorno primário. Na busca por um gozo protegido da intervenção paterna e marcado pelo incesto, a violência mostra a dificuldade no encontro com o outro, sem uma interação pacífica. Pois, o reencontro narcísico de satisfação plena também comporta sua face mortífera.

¹⁷ Lugar que Tiago afirma ser o seu papel em todos os assaltos, marcado pela ameaça às vítimas.

5.4 Pai, não vês?

O significante *tesão* fica por conta da relação com a mãe e a *adrenalina* se liga, no discurso do jovem, ao pai. A adrenalina, que faz a vida do crime boa, é o temor de que a polícia chegue. Isso o faz pensar em várias estratégias para fugir, porém, seu papel costumeiro não parece ser propício para a fuga – ele ficava próximo à vítima, ocupado em agredi-la. Parecia estar mais preparado para um confronto ou para ser pego no flagrante. Tiago não falava só do seu papel; como tratado anteriormente, ele ressaltava que o policial e o agente¹⁸, quando atiravam e davam ordens a ele dentro da instituição, estavam *somente cumprindo o papel deles*. Um policial na cena 2 não estaria fazendo nada além de sua função, foi isso que Tiago afirmou – não seria isso o que ele esperava que acontecesse? Na última vez que conta a cena 2, ele afirmou que não fugiu porque a vítima revidaria. Podemos supor que a adrenalina estava no encontro com o policial e não em sua fuga? No momento do aparecimento do policial, Tiago tentou atirar contra ele, mas somente depois de ter sido atingido. Ele não usou a vítima para se proteger – talvez ela apareça como uma isca que chama o policial para a cena. No fim das contas, não houve uma fuga, mas um encontro.

Em suas últimas sessões, quando conta a cena 2, Tiago baixou a cabeça e falou baixinho – *eu sentia prazer com a dor das pessoas*. Não consegui ouvir o que ele disse, e ele repetiu – *eu sentia prazer com a dor das pessoas, gostava quando elas ficavam apavoradas, eu ficava rindo*. Perguntei o que tinha de prazeroso. Ele disse que não sabia, mas gostava de ver as pessoas com medo, desesperadas, chorando por causa dele. Pergunto de onde ele achava que isso vinha, e Tiago responde que não sabe. Pedi para ele pensar e falar o que vier a sua cabeça. Ele disse que já apanhou muito, que já esteve em muitas brigas entre gangues e que homem que é homem fica calado e apanha sem

¹⁸ Usamos a palavra “agente” por ser a utilizada por Tiago, mas o nome técnico desse cargo é Atendente de Reintegração Social.

dedurar ninguém para a polícia. Também já bateu muito. Perguntei o que vinha à cabeça dele sobre a questão de bater e apanhar. Tiago falou das situações em que apanhou na rua e eu disse que ele tinha uma situação dessa em casa, seu pai batia em sua mãe. Ele continuou falando que isso ocorria com frequência, pois o pai fazia isso quando estava bêbado e era quase toda noite. Pergunto se ele via. Ele disse que não sabia dizer. Pergunto o que ele ouvia. Ele disse que não sabe dizer. *Senti tanta raiva do meu pai e acho que agora estou descontando. Estava perdendo o tesão por isso.* Como se enreda, nesse caso, o gozo em fazer os outros sofrerem e a raiva que sentia do pai?

O pai de Tiago se apresentava em seu discurso como tirânico: não fazia nada, vivia de regalias, fruto financeiro do trabalho ostensivo da esposa, era alcoólatra e a espancava constantemente sob o olhar do jovem. O pai gozava de modo opressivo da mãe. Poderíamos pensar, em termos freudianos, que ele se remete a um pai descrito na horda primitiva (Freud, 1913a), detentor de todas as mulheres e denunciador da fraqueza dos filhos. Possuir essas mulheres garantiria o gozo subjetivo e a potência de cada filho. O pai tirânico exercendo seu poder: é isso que Tiago parece ensaiar com as vítimas.

Na horda primitiva foi preciso matar o genitor e no Édipo é preciso uma decepção e a decadência do pai potente imaginário para o pai real para construir uma versão dele simbólico morto. Para Tiago, o pai não consegue sair desse lugar imaginário tirânico. Uma função chave do pai simbólico é proteger o sujeito do gozo arcaico da mãe que pode ser devoradora. Sem esse ordenador simbólico atuando de forma efetiva, que torna a fusão impossível, a saída vista por Tiago é viver e existir somente no olhar do outro. Fora do reconhecimento do Outro, não há salvação (Lesourd, 2004).

Vamos novamente fazer uma digressão teórica para pensar o caso. É pela via da função paterna que será realizada uma saída da dialética da frustração (Lacan, 1956-57). O pai introduz uma falta simbólica a um objeto imaginário. O sujeito pode constatar que, não importa quantos ou quais objetos imaginários sejam colocados no lugar da

falta, não existe a possibilidade de completude. Tal encontro com a castração é característico do processo adolescente.

O falo, a partir de sua valência simbólica, é o que embasa as substituições realizadas ao longo da vida. No caso de Tiago, as substituições possíveis ainda estão na ordem do imaginário. Precisaríamos que a análise dele fosse adiante para saber como se deu a castração, apesar de evidentemente haver uma precariedade.

Dois pontos podem nos ajudar a pensar o encontro com a castração para Tiago. O primeiro trata-se do modo como ele subjetivou o tiro na cena 2. No início do tratamento, o paciente indicava que desejava mudar, afinal, ocorreram fatos em sua vida que exigiam mudança. Porém, atribui essa transformação a uma crença renovada em Deus, provavelmente em um discurso como forma de convencimento para sair da instituição dirigida ao Estado personificado em sua técnica de referência.

Essa espécie de falação se dilui ao longo das sessões e Tiago pode retomar a frase que inicialmente fazia alusão à religião – *Antes eu só agia, eu vi que as coisas têm consequências* –, remetendo-a ao limite que aparece na cena 2. Foi o fato de ter levado os tiros que mostrou a ele que seus crimes poderiam ter saldos negativos.

Quando somente o corpo pode indicar que o jogo proposto pelo crime é muito perigoso, remetemo-nos ao narcisismo, às suas raízes ligadas ao corpo indiferenciado com a mãe, em que surgem o desconforto e a necessidade de apelo à onipotência externa. O tiro fazia Tiago pensar que talvez devesse parar. Ele conseguiu três saídas ao longo do tratamento e, nesse período, não praticou nenhum tipo de delinquência. Seria essa uma incidência da castração, mesmo que pelo necessário caminho narcísico do corpo?

O segundo ponto é que o estilo dele durante as sessões foi de se mostrar como alguém muito duro e forte. Seu melhor amigo morrera havia 4 anos: *conversava muito*

*com o Robertinho, mas ele morreu numa festa, lá na minha quebrada*¹⁹. Já tinha tomado cinco tiros, mas tomou três naquele dia e morreu. Em seguida, ele disse que, prontamente após a morte de Robertinho, substituiu-o pelo irmão do amigo, que se parecia muito com ele (fisicamente): *aí eu fiz dele meu amigo, já que parecia*. A morte do amigo, que poderia ter sido vivida como uma castração, foi tomada como se pudesse ter apaziguamento com uma troca imaginária. Porém, com o passar de várias sessões, ele conta que, após a morte de seu amigo, chorou por dois dias e aquilo passou – conseguiu facilmente outro amigo. Tiago estaria escondendo, na impossibilidade de viver o luto, que a castração também valia pra ele?

A castração, que opera também sobre a mãe, liberta a criança da voracidade materna e permite que ela descubra outras possibilidades de encontro. A falta muda de estatuto e pode ser vista como um motor para novas saídas psíquicas, diferente da dialética da frustração, em que ela é um vazio a ser preenchido. O encontro incestuoso com o objeto fixado numa relação imaginária com a mãe indica que essa faceta da castração não sobreveio em Tiago.

O pai, para além de agente da castração, apresenta-se como modelo para a identificação. Freud (1930[1929]) afirma que a renúncia pulsional do homem ocorre devido ao medo da agressividade de uma autoridade externa, ou ao seu equivalente, o medo da perda do amor. A capacidade de amar do pai tem a mesma medida que sua agressividade. O pai deve oferecer também uma proteção ao desamparo vivido com o Outro materno. Podemos tomar esse amor paterno como um apaziguador da angústia do duplo vivido com a mãe? Em seu discurso, Tiago mostra um pai que é um marido tirânico – do amor paterno, ele nada sabe. É como um pai da horda primitiva, que não se preocupa em proteger ou cuidar, mas que pode gozar das mulheres.

¹⁹ “Quebrada” é uma gíria para designar o local de morada e que ao mesmo tempo é o território de domínio da gangue.

É por meio do processo de identificação que iremos abordar os lugares ocupados por Tiago, seu pai e o policial nas duas cenas. Em sua saída, há algo do Édipo, não só em sua encenação – ao convocar a presença de um terceiro, de uma lei –, mas na identificação com o pai. Isso se explica porque “a identificação edípica é aquela através da qual o sujeito transcende a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva” (Lacan, 1948, p.120).

A identificação é um caminho da escolha amorosa e demonstra que algo da função paterna pôde operar. Como trata Freud (1921), “a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional” (p. 116). E mais, ela aparece “no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (p. 116). Freud propõe que a identificação é uma escolha amorosa procedente do Édipo, em que o pai ocupa o lugar de Ideal do eu, aquilo que o sujeito deseja ser um dia. O sujeito identifica-se, fissa uma insígnia, um traço do pai.

A identificação com o pai não se dá pela via das palavras de Tiago, que não reconhece de modo algum ter qualquer coisa que os aproxime. Mas seus atos mostram isso: na cena 2, ele ocupa o mesmo lugar que o pai ocupara na cena 1. Nesse sentido, há uma identificação de Tiago com o pai tirânico, que está emaranhado com o laço estabelecido com o crime. Portanto, a identificação é com o pai, com um traço da crueldade com o outro.

Tiago está em uma posição em que lhe parece impossível ser reconhecido pelo pai e valer-se de sua filiação ou autoridade, a não ser por esse único traço. Isso parece confluir com a hipótese de Melman (1992), ao dizer que a delinquência é causada pela falta de reconhecimento simbólico do pai. Só resta atuar sua morte, chamá-lo para o confronto com figuras reais, como é o caso da adrenalina e da chegada do policial. Com o ato, ele visa à legitimidade de sua subjetividade, mas o ato fracassa.

Na hora da frustração com sua mãe, embebida pela dialética do Estádio do Espelho, Tiago faz um apelo para que o pai apareça e resolva a situação. Mas há algo de

confuso, paradoxal, pois existe uma dificuldade de renunciar ao objeto, como propõe a castração; então, o jovem busca incessantemente não enfrentar o desamparo que tal renúncia imporia. Ao tentar lidar com o conflito ligado à castração, algo da ordem simbólica falta a Tiago, por isso ele precisa instituir o pai no âmbito do real. Ele busca uma lei real que o limite e mostra, em sua realidade, aquilo que falhou na lei da castração, na lei edípica. Nesse sentido, retomamos o que Lacan (1950) considera sobre o criminoso, em que ele conquista pelo ato aquilo que deveria ter sido simbolizado pelo Complexo de Édipo. Desse modo, concordamos com Gutton (1990) ao dizer que o pubertário complexifica o destino do Édipo, pois dramatiza e encaixa a cena pubertária a partir de um modelo infantil, mas agora com a potência corporal possível de pôr em ato. Com o adendo de que a adolescência é um processo angustiante que precipita o agir.

A proposição de Bergeret (1996) vem a auxiliar nessa construção. O autor fala de uma angústia primitiva relativa à uma violência fundamental que se liga posteriormente à angústia de castração. Existe uma angústia ligada ao desamparo originário e ao Édipo. Em seu agir agressivo, que possui as marcas de uma base narcísica estremecida, Tiago trilha também sua trama edípica.

5.5 Crime, Angústia e a Agressividade

O ato criminoso inspira em Tiago tesão e adrenalina, respectivamente, pelo prazer que lhe dava o sofrimento de suas vítimas e pelo perigo de poder ser surpreendido por um policial. A busca pela surpresa e pelo desafio não deixa de possuir a marca de uma repetição criminosa que envolve o eu de uma potência fálica. O eu parece emergir e se impor como essencial à discussão do caso. A psicanálise aponta a importância dessa instância psíquica ao falar da angústia e da agressividade.

O eu é a sede da angústia, ou seja, o afeto da angústia surge perante algo que pode deixar o eu sem recursos. Aulagnier (1995) esclarece que a angústia responde a uma situação do ego, que não precisa ser nomeada para fazê-lo submergir. É inerente ao processo adolescente a invasão da angústia, ao mesmo tempo em que o eu é sempre incipiente para responder ao excesso pulsional. Se esse excesso é compreendido como o desejo do Outro, a adolescência corresponde a uma (nova) constatação de que o eu se constitui por uma ausência, ou seja, é incapaz de satisfazer completamente o Outro; ela será sempre vivida como um desamparo, como uma angústia.

O que deixa o eu de Tiago sem recursos? Em seu discurso, encontramos algo: trata-se da entrada no mundo do crime, da cena 1 e da retirada da cama da mãe. Na cena 1, o paciente é um observador de uma violência; encontra-se sem possibilidade de agir, por ser uma criança, mas está olhando. O pai sai de casa e Tiago se encontra na cama da mãe, ofertando a ela cuidado e amor. O seu reposicionamento diante da mãe, metaforizado pela saída da cama, parece colocá-lo novamente em seu lugar de impotente, o que exige dele um destino para a angústia que possa reverter sua situação. A delinquência surge nesse momento em que o narcisismo se esfacela.

Propomos que a agressividade comparece como uma defesa à angústia. Freud (1920) aposta que existe a pulsão de morte e, posteriormente, em 1930[1929] afirma que um de seus caminhos seria a agressividade, como um desvio encontrado também a serviço da pulsão de vida, de Eros. A agressividade, na destruição do mundo externo, contém a junção entre pulsão de vida e pulsão de morte. A agressividade, apesar de potencialmente destrutiva, indica um encontro com a pulsão de vida. Esse incremento da pulsão de vida no estudo da agressividade pode nos indicar que o ato de Tiago visa a algo além do estrago causado pelo seu comportamento – como a fagulha de esperança, apontada por Winnicott (1956a), na aposta de que, ao realizar algo destrutivo no mundo, haverá uma resposta. Cutucar o Outro social com vara curta é saber que alguém irá

responder, seja a outra gangue, seja a polícia, na busca de algo que contenha a agressividade e que coloque limites ao gozo.

Freud (1915) já apontara que são as proibições do Complexo de Édipo que estruturam um sujeito. É o assassinato do pai em *Totem e Tabu* (1913a) e o consequente sentimento de culpa, que permite a instauração e a troca social. Podemos pensar com Lacan (1956-57) que sem uma valência simbólica não há eficácia na interdição do incesto.

Vejamos: o Outro inscreve uma lei e causa o desejo. Ao consentir com a lei, instaura-se o sujeito do inconsciente, que guarda o gozo arcaico. Desse modo, o sujeito pode buscar prazer por meio de satisfações substitutivas. A exigência de gozo que se mostra no ato criminoso revela uma falha da lei em passar o gozo para o inconsciente. A satisfação direta obtida no crime não encontra o caminho do circuito do desejo, da simbolização e da castração.

Lacan (1948) sustenta que o esfacelamento de uma imagem narcísica desencadeia a agressividade, que aparece como um modo de defesa do eu. Ora, nesse mesmo texto, Lacan indica que o eu é estruturado de modo passional e que “essa forma se cristalizará, com efeito, na tensão conflitiva interna ao sujeito, que determina o despertar de seu desejo pelo objeto do desejo do outro: aqui, o concurso primordial se precipita numa concorrência agressiva [...]”(p.116). A estrutura do eu porta a dimensão agressiva que está imbricada no desejo do Outro. Como fazer do eu o objeto que tamponará a falta? Esse momento remonta à questão da angústia em que o temor está no retorno do desamparo, em que um excesso pulsional (o nebuloso desejo do Outro) invade o sujeito. Nesse sentido, a agressividade aparece como principal caminho, em um emaranhado de pulsão de vida e de morte, para a preservação do sujeito. O agir agressivo na adolescência ocorre de modo a não passar pelas vias do recalçamento, como aponta Roussillon (2000), mas pela realização.

A agressividade é uma questão especular onde uma rachadura na imagem idealizada é percebida como um esfacelamento da identificação original que pode precipitar, no sujeito, um ato. Como consequência da angústia, Tiago age com violência. A agressividade é então uma defesa a ser objeto. Porém, o lugar fica confuso, pois é por meio de uma valoração do eu, colocando-o paradoxalmente como objeto, que o jovem busca uma potência fálica imaginária. Ao querer uma posição de sujeito, ele se toma por objeto, em uma dialética da frustração.

Lacan (1960-61) propõe que, entre a angústia e a agressividade, exista uma relação transversal. É na relação especular, do sujeito com a imagem, que se instaura a reação dita de agressividade. O sinal da angústia é dado na medida em que algo perturba o eu ideal originado na imagem especular. A angústia se dá pela percepção de ser objeto. A agressividade é uma defesa a ser objeto, desencadeada pela quebra da imagem narcísica. Por estar na dialética da frustração, imerso na voracidade materna, o agir agressivo é uma medida de existência, como a saída mais radical perante a angústia. Alberti (2009) retoma que o funcionamento do ego proposto por Freud em 1926 serve para evitar a angústia. O ego antecipa imaginariamente o perigo, desencadeando processos de defesa que, normalmente, só seriam utilizados diante de um perigo real. Aqui, o perigo é imaginário e a defesa é a precipitação para o ato. A agressividade, então, pode ser caracterizada como uma defesa, mas o jovem está se defendendo de quê?

Tiago está de algum modo impossibilitado de usar outros recursos simbólicos que envolvam processos internos. Sua agressividade é um recurso que implica uma atuação com o mundo externo. Sobre isso, é interessante reformarmos o que Marty (2006) propõe: o ato é um recurso encontrado pelo sujeito na busca de uma solução para o desamparo. Essa é uma saída encontrada pelo sujeito diante da precariedade de tornar isso como um processo interno que envolve vias de simbolização mais eficazes, ou, ainda, por estar preso em uma dialética da frustração em que a vulnerabilidade ao outro

deve ser combatida com todo o vigor agressivo. A angústia, como o duplo, anuncia a redução do sujeito a um objeto e a agressividade é uma defesa a ser objeto. Caracterizamos a agressividade como uma defesa porque ela possui a marca da certeza da existência e propor uma separação entre o eu e o Outro, como já afirmara Lacan (1962-63). Diante da constatação da angústia, a agressividade traz uma certeza narcísica.

Para Tiago, em um *só depois* do Estádio do Espelho, é preciso reapropriar-se de sua imagem de modo valorizado. O que está em jogo é a valorização do eu-objeto em uma reivindicação egoica do olhar do outro que garanta uma imagem unificada. Na saída agressiva o eu está em questão, baseado na dialética especular em que é preciso destruir o outro para sobreviver. O encontro com o feminino, com algo que não é de uma valência simbólica, escancara a faceta mortífera do duplo. Não se pode ser um falo imaginário meia-boca; ou é tudo, ou é nada. Tiago parte para o tudo. É como aponta Lesourd (2004), ao afirmar que a violência no jovem delinquente pode ser caracterizada como uma separação impossível da mãe arcaica. É impossível não somente pelo prazer incestuoso, mas essencialmente por não ser possível ocupar outro lugar que não seja o da certeza da voracidade materna.

5.5.1 *Acting out* e passagem ao ato

Quando o caminho para ser objeto de tapeação é colocado fora do gozo, a angústia é provocada. A possível saída é a do ato. As concepções de *acting out* e passagem ao ato foram abordadas no capítulo II. O primeiro tem como objetivo a representação, demonstração, teatralização. O segundo é uma precipitação direta para o real, sem qualquer referência à dimensão imaginária. Sem elementos para demonstrar, o indivíduo não consegue manter a cena e a deixa.

O *acting out* é uma mostração velada para o sujeito que age. Mas, por outro lado, é visível que ali há a encenação de um fantasma. Aulagnier (1995) afirma que, diante da angústia, a possibilidade de lidar pela via simbólica se esvanece e, em seu lugar, surge o fantasma. É como uma tela na encenação da angústia. Vimos o caráter de um simbolismo edipiano que a cena 2 comporta. O crime de Tiago parece endereçar algo ao Outro social – não só por ser um confronto com a lei, mas por ele afirmar que suas ações são endossadas pela adrenalina, pelo temor (e desejo) da aparição de uma figura paterna. Tiago convoca o social a responder, a impor uma lei que impeça o seu gozo desenfreado. A lei instaurada pela função paterna do Complexo de Édipo é encenada. Resta a mensagem, o apelo para que o outro da paternidade compareça não somente na tirania, mas também na ordem pacificadora.

Há um detalhe na cena 2 que merece destaque, pois podemos questionar se essa não seria uma passagem ao ato. Quando finalmente chega o momento temido e desejado – o encontro com um policial –, Tiago não consegue efetuar nenhum disparo contra ele, não usa a vítima pra se proteger, nem atira nela. Será que o policial não atirou nele por parecer um alvo fácil? O termo correlato à passagem ao ato é “deixar-se cair”; poderíamos pensar em “deixar-se atingir”.

Uma das condições para a passagem ao ato é a confrontação entre desejo e lei, que impõe o nível máximo de dificuldade. Por um momento, identificado com o pai, Tiago ocupa incestuosamente seu lugar. Lugar de desejo. O que caracteriza a delinquência como um ato incestuoso é a consequência de exigir a presença de uma autoridade real, o pai. Por isso, o jovem não deixa de, em um *acting out*, estar encenando o simbolismo edipiano. Até que surge o policial, que representa a proibição social e encarna a figura paterna, fazendo confrontar desejo e lei. Tiago é atingido no ombro e na cabeça, mas sobrevive sem maiores sequelas – de acordo com os médicos, por sorte.

Porém, a segunda condição proposta por Lacan (1962-63) é de uma identificação com objeto *a*, em que o sujeito sai de um objeto fálico imaginário enganador para um resto. Tiago dizia que essa situação o fazia perder ainda mais o tesão por roubar – como se tivesse sido possível a ele ver, de relance, que aquele lugar que ele insistia em ocupar era reduzido. Não há palavra, simbólico ou significante que possa conter essa invasão desenfreada da angústia. Trata-se de um retorno à exclusão fundamental. Mas Tiago poderia estar paralisado, sem reação, e não necessariamente se desligando do simbólico, de qualquer endereçamento ao Outro.

O caso da jovem homossexual (Freud, 1920a) mostra a confrontação da lei com o desejo, no encontro do pai com a filha e sua dama. Mostra também a desistência da jovem, na tentativa de suicídio, em uma súbita saída do simbólico. Os tiros que atingiram Tiago seriam equivalentes para ele ao olhar do pai ou à tentativa de suicídio da jovem homossexual? Apostamos que houve uma confrontação entre lei e desejo, mas que nisso, Tiago não se precipita para fora do simbólico. Tal encontro é, sem dúvida, destrutivo, pois diferente de um olhar (como na jovem homossexual), o que vem em direção a ele são tiros. Contudo, ele ainda está imerso no *acting out*.

5.6 Demanda e Transferência: Atualização da Cena

O trabalho de construir uma demanda com Tiago possuiu dois complicadores. O primeiro é que Tiago parecia ser completamente cego com relação ao seu sofrimento. Não tem o menor vislumbre daquilo que é da ordem do seu desamparo. Fazia questão de sempre ressaltar como conseguia sair facilmente de situações difíceis e que nada de problemático em sua vida o afetara.

Apontar isso no discurso dele requereu sutileza. No início do tratamento, marcado pela minha inexperiência como psicóloga, apontava claramente os momentos que teriam sido difíceis para ele, por vezes só replicando algo que ele já havia dito.

Costumeiramente, ele me chamava de *louca*. Como fazer uma demanda de análise com um sujeito que nem se percebe em sofrimento? É um trabalho argucioso do analista ir apontando o desamparo do sujeito e o modo como isso tem peso em sua vida. Logo decidi mudar a estratégia que faria uso da dimensão imaginária na qual ele parecia estar preso. Fazia do meu rosto uma tela para o susto, mostrando como era espantoso ele ter vivido momentos difíceis. Sem dizer nada ele me olhava de modo enigmático.

Nos primórdios da constituição psíquica, Freud (1895) aponta que, imerso no desamparo, o bebê apela ao outro por meio do choro e da motricidade descontrolada. O ato exprime o desconforto do bebê, assim como o agir manifesta o desamparo de Tiago. A mãe supõe que, no pequeno *infans*, existe um sujeito de desejo e o interpreta. Sem dúvida, demonstrar susto não se tratava de interpretar o desamparo do jovem, mas de supor que existia algo dessa ordem nele, com o uso do espanto.

O segundo complicador na construção da demanda era que, devido ao lugar onde eu estava, era permeada por um discurso moralizante. De início Tiago me alertou: *Eu só falo se você me perguntar*. E continuou: *Aprendi a ser assim no mundo do crime, não confiar em ninguém*. Todos os profissionais com quem Tiago entrava em contato eram representantes do Estado. Eu oferecia um tratamento e realizava uma pesquisa. Era preciso lhe dar tempo para perceber que ali não era um mundo criminoso. Como já relatado, com o passar do tempo, ele me confiou seus segredos. Para que isso ocorresse, foi preciso me distanciar de qualquer postura corporal ou comentário que parecesse julgador. O interesse do analista é outro. Escolhi um alvo e, nas sessões, mirava em seu desamparo.

Nesse ponto, a transferência institucional é importante, pois os atendimentos eram realizados no posto de saúde da instituição cada dia em uma sala diferente. Evidentemente, tratar o jovem como se ele tivesse um problema moral ou de caráter que precisava de conserto estava completamente fora da minha visada. O agente ficava na porta e, por vezes, insistia em deixar a porta aberta como sinal de proteção a mim. Eu

insistia do outro lado: a porta devia estar fechada, pois precisávamos de um local reservado.

Tiago tratava todo o enquadre como ameaçador. Estava sempre pronto para se defender e, no início, focava todo o seu olhar e atenção na minha pessoa. Decidi utilizar a displicência²⁰ no enquadre. Fazia questão de tratar as salas de atendimento com desconhecimento: eu não podia mexer em nada e nem sabia onde estavam as coisas. Mostrava-lhe que o espaço físico não era nosso, mas que as palavras eram o nosso espaço. Em uma das sessões, algo curioso ocorreu. Os adolescentes, ao serem trazidos para o local de atendimento, normalmente, vinham acompanhados do agente e se mantinham com a cabeça baixa e as mãos para trás. Aguardavam-me numa pequena sala de espera na enfermaria. Após as férias de fim de ano, Tiago não me esperou. Ao chegar à enfermaria, foi me procurar nas salas. Ouvi quando o agente falou: “Você não sabe onde ela está”. Continuou me procurando, achou-me, entrou, fechou a porta e se sentou. Não importava onde eu estava.

Quanto à questão transferencial, durante quase todo o tratamento Tiago se posicionava corporalmente de modo confrontativo: olhava-me constantemente e observava todos os meus movimentos. Sentia-me presa, encurralada e angustiada. Rivalizar com Tiago foi uma das questões de que precisei fugir atentamente. Tratava-me como se estivesse sempre pronto a atacar, como se me pedisse para ser grosseira, mandá-lo embora. Mas não seria esse seu modo de se defender?

Eu não ocupava o “papel” que ele encontrou nos outros profissionais da instituição, pois não estava especialmente interessada em seu caráter. Os atos de Tiago – postura corporal, olhares e falas – funcionavam como um pedido de reatualização do desamparo. Com sua postura confrontativa, ele me solicitava uma resposta agressiva ou apassivada, paralisada. Parecia demandar que eu o rechaçasse ou sentisse medo, como

²⁰ O termo “displicência” para tratar minha postura nas sessões, não deve ser compreendido como negligência ou falta de cuidado. Mas como um semblante em que eu buscava um descolamento do ambiente físico.

se eu ali, como analista, fosse vítima dele. É preciso ocupar outra posição em relação a qualquer demanda desse tipo.

O trabalho da análise é uma aposta nas palavras para singularizar a constituição de uma demanda, o analista como testemunho do desejo do paciente e não enquanto o outro que reconhece. Ao se recusar a ocupar a posição de reconhecimento que o sujeito pede – afinal, não é tamponando a demanda o lugar de que respondemos – e ao escutá-lo em seu desamparo, o analista está em sua função.

Foi preciso suportar o que Tiago direcionou a mim, deixar que ele me colocasse nesse lugar, sem responder a ele. Em um primeiro momento, o que ele demandava era um rechaçamento, e era por meio dessa demanda que ele se engajava no tratamento. Porém, eu não poderia tamponar a agressão, seja com uma interpretação grosseira, seja com uma resposta agressiva. Mesmo o analista sabendo que a demanda não é direcionada a ele, a chamada transferência negativa parece cutucar um traço elementar das neuroses, a rivalidade. Por várias vezes, percebia que desejava mostrar de modo escancarado e descuidado a Tiago o tanto que ele estava desamparado e sofria com isso. Apreendi que aquele era um caminho encontrado por mim para devolver a agressividade que ele me direcionara, como se dissesse “quem você pensa que é para me enfrentar? Você não passa de um pobre diabo!”. É preciso ofertar uma escuta do inconsciente e colocar o desejo do analista para domar esse cavalo raivoso. A proposta ética da análise é sustentar o desejo que tangencia sua escuta para fazer do desejo inconsciente do analisante o objeto orientador do trabalho de análise.

Ao oferecer a minha escuta, uma demanda de análise apareceu minimamente relacionada à cena 2. Como já havíamos apontado, sobre essa cena, houve várias versões. Cada vez que ele me contava a cena algo de novo era colocado, por vezes, qualitativamente diferente da anterior. Em um primeiro momento me dizia que não sabia que havia uma mulher dentro do carro; depois sabia que ela estava lá e “acabou” por fazê-la refém; por fim, afirmou que visavam o roubo do carro e o sequestro da

vítima. Evidente que grande parte dos relatos era escondida de modo consciente de mim, mas ao me contar, Tiago, mostrava certa confiança em mim e permitiu que um trabalho fosse realizado. Com a confiança estabelecida na transferência, foi possível ter acesso, alargar e relativizar o mundo imaginário de Tiago. Abrir, minimamente, uma porta para a fantasia. Buscar uma significação do ato constitui-se em um dos direcionamentos do tratamento desses adolescentes. Apostamos que aqui foi possível o início de uma tomada simbólica na construção de um espaço psíquico fantasmático diferente da dimensão do ato, que mais tarde fomos encontrar o fio de articulação inconsciente com as questões edípicas de Tiago.

Sobre essa dimensão incestuosa e edípica do ato de Tiago, o analista intervi auxiliando-o a costurar sua história. Desse conjunto de cena aparentemente simples, apontava-se o que o ato dizia dele. Como propõe Lesourd (2004), transformar o agir em ato por meio da autorização do sujeito pelos seus atos. Para que isso possa se realizar, é preciso tomar o caminho da palavra. Conseguir elaborar algo é tirar um pouco da nebulosidade que encobre o crime como fragilidade narcísica e suas características incestuosas e parricidas.

Tiago utilizou o recurso do agir na clínica numa tentativa de reatualizar o desamparo ou fazer com que eu me sentisse numa posição de vítima. Ou eu, ou ele. Ora, o poder que o analista tem no tratamento é o de se desvencilhar dessas demandas sem constrangimento. O analista paga “[...] com sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência” (Lacan, 1958, p.593), pois tem que suportar ficar nessa posição, sem responder nos moldes da demanda, ao mesmo tempo em que solicita o uso da palavra. Parte do manejo se dá pelo convite à fala diante do ato. Vamos retomar a angústia e o termo *erwartung* – expectativa – utilizado por Freud (1917) para pensar em um caminho para essa tomada pela palavra.

5.7 *Erwartung* como um Caminho para a Elaboração

O despertar para a angústia é dado não pela presença do Outro, mas sim pela confrontação com o desejo do Outro que faz comparecer o desamparo originário. Lacan (1960-61) retoma um conceito freudiano (1917) que pode ser importante no tratamento, o de expectativa – *Erwartung*. Ora, o sujeito se sente em desamparo, angustia-se e foge. A importância da angústia no processo analítico se dá pelo fato de o analista trazer a função de espera. Neste seminário, Lacan, parte da concepção de que o sinal da angústia é dado na medida em que algo perturba o eu ideal originado na imagem especular. No desamparo o sujeito está transtornado, não pode ultrapassar essa situação de modo algum. Entre o desamparo e a fuga existe outra saída que faz parte da própria angústia, que é o seu caráter de *Erwartung* – expectativa.

Tiago não demonstra o afeto da angústia nos primeiros momentos em sua fala ou em seus relatos. A angústia é um sinal que coloca o sujeito em estado de espera para o perigo futuro. Existe algo da ordem da expectativa, no sentido de que, ficando em *Erwartung*, algo do desamparo pode comparecer e permitir uma elaboração psíquica. A angústia possui um caráter produtivo, pois esperar por algo pressupõe um tempo de compreensão e de elaboração (Chediak, 2007). Tiago não se permite sentir a angústia e corre para tamponá-la com seu ato, recusando o tempo da expectativa que permite uma elaboração. Nas sessões, assume uma postural corporal confrontativa, olha-me fixamente e diz – *eu só falo se você me perguntar*.

A angustiada no início do tratamento era eu: encontrava-me desesperada por instigá-lo a falar. E ele falava, respondia a tudo que lhe perguntava e permanecia ali, encurralando-me com o olhar e com muita tranquilidade e serenidade em sua voz. Eu caía no seu jogo e fazia perguntas constantemente. Perguntava-me, “onde está a angústia de Tiago?”. Ora, como ela apareceria se eu não deixava brechas? Aos poucos

fui retirando minha fala, mantendo-me com uma postura mais desleixada²¹. Ele precisava da minha presença sem coordenadas. Ofertava-lhe com meu corpo um tempo de espera que permitisse uma elaboração, sem a passagem direta para uma resposta plena, para o agir. Algumas sessões após esse novo posicionamento ele parecia nervoso e, sem que eu perguntasse, respondia a várias das questões que eu lhe havia feito anteriormente. Depois, angustiado por sempre me contar a mesma coisa e com meu ar displicente, que parecia o incomodar, começou a falar de seu cotidiano na instituição, contou-me segredos, revelou para onde e quando fugiria, e relatou a cena 2 várias vezes, inclusive acrescentando algum nível de elaboração.

A angústia pode ser compreendida como sinal de busca de ajuda para lidar com um desamparo que o aparelho psíquico não tinha estrutura para suportar. Ela comparecia para sinalizar que era preciso uma elaboração. Não bastava me contar a cena; era preciso que ela fosse revista e revisitada. Nas minhas intervenções, buscava remontagens da cena, as mínimas diferenças. Eu não apontava as diferenças, mas as ouvia e fazia as intervenções a partir delas. Isso ocorreu nesse tempo suspenso da ação, nesse tempo de expectativa. Por exemplo, quando me contou pelas primeiras vezes a cena 2 as duas partes que me relatava mais rapidamente se referiam ao seu papel com as vítimas e o surgimento do policial. Primeiro ele só queria o dinheiro da vítima, depois afirmou que era ele quem a continha, em seguida, falou que nos roubos sempre ocupava o papel de quem “ficava” com as vítimas, por fim, contou-me que era uma figura ameaçadora, ameaçava-as de morte e queria ver o medo nelas. Com relação ao policial o seu aparecimento aparece como um mero infortúnio, mas quando pôde falar, em outros momentos, da sensação de *adrenalina* um novo campo em seu discurso se abriu. Disse, em outras palavras, que o esperava o policial e com seu surgimento parou de se ocupar com sofrimento da vítima, naquele momento, queria atirar no policial. Mas, de novo, o

²¹ O termo “desleixada” é relativo a uma escolha de postura, com o intuito colocar uma incógnita na transferência e chacoalhar a situação em que me encontrava, a de angustiada.

“infortúnio”, Tiago foi o atingido. O lugar que eu focava minhas intervenções foram sempre no “algo de novo” surgia em seu discurso, buscando ampliar esse novo capô de atuação simbólico do jovem pela fala.

Aulagnier (1995, p. 6) diz que “o sujeito é o afeto-angústia; ele a vive de modo total, e esta impregnação, esta captura do ego que se dissolve na angústia, é propriamente o que impede a mediação pela palavra”. Nas últimas sessões, Tiago me contou que sentia prazer com o sofrimento do outro e que sentia raiva do pai. Imprimiu algum sentimento em relação ao ocorrido com o pai, no lugar de *ele não é nada na minha vida*, como dizia no começo dos atendimentos. Colocar em palavras é transformar em comunicável aquilo que foi vivido no nível do corpo, ao mesmo tempo em que se toma uma mínima distância em relação à vivência afetiva. Para Aulagnier (1995), quando isso acontece, mostra que o ego já adquiriu certo domínio e objetividade perante um afeto.

Freud (1930[1929]) propõe a sublimação e a fantasia como processos psíquicos para fugir ao sofrimento, deslocando a libido para eludir a frustração do mundo externo. “[...] Esse procedimento já mostra claramente uma intenção de nos tornar independentes do mundo externo pela busca de satisfação em processos psíquicos internos...” (p. 88). Esse seria o movimento da análise, não especificamente no sentido sublimatório, mas de busca por satisfação na elaboração, ou seja, em processos psíquicos internos. Para que o sujeito não precise de um ato que faça esse simbolismo, ou melhor, para além do ato, ele pode ter outros recursos. Freud (1930[1929]) escreve que, “assim como o negociante cauteloso evita empregar todo seu capital num só negócio, assim também, talvez, a sabedoria popular nos aconselhe a não buscar a totalidade de nossas satisfações numa só aspiração” (p.91). Para Tiago parar de apostar todas as suas fichas na criminalidade, seria preciso que houvesse um recurso simbólico que o permitisse sair das garras da onipotência materna. O agir surge, exatamente, a partir da impossibilidade de elaborar

uma angústia por meio de um processo interno. O sujeito, então, toma um caminho que engloba uma atuação com o mundo externo.

As demandas de Tiago foram se tornando complexas na medida em que suas fantasias ficaram em alto relevo. Isso foi possível por meio do trabalho realizado no manejo da transferência (não respondendo do lugar imposto) e ao habilitar o campo da fala. Acreditamos que análise produziu alguma elaboração por parte de Tiago, pois certas ligações e vinculações foram feitas, seja pela exposição de afetos (como o de raiva do pai e seus atos criminosos) ou nas relações que com sua história de vida.

Destarte, apesar de o ato ser dado à interpretação psicanalítica e permitir vislumbrar os entremeios do desejo adolescente, ele também possui sua capacidade de emudecer. Sousa (2000) afirma que o ato violento é um rompimento do diálogo e não contribui para a recriação do laço social, pois impede a circulação da palavra. Como já vimos, esse é um caminho precário de simbolização. Nessa direção, Melman (2003, p. 69) afirma que “a violência aparece a partir do momento em que as palavras não têm mais eficácia”. Quando o sujeito deixa de ser reconhecido como sujeito, quando sua fala não é caminho para obter tal reconhecimento, a violência sobrevém. A violência pode ser abordada como o declínio do poder da palavra – não se reconhece o outro como semelhante, então é impossível colocar a palavra em circulação. O ato violento sinaliza um impasse na manutenção dos laços e, como consequência, emudece a palavra do sujeito.

É nesse impasse do ato, de simbolizar algo ao mesmo tempo em que cala a palavra, que a clínica psicanalítica pode mostrar seu poder. Freud nos ensina sobre o poder da palavra e a teoria de Lacan desvela o caráter apaziguador do simbólico. É a partir do desejo do Outro e do poder de sua palavra que nasce um sujeito, contornando o corpo erógeno e reordenando a posição subjetiva diante do Outro. A clínica nos convoca a colocar o peso sobre a palavra e implicar o sujeito no seu discurso e no seu desejo.

5.8 Os Níveis da Transferência

A análise da transferência, a partir desse caso clínico, pode ser feita em dois níveis. O primeiro, já trabalhado nas sessões anteriores, está no âmbito da minha relação analítica com Tiago. Apesar de aparentemente receptivo a proposta de análise, o jovem se posicionava de modo confrontativo e ameaçador. Colocava a angústia do meu lado do seu lado a atuação no tratamento. Da minha parte duas respostas eram possíveis: a de ser vítima de sua ameaça e ficar encurralada ou responder também agressivamente e acabar por expulsá-lo da situação de análise. Uma das possibilidades do analista é não entrar no jogo do analisante, por isso, com certa tranquilidade em um semblante de despreocupação busquei uma terceira posição para que a angústia pudesse aparecer do lado de Tiago. O que possibilitou um tempo de espera e de elaboração sobre as cenas.

O segundo nível é o da transferência institucional que é essencial por perpassar o primeiro de modo premente. Era claro que no início do tratamento Tiago dirigia a mim um discurso de que havia se transformado e não queria mais fazer parte do mundo do crime. Não era para mim que ele falava, mas para a instituição. Tratei o espaço físico com certo desconhecimento e procurei escutar o desejo dele. Porém, o enquadre analítico não estava, de início, despojado de um enquadre institucional. Para isso, é preciso que o analista fique atento a esse aspecto como algo que pode interferir o processo analítico.

No caso de Tiago, a instituição, em certo sentido, impossibilitou a continuidade do trabalho. Para uma melhor análise, vamos trazer à tona o fim do tratamento dele. Nos últimos meses devido à problemas da instituição fui, por vezes, impedida de atendê-lo. Por vários motivos: estavam com poucos agentes, faltava sala, não podiam retirá-lo do pátio porque outros adolescentes estavam tomando sol... Quando isso ocorria, na sessão posterior eu sempre informava para Tiago o ocorrido. Mas a frequência com que isso

começou a acontecer tornou-se grande e um dia Tiago parou de comparecer as sessões, como se a instituição tivesse invadido o mínimo enquadre que se tinha estabelecido.

Existiam somente dois caminhos para eu falar com Tiago. Eu poderia chama-lo ao posto de saúde (local que fazia os atendimentos) ou a técnica poderia marcar um horário para falar com ele e comigo. A primeira já estava fora de cogitação, convoquei-o por quatro semanas consecutivas e ele se recusou a comparecer. Na segunda, a interferência de técnica foi essencial. Porém, apesar de ter feito o encaminhamento, desde o início ela não concordava com o tratamento, dizia que Tiago não tinha solução e era perda de tempo. Acreditava que eu deveria ofertar um escuta para quem desejasse mudar, o que não era o caso dele. Durante esse mês solicitei que fosse marcado um horário para que eu tentasse conversar com Tiago. Mas ela nunca marcava e insistia para que eu atendesse outros no lugar dele. Depois de seis semanas eu desisti. Nesse caso, o pensamento da técnica e a estrutura da instituição invadiram o enquadre da análise, a ponto de ser impossível sua continuidade.

Da experiência com esse caso, pude concluir que os dois níveis precisavam ser trabalhados no maneja transferencial e que eu poderia ter me utilizado desse duplo enquadre a favor do trabalho. A partir de certa “displicência” com o ambiente foi possível ressaltar que o enquadre não é unicamente de uma tela do analisante, mas também é um espaço para a atuação do analista. Todo o enquadre analítico pode permitir a construção de um novo âmbito psíquico para o sujeito, um lugar em que seus atos ganhem as marcas de novas significações. Porém, a posição da técnica mostra que a instituição, que aparentemente mantém o discurso de reabilitação e reintegração social de todos, pode ser um cruel impeditivo. Afinal, a técnica pôde interferir de modo a selecionar quais os adolescentes que merecem as intervenções disponíveis, ou seja, que saberão aproveitar o que os profissionais têm a oferecer.

Conclusão

Este trabalho de construção de caso permitiu desvendar hipóteses metapsicológicas sem a pretensão de ofertar uma posição final, mas de buscar delineamentos possíveis para a agressividade em um adolescente e abrir novas questões. Ao resgatar os casos clínicos de Freud ficou claro que ao mesmo tempo em que as hipóteses metapsicológicas pautam as intervenções freudianas, ele não deixa de se questionar e colocar em xeque seus pensamentos. O que reafirmou o movimento buscado nessa pesquisa, o de fazer a clínica e a metapsicologia se retroalimentarem. A sexualidade do púbere na obra freudiana não possui um tratamento sistemático e resta como um pano de fundo, mas mantém sua importância para a constituição do aparelho psíquico.

Foi possível situar o processo e a clínica com jovens em conflito com a lei através do ângulo de um processo adolescente “comum”. A concepção de adolescência é tão cara a esta pesquisa por oferecer o norte de nossas análises. A adolescência foi delineada como um tempo lógico marcado pela angústia, pela reedição do Complexo de Édipo e pela fragilização das bases narcísicas.

Tomamos o agir de uma adolescente como parte de sua subjetividade que demonstra seu modo singular de estar no mundo, mas também pode ofertar a metapsicologia um ganho relativo ao estudo da transferência, da angústia, da agressividade e do Complexo de Édipo. Ressaltamos que no título dessa dissertação tratamos o agir como “violento”, apesar de no decorrer da escrita utilizarmos ambos os termos, violência e agressividade, e no desenvolvimento com relação à angústia no caso clínico foi usado unicamente o termo agressividade. Percebemos que os autores fazem uma diferença, colocando o termo “violência” quando se referem a algo do originário, da relação primitiva com a mãe ou de quando abordam o trauma. Enquanto que a “agressividade” é relativa a algo mais organizado e direcionado pelos caminhos do

Édipo. Na análise do caso observamos o destino edípico da delinquência, porém decidimos usar o “agir violento” para demonstrar o peso do arrombamento pulsional desses adolescentes, bem como imprimir o caráter primitivo e angustiante do encontro com o materno.

Ao estudar a trama edípica de Tiago foi possível trabalhar questões relativas ao mortífero encontro incestuoso com a mãe. Ao mesmo tempo em que consiste uma relação incestuosa, esse encontro, faz anteparo à entrada paterna. O sujeito brinca com a lei, como se fizesse também um apelo à presença de um pai que oferte limites ao impacto do gozo que o invade.

Ora, deixar a lei incidir é permitir que uma parte do gozo pleno seja colocado fora das probabilidades. Na constituição do sujeito, vinculado à incidência da linguagem, algo fica para sempre perdido. É condição para o inconsciente que o saber e o sexo mantenham a marca da impossibilidade. O que articula a relação entre desejo e lei, que demarca o gozo como uma busca impossível, é função do pai, como aponta Lacan (1964a, p. 38): “O pai, o Nome-do-Pai, sustenta a estrutura do desejo com a lei [...]”. A aposta delinquente de Tiago em uma relação completa tolhe o reconhecimento da lei. Porém o que parece estar na base é que algo, da ordem da função do pai, não colocou o gozo em seu lugar de impossibilidade.

A repercussão é que o sujeito fica sem referência simbólica para se organizar e lhe é impossível ocupar o lugar de se deparar com a falta. O sujeito fica sem resposta para o encontro com o Outro sexo, com o vazio. Vimos que a adolescência é exatamente esse momento provocador de angústia. A precariedade na simbolização dificulta que ele responda com seus recursos internos, fazendo com que se use o recurso à ação.

Na delinquência há sempre um investimento em um objeto para ser destruído, vendido, guardado... Porém, geralmente em algum sentido seu destino ostenta uma insígnia de poder. O agir do delinquente o coloca numa busca de um olhar que o reconheça e o contenha. O corpo púbere parece atuar uma interessante duplicidade: se,

por um lado, mostra o desejo de restituição narcísica através do reconhecimento, por outro lado, na contenção social e no confronto com a lei parece exigir a presença de um pai. Podemos pensar que o agir criminoso pode se revelar incestuoso na busca obstinada sem limites por um gozo arcaico através do reconhecimento de seu lugar. Ao mesmo tempo, encena o Édipo no ato criminoso, como dito por Lacan, em um simbolismo da significação social do edipianismo.

A análise do caso não permitiu trabalhar de modo profundo o funcionamento do Édipo. Porém, ficou evidente que algo da valência simbólica do falo não foi bem instituída nesse sujeito. O que gera uma dificuldade em trabalhar seus conflitos de modo interno – fantasia e sublimação – mas é preciso enlaçar o mundo externo em uma atuação criminosa.

O psicanalista que se oferece como Outro não fica fora desse laço do adolescente. É convocado a trabalhar as demandas que lhe são endereçadas e os entremeios da transferência. Vários são os obstáculos impostos pelo adolescente e, principalmente, pela subjetividade do analista na transferência e na direção do tratamento. Procuramos apontar a necessidade de se desvencilhar das demandas sociais e morais e de se filiar ao desejo do analista na busca de uma reintegração simbólica da palavra através da história do sujeito.

Na tentativa de evidenciar o lugar que o analista é colocado, visávamos que ele dali pudesse sair, ou melhor, que pudesse ocupar esse lugar sem dele responder. Na clínica nos deparamos com um complicador que pode ser muito astucioso, a rivalização do analista. Por isso, a angústia, tanto do analista quanto do analisante, foi um ponto nodal para o nosso estudo. O analista pode perceber, na angústia que sente, aquilo que o analisante direciona ao Outro. Fazer uso disse no manejo transferencial é fundamental, pois se ele entra no jogo proposto pelo jovem não haverá possibilidade de trabalho. Ao mesmo tempo em que é necessário que o analisante se angustie para que haja trabalho. Mais que isso, é preciso que ele suporte ficar angustiado. Nesse sentido, é um trabalho

minucioso e peculiar, pois se trata de um sujeito que cola a angústia no ato. Essa clínica tem como sua peculiaridade o trabalho com o desamparo e a necessidade da atuação do analista por meio da transferência e fazendo uso do enquadre.

Além disso, nesta dissertação tivemos como princípio resgatar o valor da aposta freudiana no inconsciente e na fala como um caminho para seu encontro. A prática psicanalítica se constitui a partir do saber atribuído às ações e palavras de um sujeito. O psicanalista deve se fiar à proposição de que as atuações de um sujeito devem ser regidas pelo seu desejo e não pelo seu gozo. Salientamos a necessidade de acolher as poucas palavras, os atos exacerbados e o desejo difícil de ser visto desses sujeitos durante o processo analítico. Além da condição radical de desamparo, que os acomete não unicamente devido ao adolescente, mas também a sua pobreza de estrutura simbólica, ao se depararem com o esfacelamento de sua imagem.

Referências

- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- _____.(2002). O adolescente e seu pathos. *Psicologia USP*, 13(2), 183-202.
- Amparo, D.M.; Gusmão, M.M.; Vilas Boas, L.M. (2012). O agir violento na adolescência: simbolização e dispositivos clínicos. In: D.M. Amparo; S.F.C. Almeida; K.T. Brasil; M.I.G. Conceição & F. Marty (Org). *Adolescência e Violência: Intervenções e Estudos Clínicos, Psicossociais e Educacionais*. Brasília: Editora UnB.
- Amparo, D.M.; Pereira, M.S (2010). Adolescência e passagem ao ato: aspectos clínicos e psicodinâmicos. In: D.M. Amparo; S.F.C. Almeida; K.T. Brasil; & F. Marty (Org). *Adolescência e Violência: Teorias e Práticas nos campos Clínico, educacional e jurídico*. Brasília: Editora UnB.
- André, S. (1999). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Aulagnier, P. (1995). Angústia e Identificação. *Percurso*, 14 (1), p.5-14.
- Balier, C. *Psychanalyse des comportements sexuels violents*. Paris: PUF.
- Benvenuto, B. (2001). Era uma vez: o bebê na teoria lacaniana. In: *Diálogos Klein-Lacan*. São Paulo: Vie lettera Editora e livraria.
- Bergeret, J. (1996). *La violence fondamentale*. Paris: Dunod.
- Berlink, M. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- Breuer, J., Freud, S. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. Casos clínicos: Katharina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. II, p.151-160.

- Caon, J. L. (1994) O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7 (2).
- Celes, L. A. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do Caso Dora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chediak, G.F. (2007). *Sobre a Angústia: um ensaio psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Cottet, S. (1993). *Freud e o Desejo do Psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Coutinho, L.C. (2004). Adolescência e trauma: a questão do 'agir' adolescente na contemporaneidade. In Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Adolescência: Um problema de fronteiras* (pp. 103-115). Porto Alegre: APPOA.
- _____.(2006). Pensando sobre as especificidades da clínica psicanalítica com adolescentes. *Jornal de Psicopatologia Fundamental On line*, VI (2), 44-55
- _____.(2009). *Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ.
- Dor, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre.
- Fédida, P. (1989). Modalidades da comunicação na transferência e momentos críticos da contratransferência. In: P. Fédida (Org.), *Comunicação e representação*. (pp. 91-123). São Paulo: Escuta
- _____(1991a). A construção. Introdução a uma questão da memória na supervisão. In: *Nome, Figura e Memória. A linguagem na situação psicanalítica*. (pp. 171-181). São Paulo: Escuta
- _____(1991b). A construção do caso. In: *Nome, Figura e Memória. A linguagem na situação psicanalítica*. (pp. 215-236). São Paulo: Escuta

- Franco, S.G. (2000). A transferência na histeria – Um estudo no “Caso Dora” de Freud. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 23 (132), 23-33.
- Freud, S. (1895). Projeto para uma Psicologia Científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. I, p. 335-454.
- _____. (1895a) Resposta às Críticas ao meu Artigo Sobre a Neurose de Angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. III, p. 121-138.
- _____. (1896). A Etiologia da Histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. III, p.187-215.
- _____. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. IV.
- _____. (1900-01). A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. V.
- _____. (1901). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VI.
- _____. (1905). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, p. 15-116.
- _____. (1905a). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, p. 1119-217.

- _____. (1905 [1904]). Sobre a Psicoterapia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, p. 241-251.
- _____. (1908). Moral Sexual ‘Civilizada’ e a Doença Nervosa Moderna. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. IX, p. 167-204.
- _____. (1908a). Romances Familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. IX, p. 217-222.
- _____. (1909). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. O caso do pequeno Hans. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. X, p. 13-133.
- _____. (1910). As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XI, p.143-155.
- _____. (1910a). Um Tipo Especial da Escolha de Objeto Feita pelos Homens. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XI, p.167-178.
- _____. (1911-1915[1914]). Artigos Sobre a Técnica In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII.
- _____. (1912). A Dinâmica da Transferência. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 109-119.
- _____. (1912a). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 123-135.

- _____. (1912b). Uma Nota Sobre o Inconsciente na Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 275-285.
- _____. (1913). Sobre o Início do Tratamento. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 137-158.
- _____. (1913a). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIII, p. 13-163.
- _____. (1914). Algumas Reflexões Sobre a Psicologia do Escolar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIII, p. 243-250.
- _____. (1914a). Recordar, Repetir e Elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XII, p. 161-171.
- _____. (1915). A Repressão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIV, p. 147-161.
- _____. (1915a). Os Instintos e Suas Vicissitudes. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIV, p. 117-144.
- _____. (1916) Alguns Tipos de Caráter Encontrado no Trabalho Psicanalítico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIV, p. 325-348.
- _____. (1916-17). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVI.

- _____ (1917). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXV: A Ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVI, p. 393-400.
- _____ (1919). ‘Uma Criança é Espancada’ Uma Contribuição ao Estudo das Origens das Perversões Sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVII, p. 235-273.
- _____. (1919a). O ‘Estranho’. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVII, p. 235-271.
- _____. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII, p. 11-75.
- _____. (1920a). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII, p. 157-184.
- _____. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII, p. 79-154.
- _____. (1923 [1922]). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII, p. 251-274.
- _____. (1923). A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 155-161.
- _____. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 175-188.

- _____. (1925). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 273-288.
- _____. (1926). A Questão da Análise Leiga. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XX, p. 175-248.
- _____. (1926a). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XX, p. 81-171.
- _____. (1930[1929]). O Mal-estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXI, p. 67-148.
- _____. (1931). Sexualidade Feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXI, p. 231-251.
- _____. (1932-1933). Conferência XXXIII Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII, p. 113-134.
- _____. (1940 [1938]) Esboço de Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXIII, p. 153-221.
- Gianese, A. P. L. (2004). Psicanálise e Pesquisa. *Psicologia USP*, 15(1/2), 169-182.
- Gutton, P. (1990). *Le pubertaire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____. (2002). *Violence et adolescence*. Paris: In Press Éditeurs
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora* 6, (1), 115-138.

- Jeammet, P. & Corcos.M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jorge, M.A.C; Ferreira, N.P. (2002). *Freud: o criador da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J.(1938). *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1948). A agressividade em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1949). O estágio do espelho como fundador do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 96-103.
- _____. (1950). Introdução teórica às funções de psicanálise em criminologia. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- _____.(1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1953-54). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1956-57). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1958a). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1958b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível das In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- _____.(1958c). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____.(1959-60). *O Seminário, livro 7: A ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____.(1960-61). *O Seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1962-63) *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Ed. J.Zahar.
- _____. (1964). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- _____.(1964a). *O Seminário, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1967). Proposição de 9de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1969-1970). *O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1974). Prefácio a *O despertar da primavera*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 557-559.
- _____. (1975). *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente do laço social*. Petrópolis: Vozes.
- Matheus, T.C. (2007). *Adolescência: história e política do conceito na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marty, F. (1996). Adolescence et puberté dans l’oeuvre de Freud. In: *L’adolescence dans l’histoire de la psychanalyse*. Paris: C.I.L.A.

- _____. (2006). Adolescência, Violência e Sociedade. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, 9 (1), 119-131.
- _____. (2010). Violências e passagem ao ato homicida na adolescência. In: D.M. Amparo; S.F.C. Almeida; K.T. Brasil; & F. Marty (Org). *Adolescência e Violência: Teorias e Práticas nos campos Clínico, educacional e jurídico*. Brasília: Editora UnB.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1999). Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p. 29-44.
- _____. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Mollo, J.P. (2009). Variantes del asentimiento subjetivo. *Revista Virtualia*, (18).
- _____. (2010). *Psicoanálises y criminología: Estudios sobre la delincuencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Moura, A.; Nikos, I. (2000). Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 13 (140), 69-77.
- Neri, R. (2005) *A psicanálise e o feminino: Um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ouvry, O. (2010). Adolescência e violência. In: Amparo, D.M. et al. *Adolescência e Violência: teoria e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico*. Brasília: Líber Livro.

- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: Reflexões psicanalíticas* (pp. 69-79). Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ.
- Queiroz, E. F. de (2002). O estatuto do caso clínico. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 15, (157) 33-40.
- Quinet, A. (2002). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rassial, J. J. (1997). *A passagem adolescente: Da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- _____ (1997a). A adolescência como conceito da teoria psicanalítica. *Revista da Associação psicanalítica de Porto Alegre*, p. 45-72.
- _____ (1999). *O adolescente e o analista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____ (2000). *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rocha, F.J.B. (2011). *Entrevistas Preliminares em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roussillon, R. (1995). *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: PUF.
- _____. (2000) Les enjeux de la symbolisation à l'adolescence. *Adolescence*. Monographie Isap (International Society for Adolescent Psychiatry), p. 7-23.
- Roudinesco E., Plon M.(1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In M. E. L. da Silva (coord.). *Investigação e psicanálise* (pp. 119-132). Campinas, SP: Papirus.
- Salum, M.J.G.(2009). *A psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea*. Tese

de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Savietto, B.B; Cardoso, M.R. (2006). Adolescência: Ato e Atualidade. *Revista Mal estar e Subjetividade*, 6 (1), 15-43.

Simanke, R. (2002). *Metapsicologia lacaniana: Os anos de formação*. São Paulo: Discurso.

Sousa, E.L.A (2000). O silêncio da violência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 19, p. 43-53.

Souza, C. A. (2008). *Ato x Decifração: sobre o conceito de ato em psicanálise*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Tanis, B. (1995). *Memória e temporalidade: Sobre o infantil na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Viola, D.T.D. (2009). *A travessia da angústia: Estudo psicanalítico sobre a função da angústia na formulação do objeto a*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Winnicott, D.W. (1939). Agressão e suas raízes. In: *Privação e delinquência*. Martins Fontes: São Paulo.

_____. (1964). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: *Privação e delinquência*. Martins Fontes: São Paulo

_____. (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1956). A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1956a) A tendência antissocial. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²²

Senhores pais ou responsáveis,

Estamos realizando o Projeto Adolescência, Violência e Traumatismo que tem como objetivo identificar fatores que relacionam a temática da adolescência e as situações de violência. A pesquisa contará com a realização de entrevistas, grupos focais, atendimento psicológico individual e familiar, utilização de técnicas projetivas e aplicação de questionário. Todas as etapas da pesquisa serão realizadas por professores (Psicólogos) e bolsistas-pesquisadores (alunos de Psicologia), devidamente autorizados. Algumas das etapas da pesquisa serão realizadas nas instituições de atendimento aos adolescentes ou nas escolas e outras serão realizadas nas clínicas escolas das Universidades de Brasília e Universidade Católica de Brasília. A aplicação do questionário será realizada nas instituições.

Você pode se recusar a participar ou parar de participar sem qualquer prejuízo. A sua participação é voluntária, e será documentada através da sua assinatura neste documento. A participação na pesquisa não implica em complicações legais, talvez apenas em lembranças de alguns eventos diante da temática que será abordada. Os procedimentos utilizados nessa pesquisa foram aprovados por um Comitê de Ética conforme a Resolução n. 196/96 do CNS. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua integridade. Em caso de necessidade poderá ser realizado atendimento psicológico individualizado.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. Somente os pesquisadores, terão acesso a suas informações.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos, preservando nomes e dados de identificação, e os dados obtidos com a pesquisa ajudarão a compreender melhor a realidade em que estão inseridos os adolescentes, e contribuirão para a melhoria dos serviços de atendimento a essa população. Você não terá nenhum tipo de despesa com a pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, entre em contato com a Prof^a. Deise Matos do Amparo através do e-mail deiseamparo@unb.br ou com o Comitê de Ética em pesquisa (cep_ih@unb.br). Este termo de consentimento está redigido em duas vias, uma ficará com você e outra com o pesquisador.

A devolução dos resultados será realizando junto à equipe técnica que acompanha os adolescentes e à família

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Identificação do adolescente

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

²² Documento elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.